

Ações Educativas e seus Públicos:
Museu de Arte Contemporânea, Museu Antropológico e
Museu de Morfologia

Aluna: Karlla Kamylla Passos dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Camila Azevedo
de Moraes Wichers.



Imagem 1. Mediação na exposição do artista Marcelo Solá, realizada pela autora no Museu de Arte Contemporânea de Goiás. Foto: Gilmar Camilo.

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Ciências Sociais

Graduação em Museologia - Bacharelado

Ações Educativas e seus Públicos:

Museu de Arte Contemporânea, Museu Antropológico e Museu de Morfologia

Aluna: Karlla Kamylla Passos dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como um dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Museologia.

Goiânia, 2016.

Ações Educativas e seus Públicos:
Museu de Arte Contemporânea, Museu Antropológico e
Museu de Morfologia

Karlla Kamylla Passos dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de bacharel em Museologia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers (UFG)

Orientadora

Profa. Dra. Luciana Conrado Martins (Convidada)

Profa. Dra. Manuelina Maria Duarte Cândido (UFG)

Agradecimentos

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. (1 Coríntios 13:2).

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que me ajudaram a chegar aqui. Em especial, minha mãe que por muitas vezes foi quem me deu a direção e tudo que precisei para continuar, especialmente, recomeçar. Dedico, também, a minha 'vó bisa' que me inspirou e ainda me inspira, lembrando das colchas de retalho que fez para mim, processo semelhante ao da construção dessa monografia. Lembro também da tia Fátima que nos deixou esse ano e faz muita falta.

Agradeço imensamente aos meus pais, que acreditaram e seguem comigo nessa aventura que é cursar Museologia nesse país, sobretudo, nessa cidade. Aos meus irmãos, o meu agradecimento por todos os desenhos do meu museu goiano preferido, e de todo o apoio ingênuo nessa caminhada. Ao meu sobrinho que me mostrou uma nova forma de amar. Ao meu amor, o agradecimento por me ouvir e me abraçar. A todos os familiares e amigos que acreditam e torcem, muito obrigada.

A Museologia, minha gratidão e ao professor *Bacurau* que me apresentou esse curso. A Aluane de Sá que me inspirou na prática da Ação Educativa em uma exposição inesquecível, *Múltiplo Leminski*. A Camila que me inspirou desde a primeira aula, e por isso, também estou finalizando um trabalho sobre Ação Educativa, a ela também, meus eternos agradecimentos por ter aceito a orientação e ter seguido esses anos ao meu lado, por todas as correções, reuniões e conversas de corredor, inspiradoras. Agradeço a Luciana Conrado Martins por ter aceito fazer parte da minha banca, e também por todas as ideias e esclarecimentos que tive lendo sua tese. A Manuelina Maria Duarte Cândido, por ter aceito fazer parte da última etapa desse processo, que teve participação me inspirando a cada dedicatória em seus livros, nas aulas de *Introdução a Museologia* e na carreira brilhante. A todos os professores, meu agradecimento por todo aprendizado. Agradeço as três instituições que foram fundo dessa pesquisa para um estudo dos diversos públicos, muito obrigada pelo apoio das equipes, ao professor José Edson e minha amiga Társis Farias. Aos colegas, todo o meu respeito, aos amigos mil agradecimentos, me renovaram. Cito alguns como Julianna Carvalho que é parceira desde o primeiro período e ainda pode me ajudar

imensamente elaborando o *Abstract* dessa monografia. Ao Henrique por cada minuto, tenho muitas saudades. A Francielle por mostrar como a Museologia pode ir além, sentimos muito mais que sua falta, ainda não tem nome. Agradeço também, a Cristina por todo carinho, e principalmente pelo exemplo de persistência, me orgulha muito que esteja conosco nessa trajetória.

Resumo

Este trabalho aborda os desafios da inclusão em museus no processo educativo, no que concerne à inclusão de público efetivo, potencial e não-público nas instituições culturais. Para análise e desenvolvimento de propostas que visam à melhoria dos setores educativos nos museus goianos, escolhi três museus: Museu de Arte Contemporânea de Goiás (MAC|GO) da Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico/SEDUCE do Estado de Goiás, Museu Antropológico (MA) e Museu de Morfologia (MM), ambos da Universidade Federal de Goiás (UFG). Cabe destacar que procurei selecionar museus de diferentes tipologias, objetivando analisar se as ações educativas museais adquirem diferentes contornos de acordo com o tipo de instituição museológica, com especial atenção às ações direcionadas à inclusão. Em um primeiro momento, trabalhei com bibliografias que se debruçam sobre a Educação Museal, como também selecionei definições consideradas importantes para a construção dessa pesquisa. No segundo momento, fiz pesquisas de público e diagnósticos específicos dos serviços educativos de cada uma das três instituições abordadas. No terceiro momento, propus programas e ações educativas, respeitando a individualidade de cada instituição, com o foco na inclusão de todos os públicos. Essas ações e projetos foram executadas por mim ou por colegas durante estágios obrigatórios, não obrigatórios e voluntários em parceria com os funcionários das instituições.

Palavras-chave: Inclusão, Educativo, Museus.

Abstract

This work addresses the challenges of inclusion in museums in the educational process. Regarding the inclusion of effective public, potential and non-public in cultural institutions. For analysis and development of proposals that aims to collaborate with the improvement of the educational sectors in the museums of Goiás, I chose three museums: Museu de Arte Contemporânea de Goiás (MAC|GO) da Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico/SEDUCE do Estado de Goiás, Museu Antropológico (MA) e Museu de Morfologia (MM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). It is noteworthy that tried to select museums of different types, aiming to analyze the theme inclusion in museums, has different contours according to the type of museological institution. At first, I worked with bibliographies that deal with Education in museums, as well as selecting definitions considered important for the construction of this research. In the second moment will make public research and specific diagnosis of educational services of each of the three institutions. The third moment I will propose programs and actions respecting the individuality of each institution, these actions and projects will be performed by my or by colleagues during required stages, no required stages and voluntary stages in partnership with the staff of the institutions.

Keywords: Inclusion, Education, Museums.

Lista de Imagens

- Imagem 1.** Mediação na exposição do artista Marcelo Solá, realizada pela autora no Museu de Arte Contemporânea de Goiás. Foto: Gilmar Camilo..... 1
- Imagem 2.** Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013) e a organização desse trabalho elaborada pela autora e orientadora.....22
- Imagem 3.** Conceitos-Chave da Educação em Museus (2014).....26
- Imagem 4.** Esquema representando o Fato Museal (GUARNIERI, 1990). Defendo que a Mediação deve ser a essência desse círculo orgânico.....30
- Imagem 5.** Alere Psicologia, 09 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Alere-Psicologia-419586314864597/?fref=ts>>. Acesso em 29 nov. 2015.....35
- Imagem 6.** Nuvem de palavras com os títulos das monografias relacionadas acerca de ação educativa.....45
- Imagem 7.** Equipe do Museu de Arte Contemporânea de Goiás. A partir de entrevista com Társis Farias. 2015..... 46
- Imagem 8.** Museu de Arte Contemporânea de Goiás.....47
- Imagem 9.** Mediação realizada pela autora na exposição 'Múltiplo Leminski' no MAC|GO. Foto: Autor desconhecido.....52
- Imagem 10.** Exposição '6X Simultânea', obra de Helô Sanvoy. Disponível em: <<facebook.com/6xSimultanea>>. Acesso em 2015.....53
- Imagem 11.** Painel feito pelo grupo *Bicicleta sem Freio*. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/painel-de-artistas-no-niemeyer-causa-pol%C3%AAmica-1.853301>>. Acesso em 21 mai. 2016.....56
- Imagem 12.** Remoção do painel do *Bicicleta Sem Freio*. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/remo%C3%A7%C3%A3o-do-painel-do-bicicleta-sem-freio-causa-indigna%C3%A7%C3%A3o-na-internet-1.879317>>. Acesso em 21 mai. 2016.....56

Imagem 13. Aplicação do questionário preliminar. Foto: Maria Angelina de Sá C. Donda.....	59
Imagem 14. Vista aérea do Centro Cultural Oscar Niemeyer. Crédito: Joventino Neto / Postada por: LeoJr GYN 29/11/2009. Disponível em: < http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1034767 >. Acesso em 25 set. 2016.....	62
Imagem 15. Elaboração do I Encontro. Foto: Aluane de Sá.....	65
Imagem 16. I Encontro. Foto: Maria Angelina de Sá C. Donda.....	65
Imagem 17. Equipe do Museu Antropológico, com base nas informações do Regimento Interno do museu, 2016.....	68
Imagem 18. Museu Antropológico. Disponível em: < https://www.ufg.br/p/6418-campus-colemar-natal-e-silva-campus-i >. Acesso em mar. 2016.....	69
Imagem 19. Etapas do trabalho de produção das MALAs.....	75
Imagem 20. Parte da equipe da MALA 3.....	77
Imagem 21. Uma das fichas da MALA 3 – Atividade 6.....	77
Imagem 22. IV Encontro da Rede de Educadores em Museus. Foto: Lucas de Souza Nonato.....	82
Imagem 23. Equipe do Museu de Morfologia disponível em: < https://www.icb.ufg.br/p/6604-museu-comunitario-de-ciencias-morfologicas-arlindo-coelho-de-souza >. Acesso em 2015.....	89
Imagem 24. Museu de Morfologia. Foto da autora. 08 de novembro de 2015.....	90
Imagem 25. Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013), adaptado pela autora.....	99
Imagem 26. Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013), adaptado pela autora.....	100
Imagem 27. Propaganda em um shopping do Rio de Janeiro.....	105

Lista de Gráficos

Gráfico 1. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Total de Monografias consideradas de ação educativa.....	42
Gráfico 2. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Ano.....	42
Gráfico 3. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Gênero.....	43
Gráfico 4. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Cidade/Estado de origem das monografias.....	43
Gráfico 5. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Universidade.....	44
Gráfico 6. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Trabalhos disponíveis online.....	44
Gráfico 7. Exposições do Museu de Arte Contemporânea de Goiás 2013-2016.....	51
Gráfico 8. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Idade.....	60
Gráfico 9. Pesquisa com o público do I Encontro: Idade.....	60
Gráfico 10. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Escolaridade..	61
Gráfico 11. Pesquisa com o público do I Encontro: Escolaridade.....	61
Gráfico 12. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Costuma ir no Centro Cultural Oscar Niemeyer.....	62
Gráfico 13. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Motivação para ir à explanada.....	63
Gráfico 14. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Por que não frequenta o museu?.....	63
Gráfico 15. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: O que precisa ter para frequentar o museu.....	64

Gráfico 16. Público das atividades do MA 2013-2016.....	73
Gráfico 17. Desenhos mais recorrentes no turno matutino.....	81
Gráfico 18. Desenhos mais recorrentes no turno vespertino.....	81
Gráfico 19. Qual curso e instituição. Pesquisa com o público do IV Encontro.....	83
Gráfico 20. Já tinha visitado a exposição. Pesquisa com o público do IV Encontro....	84
Gráfico 21. Acha mediação necessária?. Pesquisa com o público do IV Encontro....	84
Gráfico 22. Por que a mediação é necessária?. Pesquisa com o público do IV Encontro.....	85
Gráfico 23. Visitantes do Espaço das Profissões de 2014.....	91
Gráfico 24. Profissão. Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	95
Gráfico 25. Grau de Escolaridade. Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	96
Gráfico 26. Qual o Curso. Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	96
Gráfico 27. Quantas vezes? Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	97
Gráfico 28. Com quem? Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	97
Gráfico 29. Por que ainda não visitou o museu? O que o museu precisa ter para frequentá-lo? Pesquisa com o público do entorno do Museu de Morfologia.....	98

Lista de Tabelas

Tabela 1. Público Efetivo, Potencial e Não-Público. (Quadro de Outubro, 2007. Apud KÖPTCKE, 2012, p. 09-10).....	32
Tabela 2. Exposições do Museu de Arte Contemporânea entre 2013 e 2015. Adaptada pela autora.....	50
Tabela 3. Geral de visitantes em 2013. Relatório de Atividades de 2013 do Museu Antropológico.....	71
Tabela 4. Geral de visitantes em 2014. Relatório de Atividades de 2014 do Museu Antropológico	71
Tabela 5. Geral de visitantes em 2015. Relatório de Atividades de 2015 do Museu Antropológico	71
Tabela 6. Geral de visitantes, de 2013 a 2015. Feito pela autora a partir dos Relatórios de Atividades de 2013 a 2015 do Museu Antropológico	72
Tabela 7. Titulação, área de formação e tema de pesquisa dos profissionais dos museus pesquisados. Com base na tabela de Luciana Conrado Martins (2011).....	106

Lista de Anexos

Anexo nº 1. Ficha 1 - Instrumento de Coleta de Dados Diagnóstico Museológico Gestor.....	116
Anexo nº 2. Ficha 2 - Entrevista com o responsável pelo atendimento ao público.....	119
Anexo nº 3. Percepção Esplanada no Centro Cultural Oscar Niemeyer.....	122
Anexo nº 4. Percepção do I encontro da Rede de Educadores em Museus de Goiás no Museu de Arte Contemporânea de Goiás.....	123
Anexo nº 5. Proposta de Metodologia para o I Encontro da Rede de Educadores em Museu de Goiás.....	124
Anexo nº 6. Formulário Consulta Pública do Museu Antropológico.....	125
Anexo nº 7. Fichas de apoio elaboradas para a Maleta Arqueológica do Laboratório de Arqueologia (MALA 3 - <i>Arqueologia e Diversidade Cultural</i>) do Museu Antropológico.....	128
Anexo nº 8. Instrumento do IV Encontro REM-Goiás.....	151
Anexo nº 9. Percepção do Museu de Morfologia nas proximidades da instituição...	152

Lista de Siglas

CCON – Centro Cultural Oscar Niemeyer

DEMORF – Departamento de Morfologia

FAV – Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICB – Instituto de Ciências Biológicas

ICOM – Conselho Internacional de Museus

LabArq – Laboratório de Arqueologia do Museu Antropológico

MA|UFG – Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás

MAC|GO – Museu de Arte Contemporânea de Goiás

MALA – Maleta Arqueológica do LabArq

MASB – Museu do Alto Sertão da Bahia

MM|UFG – Museu de Morfologia da UFG

OMCC – Observatório de Museus e Centros Culturais

PRPI - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação

PNM – Política Nacional de Museus

PNEM – Programa Nacional de Educação Museal

REM-Goiás – Rede de Educadores em Museus de Goiás

SEDUCE – Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Governo de Goiás

SISEM – Sistema Estadual de Museus

UFG – Universidade Federal de Goiás

USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Agradecimentos	4
Resumo	6
Abstract.....	7
Lista de Imagens	8
Lista de Gráficos	10
Lista de Tabelas	12
Lista de Anexos	13
Lista de Siglas	14
Sumário	15
Introdução.....	17
Justificativa	20
Objetivo geral	21
Objetivos específicos.....	21
Metodologia	21
Organização dos Capítulos	23
Capítulo 1 – Refletindo sobre a ação educativa museal: conceitos e práticas	24
Ação Educativa como prática não formal	24
Ação Educativa: as experiências e os sentidos em destaque	26
Mediação como meio condutor.....	29
Público efetivo, potencial e não-público	31
Exclusão, Inclusão, Acessibilidade.....	34
Museus Universitários: desafios e possibilidades.....	38
Ação Educativa nos Trabalhos de Conclusão de Curso.....	41
Capítulo 2 – Museu de Arte Contemporânea de Goiás	46
Caracterização da Instituição	46
Um olhar como mediadora	48
Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu	53
Uma reflexão sobre algumas ações da instituição	54
Práticas e reflexões: <i>MAC GO, Esplanada e Público</i>	59
Algumas considerações acerca das ações educativas no MAC GO	65
Capítulo 3 – Museu Antropológico.....	68
Caracterização da Instituição	68

Público da instituição em números	71
Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu	73
Práticas e reflexões: MALA	74
Uma reflexão sobre algumas ações da instituição	77
Práticas e reflexões <i>Lavras e Louvores: Curadoria, Montagem e Público</i>	82
Algumas conclusões acerca das formas de análise	85
Capítulo 4 – Museu de Morfologia	87
Caracterização da Instituição	87
Um olhar de dentro para fora.....	90
Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu	91
Reflexões sobre algumas ações da instituição.....	94
Práticas e reflexões: Questionário com o público próximo ao MM	95
Algumas conclusões acerca das formas de análise	99
Considerações Finais	102
Referências Bibliográficas	109
Anexos.....	116

Introdução

A ideia dessa monografia nasceu da percepção referente ao não-público nos museus da cidade de Goiânia, em Goiás. No início da graduação em Museologia, as questões envolvidas nesse tema eram tão novas para mim como para muitas pessoas. Em conversas quando me perguntavam o que era Museologia, eu sempre dizia que era um campo do conhecimento ligado aos museus, em sua essência, o que acreditava no início do curso, a partir dessa resposta elas se espantavam com o fato, uma vez que na visão de muitos não existem museus na cidade. Como assim? São 17¹ instituições reconhecidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) na cidade de Goiânia. (IBRAM, 2011).

Onde estão os museus? Estão buscando a permanência do seu público e a inclusão do não-público? O que fazem em seu dia a dia? Quais as principais preocupações? No que consiste a Ação Educativa feita nesses espaços? São muitas as perguntas e é em busca de algumas dessas respostas que dou início a essa monografia.

Essas instituições existem em seu aspecto físico, mas não em sua totalidade, não fazem sentido e não tem atuação efetiva, a despeito dos esforços de seus profissionais, fatores que acabam dificultando a inserção dos novos museólogos formados pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Então, a partir disso faço mais uma pergunta. Esses museus são feitos para quem?

Esse trabalho aborda as temáticas da Ação Educativa Museal, Mediação, Não-público, Público potencial e efetivo, e a partir de um estudo próximo dessas instituições e seu público, propõe ações educativas compatíveis a cada instituição. Os museus escolhidos foram o Museu de Arte Contemporânea de Goiás (MAC) da Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Goiás/SEDUCE

¹ São eles: **Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás**, Museu de Arte de Goiânia, Museu da Imagem e do Som de Goiás, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, Museu Goiano Zoroastro Artiaga, Divisão de Comunicações – Centro de Informação e Documentação Arquivística, Museu de Zoologia, Fundação Museu de Ornitologia, Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Centro Cultural Jesco Puttkamer, **Museu de Arte Contemporânea** / AGEPEL, Museu Pedro Ludovico, Academia Goiana de Letras, Centro Vivo da Memória Contemporânea, Instituto Federal de Educação de Ciência e Tecnologia – Coordenação de Artes, Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IBRAM 2011, grifo meu – Museu que são estudados nessa pesquisa).

(Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Governo de Goiás), o Museu Antropológico (MA) e o Museu de Morfologia (MM), ambos da UFG.

A escolha dos três museus partiu de um recorte para o projeto de monografia. A princípio considerei a possibilidade de fazer um levantamento do quantitativo de público de cada uma das instituições culturais da cidade e, a partir desses dados, elaborar propostas educativas para os museus que apresentassem menor público, mas devido à grande extensão desse projeto, acabei centralizando a pesquisa em três instituições. A escolha desses lugares está longe de sintetizar as questões relacionadas à educação em museus, mas por serem instituições com tipologias tão diferentes tem-se uma possibilidade maior de análise.

Tive uma relação profissional como o MAC, onde trabalhei por quase dois anos, primeiro como mediadora em exposições itinerantes e depois em estágio não obrigatório. O programa de Ação Educativa do espaço está em construção, sendo iniciadas as ações em 2015, com a formação do Núcleo de Ação Educativa composto por profissionais e estagiárias da SEDUCE.

O MA tem uma relação direta com o curso de Museologia, onde tive aulas, realizei estágio obrigatório e também não obrigatório. Nesse museu, a Ação Educativa é realizada a partir de uma área denominada Intercâmbio Cultural, apresentando algumas ações pontuais.

O MM² é, dentre os três objetos de estudo aqui abordados, o mais afastado tanto dos alunos de Museologia quanto do público em geral. A instituição concentra suas atividades educativas no projeto *A comunidade vai à UFG*, que recebe alunos de escolas públicas e particulares para conhecer o espaço às sextas-feiras, pela manhã.

Existe uma vasta literatura sobre a relação educação, democratização e museus. A que interessa a este trabalho, mais diretamente, é a que trata de inclusão enquanto democratização dos equipamentos culturais, em um sentido mais amplo diretamente ligado ao papel de público dos museus, como trabalhado por autoras

² Durante as pesquisas foram identificados mais dois nomes para a instituição nos sites do Instituto de Ciências Biológicas da UFG (ICB|UFG): Museu de Morfologia (MM) e Museu Comunitário de Ciências Morfológicas Arlindo Coelho de Souza, doravante irei me referir como MM|UFG.

como Luciana Conrado Martins (2011), Maria Célia Moura Santos (2014) e Martha Marandino (2008).

Em hipótese inicial os museus da cidade não estão praticando uma Ação Educativa pertinente para o público, os setores educativos estão isolados nos museus, descolados, quando existem, visto que nenhum dos três objetos de estudo, tem um programa educativo estruturado.

A Política Nacional de Museus (PNM), criada em 2003, faz uma menção pontual à questão da Educação em Museus, não avançando ou valorizando essa dimensão do processo de musealização, como demonstra o trecho a seguir “desenvolvimento de processos educacionais para o respeito à diferença e à diversidade cultural do povo brasileiro” (BRASIL, 2003, p.9).

O Estatuto de Museus, Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, também aborda de maneira sucinta o tema, indicando “apenas que os museus devem ‘promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária’” (BRASIL, 2009. In MARTINS, 2011, p.247, grifo meu).

Existe uma preocupação com a Ação Educativa Museal, como se vê pelo Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) que instituiu uma Plataforma de Diálogo para a construção coletiva do Programa, esse foi um dos esforços da área, mas está paralisado.

Para direcionar o trabalho foram escolhidos alguns percursos metodológicos, sendo eles: levantamento e análise da bibliografia pertinente; análises dos livros de visita e comentários; entrevistas com gestores e profissionais que atendem ao público; observação participante nas três instituições³; realização de projetos, ações e proposições para os programas educativos e culturais. Como parte desse processo, foram concebidas fichas de entrevistas com gestores (anexo nº 1) e com profissionais que recebem o público nas instituições (anexo nº 2).

As análises dos livros de visitas e de comentários foi prejudicada durante a pesquisa, principalmente pela falta de tempo devido ao grande número de

³ A observação foi realizada nos três museus de diferentes formas. No MAC foi durante a Semana de Museus de 2016. No MA, durante um dia de visita de uma escola nos dois turnos, no caso dessa, realizei mediação, além da observação. No MM, realizada durante uma visita pela manhã no dia e período que o museu recebe os grupos agendados.

informações presentes nos livros de visita do MAC e MA, como também pela ausência de informações no livro do MM, dificuldade que será abordada no capítulo referente ao museu. Em relação aos cadernos de comentários, foi ainda mais inviável uma vez que só o MA utiliza esse recurso, os outros dois museus não. Tentei que fosse colocado no MAC, que chegou a usar durante exposições itinerantes⁴, mas o atual Coordenador de Ação Educativa da instituição considerou impraticável visto que já tem o livro de visitas e “seriam muitas coisas para o visitante preencher”. No MM não teria uso pela ausência de público espontâneo e grupos agendados terem visitas mais rápidas pelo tempo da escola. Importante destacar que o Estatuto de Museus, Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 prevê o uso dessa ferramenta: “Art. 37. Os museus deverão disponibilizar um livro de sugestões e reclamações disposto de forma visível na área de acolhimento dos visitantes.” (BRASIL, 2009).

Justificativa

A partir da minha atuação como mediadora ou na idealização de projetos, percebi a dificuldade que as instituições enfrentam em incluir não só portador de deficiência física, auditiva, visual, múltipla e mental, mas também populações tradicionalmente excluídas ou discriminadas como negros, homossexuais, pessoas com nenhuma ou baixa escolaridade. Outrossim, são muitas as barreiras para a democratização dos museus como divulgação, obstáculos atitudinais, discrepâncias socioeconômicas, características que fazem parte de sistemas excludentes abordados por Bourdieu (2007). Nesse estudo o autor trouxe um contexto europeu de exclusão nos museus de arte, onde aborda que a escola também é um agente de eliminação, a partir do momento que as pessoas que não possuem escolaridade esperada para frequentar esses museus de arte e similares, têm seu acesso restrito, de maneira subjetiva. Por isso, as instituições precisam romper os muros de segregação social e fomentar a inclusão social (MASB, 2012, p.243).

⁴ *Múltiplo Leminski e Mostra de Arte Urbana no Brasil Central.*

Objetivo geral

Analisar as ações educativas realizadas em três instituições museológicas de Goiânia, de tipologias distintas, destacando o tema da inclusão de diferentes públicos e trazendo propostas e intervenções para o aprimoramento dessas ações.

Objetivos específicos

- Identificar, analisar e compreender os princípios, objetivos e métodos que norteiam a atuação educacional de museus de arte contemporânea, ciências humanas e biológicas;
- Estabelecer critérios que possibilitem comparação entre as atuações educativas dessas distintas tipologias de instituição;
- Caracterizar o que é feito, quais os acervos e as temáticas trabalhadas;
- Buscar a permanência do público efetivo;
- Contribuir para a conquista do público potencial;
- Propor intervenções que possibilitem o acesso do não-público.

Metodologia

O presente trabalho de monografia foi inspirado na tese de Luciana Conrado Martins, defendida em 2011, onde a autora apresenta três museus (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – SP da Universidade de São Paulo, Museu de Astronomia e Ciências Afins do Ministério da Ciência e Tecnologia – RJ e a Pinacoteca do Estado de São Paulo – SP), com o objetivo de entender a constituição da educação em museus a partir do conceito de dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo de museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Trazendo para a realidade da cidade, escolhi três museus para um estudo comparativo entre uma instituição de arte contemporânea, uma de ciências humanas e outra de ciências biológicas, com o objetivo semelhante de identificar se esses museus usam dos mesmos métodos para suas atividades com o público.

O quadro a seguir, apresenta a estrutura do Plano Museológico, em todas as suas etapas, envolvendo planejamento, execução e avaliação, de forma sincronizada, sendo essa ideia especialmente importante na organização dessa pesquisa.

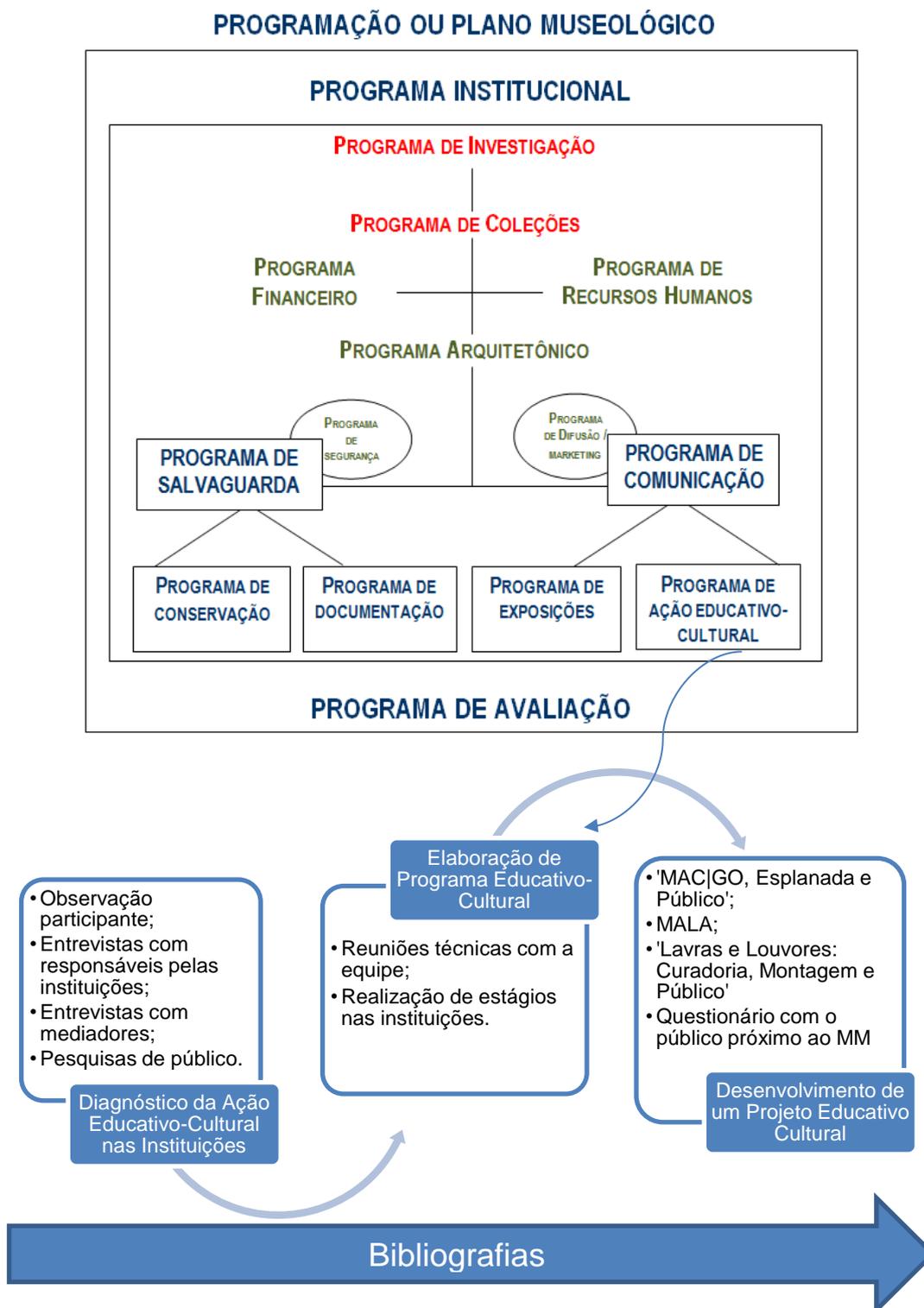


Imagem 2. Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013) e a organização desse trabalho elaborada pela autora e orientadora.

O percurso metodológico envolveu ainda a realização de intervenções nos museus selecionados para a pesquisa: no MAC foi realizada a atividade *MAC|GO, Esplanada e Público*; no MA foi executado o projeto da Maleta Arqueológica do LabArq

(MALA) e também a atividade *Lavras e Louvores: Curadoria, Montagem e Público*; no MM foi cumprido o Questionário com o público próximo ao MM. Todas as ações serão detalhadas nos capítulos dedicados aos museus. Algumas propostas serão descritas nas Considerações Finais.

Organização dos Capítulos

O primeiro capítulo *Refletindo sobre a ação educativa museal: conceitos e práticas* tem como objetivo falar sobre as práticas educativas museais presentes e possíveis nesse universo. O segundo capítulo, sobre o MAC, apresenta a instituição, reflexões a partir da vivência profissional, entrevistas, observação de algumas ações do museu, apresentação da ação e resultados do I Encontro da REM-Goiás *MAC/GO, Esplanada e Público* e considerações sobre todo o percurso da pesquisa desse museu. O terceiro capítulo segue, essencialmente, a mesma estrutura, além de conter uma análise sobre os números de visitantes da exposição do MA nos últimos três anos, apresentação do projeto da MALA, bem como outras ações da instituição que observei e executei, como também o IV Encontro da REM-Goiás *Lavras e Louvores: curadoria, montagem e público*. No quarto capítulo, além de descrever algumas características da instituição e analisar algumas de suas ações, apresento uma pesquisa direcionada ao público potencial do museu.

Capítulo 1 – Refletindo sobre a ação educativa museal: conceitos e práticas

Ação Educativa como prática não formal

A Ação Educativa Museal está no grupo da Comunicação da cadeia operatória museológica, formado pela Expografia e a Ação Educativa). Por sua vez, a Salvaguarda Museológica é formada pela Conservação e Documentação. As ações educativas são desenvolvidas com o público de museu, sendo ele escolar; familiar; especializado; organizados de terceira idade; portadores de deficiência física e mental; oriundos de ONG's e outros. Educação e Museus é uma perspectiva em construção permanente onde conceitos e vivências estão sempre em discussão como nesse trecho de Carla Gilbertoni Carneiro, em que a autora analisa escolhas e pontos fortes da educação em museus:

[...] o olhar é preparado para uma observação mais atenta uma vez que, no museu, ensino é centrado no objeto; o educador leva em consideração o conhecimento prévio do visitante e é a partir desse referencial que conduz a visita; o enfoque é muito maior no visitante que no educador, que nesse caso tem a principal função de induzir o que o próprio visitante é capaz de observar sem 'despejar' informações: embora o objetivo da visita não seja saturar o visitante de novos conteúdos, é importante a transmissão de conceitos-chave para a fruição da exposição. Um elemento muito importante no decorrer da visita é que o educador tem que recorrer a outros meios de diálogo com o visitante que permitam a diferenciação do museu do universo escolar. (CARNEIRO, 2009, p.51. Apud MARTINS, 2011, p. 173).

A ação educativa estaria para o público como uma “missão museal por excelência” (MASB, 2012, p.218). É necessário encontrar meios para assegurar que o público entenda e aprecie o acervo exposto, criar estratégias que facilitem a comunicação com o público, nesse contexto a ação educativa abrange essas táticas, tornando cada vez melhor a relação de público e museu, visto que não podem hoje se eximir do seu papel educacional contemporâneo (MARTINS, 2011).

Essas ações desenvolvidas em instituições culturais são muitas vezes classificadas como educação não-formal. Cabe sublinhar que a educação é dividida em três categorias, de acordo com Marandino (2009):

- **Educação formal:** sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional.

- **Educação não-formal:** qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.
- **Educação informal:** verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa. (p.30 e 31).

Autoras como Martha Marandino (2008) e Luciana Conrado Martins (2011) mencionam que a educação em museus é não-formal, mas no âmbito desse estudo, observo que as instituições goianas, sem um programa educativo estruturado, não oferecem atividades organizadas para diversos públicos, dentre eles o espontâneo, logo não realizam a contento a educação não-formal. Por dedicarem sua ação educativa apenas para o público escolar organizado, não têm atividades específicas para o público espontâneo, por isso se aproximam mais da educação informal com os públicos sem agendamento, visto que, o aprendizado adquirido na exposição é livre e diretamente ligado às experiências anteriores, o que interfere na interpretação das obras sem o conhecimento da visão do artista e/ou do curador, e sem a relação de diálogo estabelecida pelo mediador.

Dentre as bibliografias que se debruçam sobre esse tema, o material *Conceitos-Chave da Educação em Museus* (2014), traz definições relevantes para se entender todo o processo educativo dessas instituições. A Educação Museal exerce influência nas metodologias pedagógicas, dinâmicas de voz, postura, abordagem entre outros pontos, dependendo do público, sendo um dos maiores desafios da educação museal responder de maneira eficaz as variedades de público que compõem a visita de um museu. São nomes distintos entre departamentos, núcleos ou programas de Ação Educativa, mas todos fazem parte de programas educativos. Como apresenta a figura a seguir, o que é denominado Ação Educativa, desde 2000, começou sendo chamado de Serviço Educativo de 1970 a 1990, e posteriormente de Departamento ou Área Educativa. As alterações na nomenclatura acompanham o processo de crescimento da área, com mais estudos e ações que se empenham na melhoria da ação educativa.

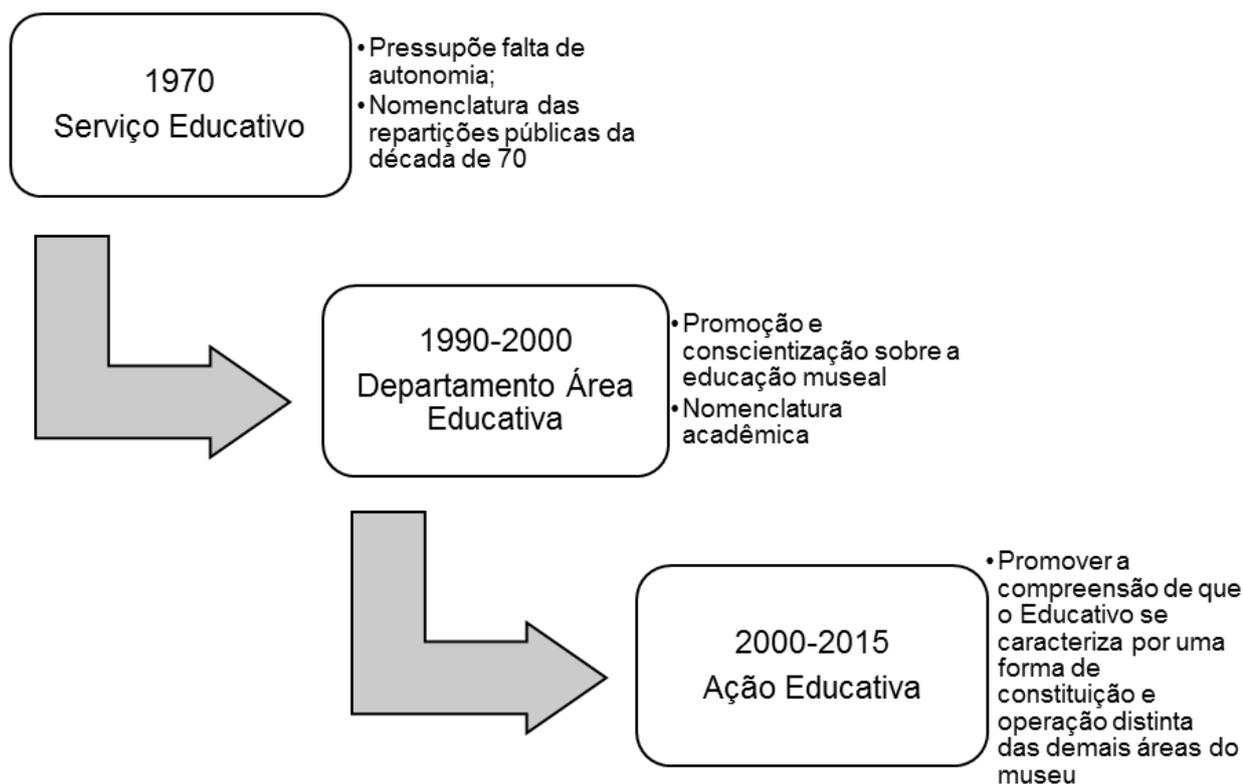


Imagem 3. Conceitos-Chave da Educação em Museus (2014).

Ação Educativa: as experiências e os sentidos em destaque

O autor Ricardo Rubiales tem farta bibliografia que se debruça sobre o tema da educação em museus. Dentre esses textos, destaco *Aprendizaje y Museos* (2009) e *Educación en museos* (2013), nesses dois materiais Rubiales aborda a importância do museu como espaço de diálogo, convivência, aprendizagem, reflexão, lugar de encontro. Ele menciona a relevância de cenários de educação não-formal e informal, visto que estudos comprovam que as pessoas aprendem efetivamente ‘fora’ do contexto escolar por meio de programas de TV, viagens e outros. Muitas vezes as pessoas que vão aos museus, encontram um espaço frio, ilegível e muito complexo, com isso as pessoas acabam por preferir ir em um shopping, por exemplo. Se o público é a razão do museu, a experiência do público deve ser uma prioridade no contexto museal. Para isso, é preciso buscar espaços que facilitem o diálogo, a interpretação dos públicos, a construção de sentidos para que a visita seja pertinente. Como é importante levar em conta o que as pessoas têm a dizer sobre arte, história ou ciência, valorizar a participação do usuário em um contato com a proposta artística,

histórica e científica, e que esse não seja só observador, mas também construtor de significados.

Daina Leyton (2016) falou em uma entrevista sobre o papel da arte na educação do aluno, vendo as manifestações artísticas como forma de imaginar o possível e o impossível, transcender a materialidade das obras, que contribui para o desenvolvimento de um olhar sensível e crítico. O museu pode contribuir com a retomada do vínculo social de parte da sociedade que por vezes é excluída do todo. Dentre as maneiras, debates de temas caros para sociedade, como o feminismo, redução de danos, violência, bullying, cultura LGBT, redes sociais e outros dentro dos museus por pessoas que vivem esses contextos. Para uma estrutura educativa museal mais eficiente é preciso autonomia de criação e o exercício da liberdade experimental. Deve-se garantir que todos os perfis de público se sintam pertencentes. Leyton fala sobre os potenciais pedagógicos presentes em uma exposição, destacando que os profissionais que recebem os públicos nas exposições têm que ter em mente o que buscam com aquela visita: proporcionar uma reflexão sobre as obras e a exposição. “Não há nada menos pedagógico em museus do que visitas puramente informativas, em que o ‘guia’ traz sucessivas explicações e os visitantes são compreendidos como recipientes a serem preenchidos de informações”. Cada visitante tem um perfil e interesses diferentes, é necessário estar atento as particularidades de cada um. Aquela visita é única para cada grupo e também para o profissional.

Antes de falar sobre mediação, é importante colocar questões relevantes abordadas por Ulpiano Meneses em sua fala no Conselho Internacional de Museus (ICOM) de 2013, intitulada *O museu e a condição humana: o horizonte sensorial* (MENESES, 2013)⁵. O autor fala sobre a multiforme cultura brasileira, ou seja, as várias formas, uma cultura que se expressa de diversos modos. Toda sua fala é concentrada no sensível, que para dar sentido ao mundo, implica interpretá-lo com sensibilidade, sendo importante abrir os horizontes para falar desse campo do conhecimento. Em muitos momentos a fala do autor aborda a Mediação, como quando diz que ao converter coisas em palavras perdemos parte da interação com o físico, isto é, que as visitas não tenham um discurso pronto e repetido em todos os

⁵ Disponível em <<http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=2626>>. Acesso em 18 mai. 2016.

momentos, que cada visitante tem uma sensibilidade diferente para se interagir com o objeto e/ou obra, onde a educação não-formal está para contribuir e não para conduzir como a educação formal. Ocorre o congelamento do significado das coisas se não houver liberdade para os agentes da percepção, as imagens não estão na parede, na tela, na cabeça, elas não existem por si mesmas, acontecem, para cada um de forma diferente. Elas precisam do sensível para interagir, a partir do artista que as construiu para todos que vão vê-las. O quadro pendurado na parede é uma imagem privada de corporeidade própria e de movimento (monótona). Meneses também falou sobre as exposições, diz que os museus ainda não definiram uma linguagem específica da exposição museológica, tendo dois componentes básicos o espaço e os sentidos, conformando a retórica expositiva do museu. O autor lembra também da importância de não só ler memórias, mas também as sentir. E como acredito para esse trabalho e para os museus, que estes espaços têm como uma de suas principais funções estimular perguntas, bem mais do que responder.

A '1ª Mostra de Talentos + que Especiais' que aconteceu de dois a cinco de julho de 2016 no Centro Cultural Oscar Niemeyer (CCON), teve como objetivo "dar visibilidade à Arte como ferramenta de inclusão promovendo manifestações artísticas, como as artes plásticas e visuais, a música, o teatro e a dança"⁶ (ASSOCIAÇÃO ESPAÇO VIDA, 2016). Vejo a relação dessas premissas da Associação para seus educadores e educandos como premissas descritas nesse trabalho para os educadores de museus e seus públicos.

Na palestra 'Ser Arte: um olhar transpsicomotor' do doutor Eduardo Costa⁷, foi falado sobre não encarcerar os saberes em 'caixas', que é necessário religar Arte e Educação para maiores possibilidades de aprendizado e expressão. A educação para ele desenvolve potenciais, se bem pensada e executada. Em sua fala, o autor fez uma crítica as escolas tradicionais, onde a autenticidade e criação da criança ficam de lado, onde os educadores se esquecem que o sujeito é o objeto de estudo, e se focam no adestramento, perdem o centro da pesquisa que é o educando, levando esse a um lugar de reprodução. Para que essas situações não aconteçam, orienta que o

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1594587654165999/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

⁷ Tem 30 anos dedicados à Saúde e Educação, é doutor e mestre em Saúde da Criança – IFF/FIOCRUZ; Psicomotricista Educacional e Clínico (ABP) e Fonoaudiólogo (IBMR). (Eduardo Costa, 2016). Disponível em: <<https://www.facebook.com/DrEduardoCosta/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

educador deve fazer leituras múltiplas em relação ao outro, pois é necessário romper com a lógica dos corpos parados, redescobrir o brincar em qualquer idade, pois brincar é criar vínculo. Acredita, também, que o educando guia o educador para o onde ele pode ir, criando uma educação acolhedora que desenvolva potenciais, que receba toda e qualquer diferença. Para concluir, disse “A arte existe para que a realidade não nos destrua.”

Na Palestra ‘Arte Terapia – um olhar amoroso para o ser criativo’ com as profissionais Ivana Veiga e Jaqueline Comazzi, arteterapeutas, pude ver mais sobre como elaborar ações educativas mais criativas. Muitas autoras falando acerca das ideias de redução do uso do papel para atividades diferentes tendo como suporte lençol e lona. As palestrantes afirmaram que todo ser é criativo, esse poder está na sua essência, para exemplificarem, abordaram os trabalhos que fazem com os educandos, em muitas formas como o círculo – concentração, ordenação e integração; pintura sensorial – ato de brincar com a tinta sobre o lençol promove a exploração do espaço e do material (tinta) por sua fluidez, textura, cores e formas; oficinas criativas – respiração, relaxamento, exercícios lúdicos, imaginação dirigida. Concluíram reforçando a importância de verbalizar o sentimento, que faz parte das avaliações das atividades.

Mediação como meio condutor

A Mediação deve trazer um conhecimento de forma interativa que venha agregar positivamente o aprendizado escolar. A visita ao museu não deve representar ao aluno o mesmo que a escola. Rejane Coutinho (2009), indica a importância que para o aluno fiquem claros quais espaços e momentos de educação formal, não-formal e informal. Essa diferenciação para o aluno é fundamental para o bom desenvolvimento da ação educativa naquela instituição, deve ser um processo museu – professor – aluno – obra. As relações entre público e museu não são contínuas, são muitas vezes experiências breves que não acrescentam para a pessoa, e isso é passado direta e indiretamente para as crianças, seja pelos pais ou professores. Cabe ao museu mudar esse cenário com suas propostas educativas.

Como aponta Bruno (1996), a Museologia é uma disciplina aplicada que busca estudar a relação da sociedade com seus patrimônios e transformá-los em herança,

os patrimônios, assim seriam compreendidos como algo que faça sentido. Ainda que a cadeia operatória museológica busque o equilíbrio entre Salvaguarda e Comunicação, a Ação Educativa como vetor da última, é essencial para a criação de sentido e identidade com esses patrimônios, transformando-os em herança. Contudo, o que vemos é essa pirâmide invertida, onde acredita-se que as coisas fazem sentido por si mesmas, excluindo a possibilidade do processo museológico tornar-se inteiramente educativo, como preconiza Maria Célia Santos (2014), para isso é preciso pensar em todos os profissionais do museu como mediadores em potencial.

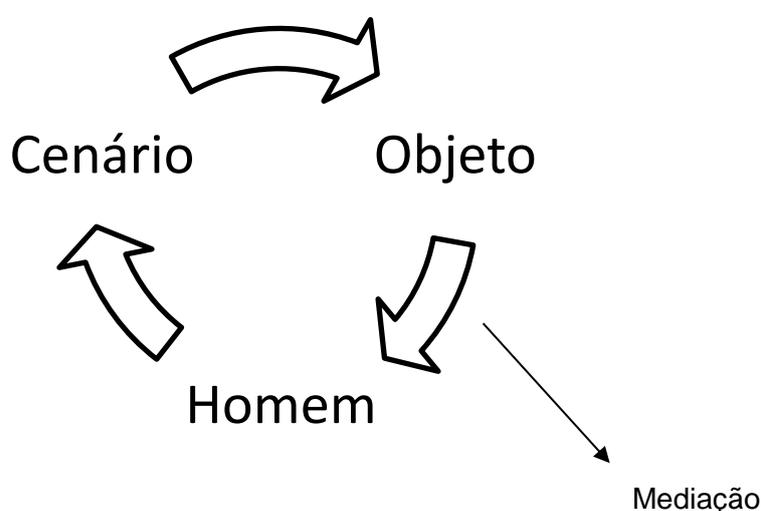


Imagem 4. Esquema representando o Fato Museal (GUARNIERI, 1990). Defendo que a Mediação, ou outro processo de aprendizagem, deve ser a essência desse círculo orgânico.

De acordo com Martins (2013), quem conduz esse processo educativo é o mediador, profissão que tem vários nomes: educador, moderador, apresentador, guia, explicador, facilitador, informador, animador, monitor, demonstrador.

Acredito que devem ser chamados de mediadores, já que a visita educativa é um processo de troca constante, é mediado nas visitas os conhecimentos presentes de todas as partes, público – mediador – objeto. Essa variedade de nomes pode ser pela quantidade de funções que são atribuídas aos mediadores, esses profissionais são responsáveis por várias questões como as administrativas, agendamento de visitantes, atendimento de público, muitas vezes sem estrutura, e ainda são responsáveis por outras diretrizes museológicas como salvaguarda, principalmente nas instituições que não tem um quadro completo de funcionários e organização das funções de cada profissional ou estagiário. Existe o reconhecimento que muitos

museus, inclusive os pesquisados aqui não exercem mediação como já supracitado, um dos intuitos desse trabalho é contribuir para que essa forma de recepção que envolve trocas e aprendizados mútuos seja exercida de fato.

Público efetivo, potencial e não-público

Aqui, me debruço sobre as tipologias de público, principalmente Público Efetivo, Potencial e Não-Público, como aborda a autora Köptcke (2012), em sua categorização dos estudos de público segundo alvo, objetivos e perguntas.

Alvo	Objetivos	Perguntas
O público: os visitantes de um museu, visitantes de uma exposição ou de uma atividade particular no museu; praticantes efetivos.	<p>Sociografia do público: Conhecer os perfis e as práticas de visita do público; Identificar fatores facilitadores e empecilhos do acesso aos museus; Acompanhar, caso dos estudos se repitam, a evolução das práticas e a resposta à oferta cultural;</p> <p>Fluxo de frequência: Acompanhar o volume de visitas e sua variação;</p> <p>Análise de recepção: Compreender as modalidades de apropriação das exposições, materiais atividades oferecidas pela instituição;</p>	<p>Qual o perfil dos visitantes? O nível escolar interfere na frequência das visitas? A companhia de visita modifica as expectativas e a experiência da visita?</p> <p>Como as visitas se repartem ao longo do ano? Que eventos, internos ou externos aos museus, favorecem a intensificação das práticas?</p> <p>O que os visitantes esperam encontrar no museu X sobre o tema Y?</p> <p>O que os visitantes aprenderam durante a visita? Como interagem com os elementos da exposição? (Leem os textos? Utilizam mídias diversas? Demandam auxílio aos mediadores?)</p>
Público potencial: grupos que possuem características socioculturais semelhantes aquelas dos efetivos dos museus, visitam instituições similares, podendo tornar-se visitantes ou público de uma dada instituição.	<p>Identificar fatores que facilitariam a visita desses grupos;</p> <p>Conhecer os hábitos culturais e as preferências destes segmentos para melhor adequar a oferta e atrair estes segmentos;</p> <p>Conhecer as representações acerca dos museus e dos temas que tratam.</p>	<p>O que fazem estes grupos em seu tempo livre?</p> <p>O que costumam fazer com os filhos?</p> <p>O que esperam de uma atividade de lazer educativo?</p> <p>Que temas parecem prioritários para serem abordados em um museu?</p> <p>Que tipo de arte mais atrai estes grupos?</p>
Não público: grupos que não costumam frequentar museus e manifestam disposição desfavorável a esta prática.	<p>Conhecer os fatores externos (ex.: falta de equipamento próximo) e atitudinais (ex.: disposições de gosto, hábitos, preconceitos, experiências negativas) que impedem a visita;</p> <p>Identificar as características e expectativas que favorecem a prática da visita, orientando ofertas mais adequadas ao perfil destes frequentadores.</p>	<p>O que pensam sobre os museus? O que costumam fazer no tempo livre? Qual o perfil sociocultural deste público? Qual a influência dos amigos e familiares nas práticas culturais destes grupos?</p>
População: Universo agrupando a população de certa localidade (cidade, estado, país) que serve como referência para estudar as características dos diferentes grupos de frequentadores.	<p>Analisar como se situam os visitantes e o público potencial dos museus com relação à escolaridade, raça/cor; renda, estado civil, etc, comparados à população de referência?</p> <p>Conhecer as representações acerca dos museus e dos temas que tratam.</p>	<p>Como percebem as instituições culturais?</p> <p>Que valores atribuem à arte, à saúde ou à ciência?</p> <p>Qual a representação que a população acalenta sobre os museus?</p>

Tabela 1. Público Efetivo, Potencial e Não-Público. (Quadro de Octubre, 2007. Apud KÖPTCKE, 2012, p. 09-10).

De acordo com o material *Conceitos-Chave da Educação em Museus* (2014), o Público Agendado é considerado o público que tem uma preparação anterior, na maioria das vezes escolas. E Público espontâneo é considerado o conjunto dos demais públicos que vão aos museus sem agendamento prévio.

Marandino, também aborda a caracterização de público. Importante analisar essa questão para pensar atividades para diferentes mediações, estratégias de discurso e outros. Seguem algumas dessas categorizações dos públicos:

Escolares: estudantes e professores - Os serviços educativos das instituições culturais brasileiras e estrangeiras têm como um de seus principais públicos habituais, as escolas. As ações para esse público pressupõem um trabalho em parceria, respeitando as especificidades educacionais do museu e das escolas;

Famílias - Público de várias idades e ainda pouco constante nos ambientes culturais. Existe um potencial multiplicador das outras categorias de público, como os grupos organizados (escolares e terceira idade) em trazer seus familiares ao espaço já visitado;

Especializado - Artistas, críticos, cientistas, acadêmicos e estudantes de graduação, esse público compõe parte considerável dos visitantes de espaços culturais e museus. As ações para esse público podem incluir seminários, oficinas e debates com organizadores e curadores da exposição;

Organizados de terceira idade - São cada vez mais frequentadores de espaços culturais. Seus objetivos vão do lazer e convivência social ao aprendizado de novos conceitos e práticas;

Portadores de necessidades especiais - A inclusão desse público é um dos novos desafios que se colocam para as instituições culturais. Suas necessidades exigem a confecção de estruturas expositivas adaptadas e materiais de apoio específicos para cada tipologia. Os mediadores devem receber formação que os capacite para o atendimento desse público;

Oriundos de ONGs, associações, sindicatos e clubes diversos - Muitas instituições culturais têm buscado atender essa demanda, por meio de ações conjuntas que equalizem os objetivos de ambas organizações (MARANDINO, 2008, p.24).

Na pesquisa realizada pelo Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC) a maioria das pessoas declara que o principal motivo da visita é conhecer o museu, o que significa que muitos vão a esse lugar pela primeira vez (MARTINS, 2013). A questão é: essas pessoas retornam?

As práticas educativas devem ser adequadas a cada faixa etária, o maior público dos museus é o público escolar, em sua maioria composto por crianças e as

exposições não são para o público infantil, como alerta Rubiales (2016)⁸, por isso a importância dessa definição abaixo, de acordo com SISEM|SP – Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SEM DATA):

- Criança – até 5 anos;
- Criança – 6 até 12 anos;
- Adolescente – 13 a 17 anos;
- Adulto – 18 a 64 anos;
- Idoso – 65 anos em diante.

É de fundamental importância que as equipes que trabalham na área de Ação Educativa dos museus, tenham aparato teórico, como no caso de um maior conhecimento do público, antes mesmo que ele entre na instituição, é importante para que sejam pensadas atividades que condizem com a idade e com o perfil desse público.

Exclusão, Inclusão, Acessibilidade

Alguns conceitos, utilizados em alguns textos preliminares já apresentados em eventos científicos, como *Desafios Contemporâneos da Formação e Atuação em Museologia: Exclusão, Inclusão e Acessibilidade* (SANTOS; MOYANO, 2015), irão nortear essas análises e propostas, são eles: Exclusão, abordado por Gabriela Aidar (2002), que se refere a processos pelos quais um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, encontram-se com acesso limitado aos instrumentos que constituem a vida social e são, por isso, alienados de uma participação plena; Inclusão abordado também por Gabriela Aidar, que propõe para além de uma maior acessibilidade às instituições, o desenvolvimento de ações culturais que tenham impacto político, social e econômico, de curto a longo prazo; e Acessibilidade abordado por Viviane Panelli Sarraf (2008), para ambientes que consideram o uso de todos os indivíduos independente de suas limitações físicas e sensoriais.

Para entender a diferença entre acessibilidade e inclusão, cabe pensarmos que ações que prezem pela acessibilidade nem sempre vão atingir questões sociais, como por exemplo, a inclusão de indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Podemos atender um cego de forma acessível, mas esse cego pode pertencer a uma classe social que o aproxima de diversos

⁸ Fala durante o VII Seminário da REM-Goiás.

recursos, pode ter garantidos seus direitos econômicos e políticos. A inclusão em museus pressupõe o trabalho com indivíduos e grupos que vivenciam um processo de exclusão, de processos políticos, que resulta na perda de direitos; de mercados de trabalho que significam a perda de recursos econômicos e, por fim, de elos familiares e comunitários, que resultam na perda das relações pessoais. Quando falamos de acessibilidade econômica e social, estamos nos aproximando mais do conceito de inclusão. (MORAES, mar. 2016).⁹

Uso a imagem abaixo para exemplificar, algumas dessas definições. Que a inclusão seja praticada em todas as instituições museológicas e de outras áreas. Deixar claro que não estou falando em Integração e sim em Inclusão que vá contra as Exclusões e Segregações praticadas diariamente nos museus.

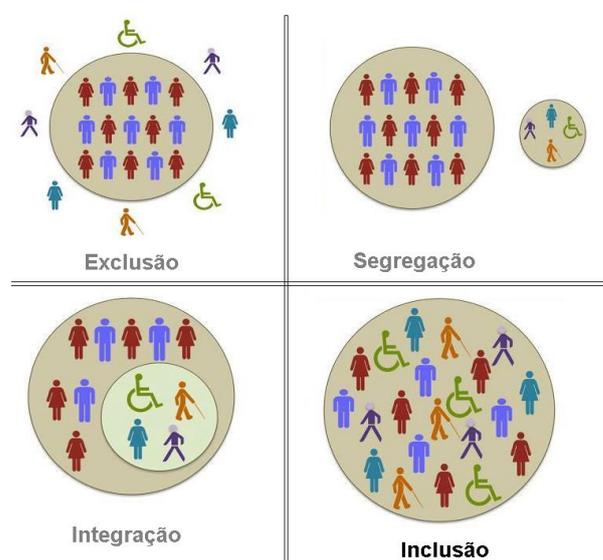


Imagem 5. Alere Psicologia, 09 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Alere-Psicologia-419586314864597/?fref=ts>>. Acesso em 29 nov. 2015.

Acessibilidade

O direito de ir e vir e a preocupação dos museus em relação a esse tema é caminhar em direção ao outro, seja ele quem for. A temática de acessibilidade entrou em pauta nos museus brasileiros em meados de 1980, desde então já se passaram mais de trinta anos e ainda vemos uma dificuldade muito grande em absorver essa parcela da sociedade. Sendo necessária acessibilidade física, cognitiva, social e emocional.

⁹ Comunicação pessoal.

Uma ficha diagnóstico é necessária para orientar e identificar barreiras de acessibilidade, bem como uma política inclusiva deve ser perceptível a todos com atenção para as questões de acessibilidade física e forma de comunicação dos espaços e nas atitudes de todos os funcionários.

Os museus devem ser lugares de convivência entre pessoas de todos os tipos e inteligências, no legítimo exercício de seus direitos, necessidades e potencialidades (TOJAL, 2010). A preocupação das instituições culturais com a acessibilidade não é uma causa social ou benfeitora, e sim um dever e um compromisso com a sociedade.

A dificuldade dos museus em absorver esse público portador de deficiência, acaba deixando os mesmos a margem das questões culturais das quais tem direito. As ações ainda são muito embaraçosas para criação de uma relação entre patrimônio e portadores de deficiências. Como por exemplo, “no prédio tombado você tem que conciliar duas leis: a lei de tombamento que não permite grandes alterações na feição original da edificação e a lei que prevê a acessibilidade” (TOJAL, 2010).

Mario Chagas e Cláudia Storino (2012) defendem, no texto ‘O desafio da Acessibilidade aos Museus’, que a Acessibilidade em museus não se dá de forma natural, que é preciso militância para construir espaços acessíveis. Destacam que enquanto os meios culturais e processos museológicos estiverem sob comando de grupos minoritários e igualmente dominadores, a Acessibilidade vai continuar se apresentando como um desafio constante. Os autores ressaltam um cenário que acontece, nos demais museus aqui abordados, em que demonstra uma preocupação em ampliar o acesso as pessoas com mobilidade reduzida. Mas é preciso ir além, e principalmente centralizar as atenções nas ‘barreiras imateriais’. Trata-se de uma questão de inclusão em museus.

A seguir, serão abordadas algumas formas de acessibilidade:

- **Acessibilidade Física**

Muitas vezes a preocupação dos museus em relação a acessibilidade é a questão de espaço físico, estrutura do prédio com rampas, elevadores e banheiros adaptados, desde que o mesmo não seja tombado e que o museu disponha de recursos financeiros para alterações de acessibilidade física necessária. Mas se entrarmos na exposição essa acessibilidade, mesmo que física já não se faz mais

presente. Exposições com salas que não permitem a passagem de cadeira de rodas ou textos que não tem letra e altura ideais para leitura de pessoas com baixa visão, são rotina em muitas instituições. São grandes desafios para portadores de deficiência visual, por exemplo, com legendas e textos sem tradução para o braile, muitos cegos não tiveram acesso ao recurso do braile, ou audioguias.

A curadoria, muitas vezes, faz um projeto expográfico dispondo de iluminação de forma livre, tendo uma exposição com baixa iluminação, por exemplo. Pouca luz em uma exposição interfere no público com ou sem acuidade visual. Com isso, é necessário ter em mente que muitas ideias não podem ser executadas tendo em vista que a exposição é para o público, deve-se buscar o equilíbrio.

- **Acessibilidade Sensorial**

A maioria das exposições usam recursos de escrita muito especializados partindo do princípio de que todos terão condições para entendê-los. Uma exposição acessível deve ter esses recursos adaptados a todos os níveis de compreensão, no caso de pessoas portadoras de deficiência auditiva ou visual, adaptar os textos para o braile assim como projeção de vídeos com legendas ou imagens com intérpretes da língua de sinais.

O acesso a informação, deve se iniciar desde a entrada do museu, com orientações e indicações sobre os espaços existentes como guichês, balcão de informações, banheiros, lojas, restaurantes, biblioteca, espaços administrativos e expositivos (TOJAL, 2010).

- **Acessibilidade Atitudinal**

Uma atitude pessoal de cada indivíduo, como cada pessoa lida com a deficiência do outro. Atitudes que podem ser melhoradas com treinamentos e capacitação oferecida pelas instituições para seus funcionários, não só mediadores e educadores de museus, mas também a equipe de apoio como eletricista, auxiliar de serviços gerais, porteiro entre outros.

Museus Universitários: desafios e possibilidades

Por essa pesquisa abordar dois museus universitários¹⁰, fiz um estudo mais específico acerca dessa tipologia de museus.

O fato dos museus universitários possuírem em seu cerne coleções advindas da pesquisa ou criadas para o ensino, coloca a relação entre museu e educação em destaque. Inseridos em instituições de ensino, esses museus teriam uma potencialidade educativa maior? Não é esse o caso evidenciado. O objetivo de atender um público especializado e erudito, por vezes tem restringido o potencial amplo dessas instituições.

Como o tema exposições está intrinsecamente relacionado a Ação Educativa, e também teve grande destaque na tese de Adriana Mortara Almeida (2001), no caso específico de museus universitários, por essa razão abordo o tema exposições a partir de agora.

Para Rolfe “Exposições de qualidade são caras, ocupam muito tempo do pessoal, servem só para graduandos e ficam desatualizadas rapidamente.” Boas exposições podem ser realizadas com poucos recursos, principalmente se não forem comerciais com ambição desmedida. Muitos museus ficam centrados nas exposições, principalmente nas midiáticas. Rolfe coloca mais questões sobre exposições em museus universitários, com as quais discordo: “Os museus universitários são dirigidos a um público mais empenhado e, portanto, tem menos necessidade de atrativos visuais.” (Rolfe, 1969:9. Apud Almeida, 2001, p. 22).

“Para Stephen Borhegyi, em 1956, museus universitários perdem sua função original, de ensino e pesquisa, se não tem sua maior parte de visitantes de pessoas da universidade. O que leva as instituições a procurar novos públicos justificando sua existência” (ALMEIDA, 2001, p.23).

Para questões como essa, vejo a importância da ação educativa por si só, principalmente ligada à Expografia, em museus universitários ou não. Todo projeto

¹⁰ São categorias de museus, de acordo com o ICOM: museus de arte, de história natural, etnografia e folclore, históricos, ciências e técnicas, ciências sociais, comércio e das comunicações e de agricultura e produtos da terra. Também é possível definir por disciplinas (artes, história, etnologia, etc.), propriedade privada ou pública, dentre a última, se são estatais, municipais, eclesiásticas e também universitários.

tem seu público alvo e não precisa ser estudante ou grande público separado. Um não exclui o outro. Outros autores abordam essa questão de expografia:

“A acomodação entre uma galeria para estudantes e uma exposição para o grande público é destinada ao fracasso. O estudante dirige-se à exposição com uma série de informações e com objetivo específico; o que a exposição lhe apresenta é apenas suplemento de um modelo de significado já mais ou menos definido. Para o grande público, o modelo, tanto de forma como de conteúdo, deve ser suprido pela exposição: uma experiência completa que pressupõe, por parte do expectador, nada mais que senso comum. Qualquer tentativa de conjugar os dois tipos contraditórios de exibição acaba deixando incompleta parte das implícitas funções de um ou do outro” (Wittlin, 1949, Seyd, 1971, p.180 apud Almeida, 2001, p.28).

Seyd também considera “possível conciliar numa exposição discursos para os dois tipos de público. Estudantes de áreas diferentes são tão leigos como o público em geral, um estudante de química sabe tanto de arte quanto qualquer outra pessoa”. É possível partindo do pressuposto que museus são interdisciplinares e devem contar com serviços idealizados por diversas áreas que se completam, como também estar preparado para receber profissionais das mais diversas áreas do conhecimento.

Já outro ponto também intimamente ligado à Ação Educativa, a função do museu, quais são as características que lhe dão esse título. No caso dos museus universitários, existe uma discussão, evidenciada na fala de uma funcionária do MA e também de um funcionário do MM¹¹, a ideia de que essas tipologias de museus devem servir somente aos pesquisadores. É um ponto que permeia as exposições, uma vez que essas devem ser pensadas para o público alvo da instituição. De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

“Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (BRASIL, 2009, grifo meu).

As funções de um museu universitário de ciências, caso dos dois apresentados nesta pesquisa, seriam “Ampliar e disseminar o conhecimento; fornecer serviços à

¹¹ Abordadas adiante nos capítulos específicos dedicados a essas instituições.

comunidade representada pelo museu” (Mayer-Dakes, 1960, p.2. Apud Almeida, 2001, p.32).

Almeida, aponta que existe nos museus universitários um “Pequeno aproveitamento, tanto das coleções como do potencial dos profissionais, pela universidade e pelo público. Falta de interação entre museus universitários e outros órgãos da faculdade”. (Almeida, 2001, p. 02). São poucos ou nenhum visitante da faculdade. A autora questiona, para quem servem esses museus? Quais as funções? Para quem? Quais projetos tem prioridade? Tem responsabilidade de salvaguardar e comunicar tais coleções?

Adriana Mortara Almeida chegou a um número de mais 125 museus universitários no Brasil, a partir do Banco de dados da CPC/USP em 23 de novembro de 1999, entre os 840 cadastrados. Os museus abordados nesta pesquisa, passam pelas dificuldades mencionadas por Almeida, a saber:

Dificuldades financeiras, falta de autonomia, relação íntima ou distante com o departamento responsável, com a comunidade universitária e a comunidade regional, abandono das coleções, falta de espaço para armazenamento e exposições, falta de profissionais (Almeida, 2001, p. 03).

Ocorreu aqui na cidade de Goiânia o I Encontro de Museus Universitários, em 1992, único até então. Várias foram as sugestões dadas, mas pouco concretizado. São inúmeras questões que dificultam diversos pontos, como dito acima, a questão da captação de recursos é um obstáculo presente, onde as faculdades não conseguem manter as instituições. O MA pleiteia editais diversos na tentativa de obter recursos para a instituição. O professor Edson José Benetti do MM acredita que é necessário cobrar dos visitantes um valor simbólico para manutenção básica do espaço, o atual diretor do Planetário UFG também considerou importante em uma entrevista informal para a autora.

Almeida (2001, p. 13), “Muitas vezes, é a partir da aceitação de uma coleção que a universidade vai criar cursos e atividades ligados às disciplinas afins”, como o MA que teve várias atividades e cursos ligados a Museologia, até a criação do curso em 2010. As pesquisas, inerentes à atividade universitária, geram coleções, o que vai resultar nos museus universitários, como os dois abordados aqui. O que é preciso pensar é até que ponto a estrutura universitária está disposta a investir nos processos

museológicos. O que faz com que a cadeia museológica seja prejudicada por não ter prioridade em museus universitários, isso pode ser visto na ausência de profissionais museólogos, acervo sem documentação e conservação preventiva, bem como exposições que não expõem, que geram Ações Educativas falhas. O MM e MA nascem de coleções de pesquisas, mas têm contornos diferentes, como será detalhado nessa pesquisa.

Warhurst aborda que “Ensinar através do manuseio ou de observação, é considerado mais benefício do que olhar objetos em vitrinas durante a visita a um museu.” (1992, p. 94. Apud Almeida, 2001, p. 19). O manuseio é importante para o aprendizado, para isso, foram propostas e realizadas algumas ações centradas nesse ponto para os dois museus, como a MALA.

A discussão é válida para todos os museus, mas nos museus universitários, repletos de pesquisadores, especialistas e curadores fica ainda mais dificultada a participação dos mediadores na concepção. Além disso a falsa ideia, que esses museus devem se voltar apenas ao público interno, sendo que esses museus universitários são espaços privilegiados para a extensão universitária.

Ação Educativa nos Trabalhos de Conclusão de Curso

O autor Marcos Francisco Alves (2016), fez a monografia *Caminhos da Pesquisa Museológica no Brasil Temas e Tendências nos Trabalhos de Conclusões de Curso (2008-2014)*, em que mapeou as monografias de todo o país nas universidades que tem a graduação em Museologia. A partir dessa pesquisa, analisei a relação dos trabalhos, identificando as pesquisas com temas acerca de ação educativa a partir do exame dos títulos, por curso. Também acessei os trabalhos disponíveis *online*. A partir da análise, foram gerados gráficos para melhor visualização dos dados apresentados.

Das 706 monografias que foram relacionadas pelo autor, apenas 86 foram consideradas sobre ação educativa, ou seja, um total de 12%, tendo duas categorias: monografias que abordam Ação Educativa e as que não mencionam o tema em seus títulos. Interessante notar que esse é um tema muito recorrente na Museologia Brasileira, mas que não está presente nas pesquisas de monografia. Os gráficos

mostram que de 2008 a 2014, a quantidade de monografias sobre ação educativa vem aumentando, sendo sete em 2008 e 24 em 2014. As mulheres¹² são maioria entre as acadêmicas que escreveram sobre o tema, 86%. Entre as universidades que mais tiveram trabalhos sobre esse tema, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro se destaca com 24 trabalhos, mas se olharmos a porcentagem de trabalhos considerados de ação educativa da faculdade do Rio de Janeiro são somente 8% de 290 monografias relacionadas, e a Universidade Federal de Goiás e Universidade Federal de Pernambuco só tiveram uma produção desse tema, até o momento da análise. Dessas produções acadêmicas, poucas estão online, somente 27%.

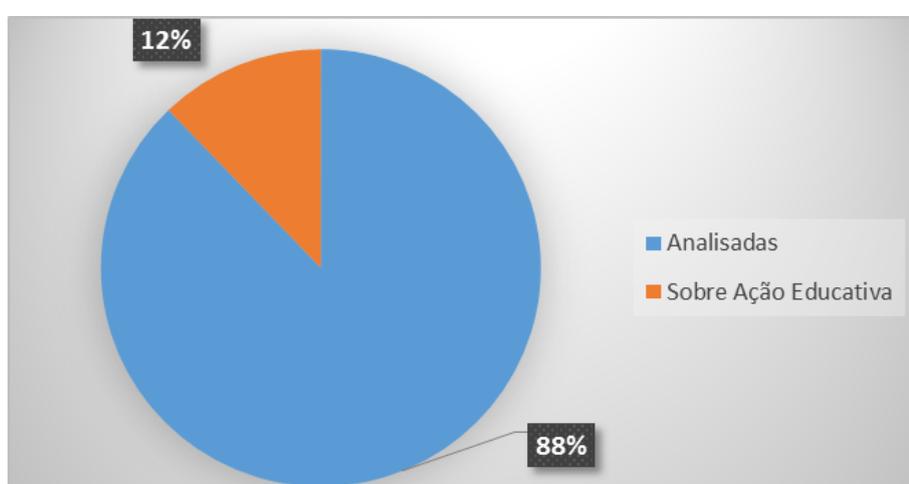


Gráfico 1. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Total de Monografias consideradas de ação educativa.

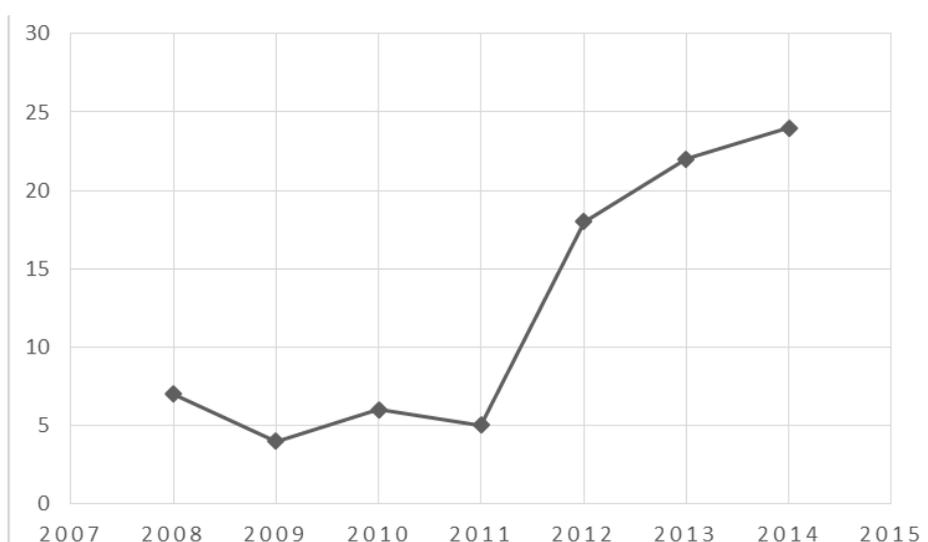


Gráfico 2. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Ano.

¹² Interpretação a partir do nome dos pesquisadores.

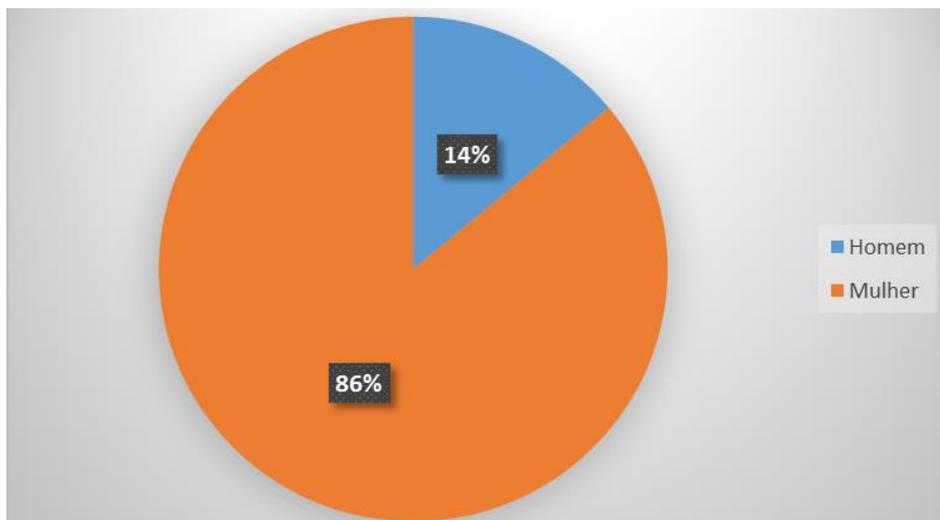


Gráfico 3. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Gênero.

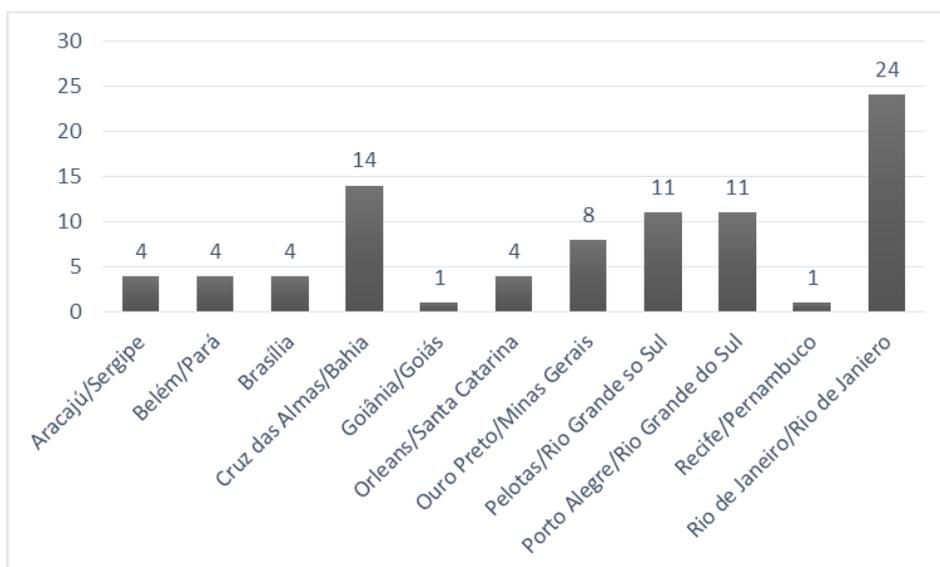


Gráfico 4. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Cidade/Estado de origem das monografias.

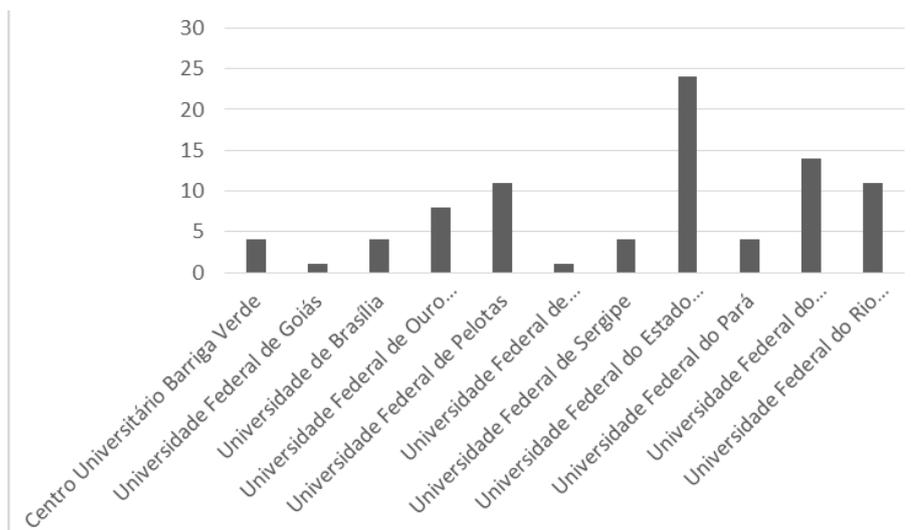


Gráfico 5. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Universidade (relacionadas pelo autor).

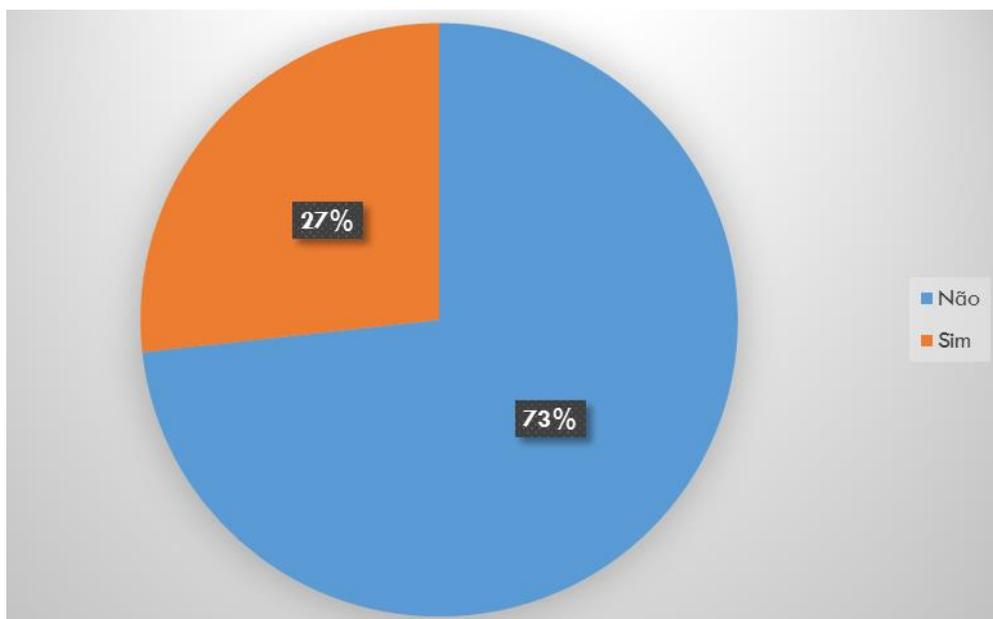


Gráfico 6. Trabalhos de Conclusão de Curso com temas acerca da ação educativa. Trabalhos disponíveis online.

Capítulo 2 – Museu de Arte Contemporânea de Goiás

Caracterização da Instituição

O Museu de Arte Contemporânea de Goiás foi criado em 1987, através do Decreto-Lei nº 2.712 de 18 de maio, e inaugurado em oito de dezembro de 1988. Funciona sob tutela do Governo do Estado de Goiás e tem 13 funcionários. O esquema a seguir traz uma visualização da organização da instituição, a partir das entrevistas encaminhadas no âmbito da presente pesquisa.

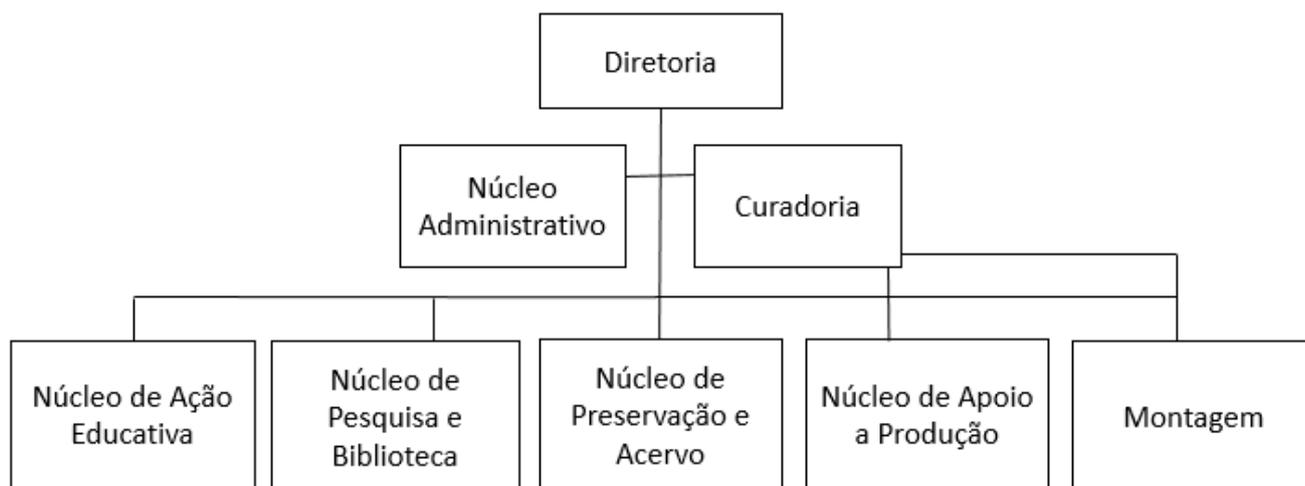


Imagem 7. Equipe MAC|GO. A partir de entrevista com Tárzis Farias. 2015.

O museu possui um acervo com várias obras de artistas locais, nacionais e internacionais, envolvendo desenhos, gravuras, pinturas, objetos, esculturas e outros. Esse acervo foi iniciado a partir da:

I Bienal de Artes de Goiás, de outros concursos e Salões de Arte, além de doações de extintas instituições, como a Caixa Econômica do Estado de Goiás (Caixego) e o Banco do Estado de Goiás (BEG), Prêmio Flamboyant. (SILVA, 2015, p.16)

A instituição foi transferida em 2011 para sua atual sede, o CCON, com quatro espaços expositivos. A entrada do museu é gratuita e o horário de funcionamento é das 10h00 às 16h00, de terça a sexta-feira, e das 11h00 às 17h00, aos sábados e domingos.



Imagem 8. Museu de Arte Contemporânea de Goiás¹³.

O Plano Museológico¹⁴ de curto prazo, com data vigente de 2013 e 2014, indicou entre as metas, a proposta de criação do Núcleo Arte-Educação e Comunicação:

Compreendo a comunicação como um fator decisivo de consolidação da política museológica, o Núcleo terá a responsabilidade de envolver todas as áreas de atuação do Museu, desde a pesquisa, a preservação do acervo até a concepção e montagem de exposição (a exposição é, neste contexto, o produto do trabalho interativo realizado durante todo o processo de concepção, produção e montagem). (PLANO DIRETOR, 2013, p.4. Apud SILVA, 2015, p.17).

Esse Núcleo aparece indicado nas fichas técnicas apresentadas pela instituição em suas últimas exposições, como *Bia Doria: redesenhando a natureza - esculturas e relevos* que esteve em cartaz até 13 de dezembro de 2015. O Núcleo é composto pelos funcionários Gilson Andrade e Társis Farias¹⁵, também de acordo com a ficha. O Plano Museológico abordado pela Silva, afirma que:

O Núcleo de Arte-Educação e Comunicação tem o objetivo de promover ações educativas capazes de potencializar a fruição e a compreensão das obras pertencentes ao acervo do Museu; garantir a ampla acessibilidade, além de promover a inclusão de novos visitantes, incentivando-os à visita e participação nos processos museológicos.

O Núcleo tem ainda o objetivo de promover pesquisas periódicas para conhecer o perfil do visitante para reordenar seus projetos de educação e comunicação; estabelecer diálogo permanente com as instituições de ensino,

¹³ Disponível em: <<http://www.agetop.go.gov.br/post/ver/162779/obras-civis>>. Acesso em mar. 2016.

¹⁴ A autora Aluane de Sá da Silva (2015), menciona Plano Museológico e Plano Diretor.

¹⁵ A composição pode ter tido alterações devido a rotatividade da equipe, essa citada foi até dezembro de 2015.

através de parcerias, projetos e programas complementares ao conteúdo didático das escolas, das instituições de educação especial e de outras instituições representativas da comunidade. Tem ainda o objetivo de desenvolver a programação anual das atividades do Setor. (PLANO MUSEOLÓGICO – PLANOS DE METAS, 2013, p.4. Apud SILVA, 2014, p.17).

Não obstante, mesmo que o termo Arte-Educação não seja sempre indicado na denominação do Núcleo, cabe fazer uma breve digressão sobre o conceito, para compreender o que essa escolha teórico-metodológica significa no campo da educação em museus. A partir da leitura do texto *História do Movimento de Arte-Educação no Brasil* (BACARIN; NOMA, 2005), destaco que a organização da Arte-Educação começou na Semana de Arte Moderna de 1922. Foi visto como benefício para o conteúdo da lição, pela livre expressão tudo era permitido. O início do movimento se fez fora da educação escolar, principalmente em atividades de educação não-formal. Tem influências de Dewey e Read que viam como princípio o respeito para com a expressão livre da criança, seu gesto-traço, suas brincadeiras de faz-de-conta, sua espontaneidade. Bebendo dessa fonte, Ana Mae criou a Metodologia Triangular em 1980, com três vertentes: fazer artístico, leitura da imagem e contextualização histórica da arte (BARBOSA, 2015).

Um olhar como mediadora

O museu trabalhou apenas com mostras temporárias no período analisado (2013-2015), independente da galeria utilizada, o que contradiz, o texto da ficha técnica que segue abaixo, onde é definido que cada espaço da instituição é para um fim específico, de acordo com o site do CCON¹⁶:

O MAC - mede 2.483,87 m² de área útil que abrigam três galerias de arte, salas administrativas, banheiros, copas e ar condicionado central. De forma cilíndrica, com 34 metros de diâmetro, em dois níveis, compreende: mezanino para exposições temporárias, com 472,20 m²; piso, com 980 m², com pé direito, variando entre 3,30 metros a 7,70 metros, para exposições permanentes do acervo, podendo, esporadicamente, receber exposições temporárias; e as galerias de arte D. J. Oliveira (318,55 m²) e Cleber Gouvêa (290,84 m²), que situam-se no subsolo, abaixo da Esplanada. (CCON, 2015).

¹⁶ O site é: <www.ccon.gov.gov.br>. Acesso em 22 mar. 2016.

O processo curatorial das exposições não tem participação dos profissionais que lidam com o público, é uma equipe específica que planeja as exposições, ou acontecem mostras de fora que a equipe interna não intervém diretamente, mas que também não apresentam uma sensibilidade para as diversas formas de exclusão possíveis em mostras culturais. A exposição *Múltiplo Leminski*, que ficou aberta no museu de novembro de 2013 a março de 2014, foi uma exceção e obteve um dos maiores públicos, no período analisado, e será detalhada adiante. Essa falta de integração da equipe educativa e curatorial faz com que exposições sejam apresentadas de forma a não atender uma série de questões relevantes. Não obstante, o museu mostra uma preocupação com o público que tem mobilidade reduzida, com rampas e elevadores, o que já contribui para o acesso de parte da população. A instituição está tentando aproximar a curadoria do educativo por meio de reuniões.

O museu apresentou algumas exposições com a curadoria de Gilmar Camilo como a *Aurora Tecnicolor* de Rodrigo Godá e *Totalitarium* de Pitágoras, outras são projetos de exposições itinerantes como a *Múltiplo Leminski* e *Nos Caminhos Afro*. Adaptei a tabela a seguir, partindo da organização realizada pelo museu, por meio dos dados retirados do caderno de registro, que contém os seguintes campos para público espontâneo: nome, e-mail, profissão, instituição, telefone, cidade e data. O quadro tem o quantitativo de público das exposições do museu de 2013 a 2015.

Exposição	Período	Público Espontâneo	Público Escolar¹⁷	TOTAL
A Arte de Ana Maria Pacheco	26/11/2013 a 14/03/2014	1646	2100	3746
A Imagem Adquirida	26/11/2013 a 14/03/2014	1646	2100	3746
Múltiplo Leminski	28/11/2013 a 09/03/2014	2201	2100	4301
Mostra de Arte Urbana no Brasil Central	26/04/2014 a 30/06/2014	5060	3085	8145
Aurora Tecnicolor	07/05/2014 a 20/07/2014	1778	-	4863
Totalitarium	07/05/2014 a 20/07/2014	1778	-	4863
Impedimento	19/05/2014 a 29/06/2014	2000	-	2000
Reconhecimento de Padrões	19/07/2014 a 17/08/2014	430	200	630
Marcelo Solá	29/08/2014 a 22/03/2015	1287	580	1867
Nos Caminhos Afro	04/09/2014 a 30/11/2015	860	580	1440
6X simultânea	30/09/2014 a 22/03/2015	443	-	443
Daniel Acosta	14/11/2014 a 22/03/2015	612	-	612
Um só corpo: Arte Contemporânea nos países do Mercosul	23/04/2015 a 17/07/2015	1238	-	1238
Redesenhando a Natureza Esculturas e Relevos	21/09/2015 a 13/12/2015	878	-	878

Tabela 2. Exposições do MAC|GO entre 2013 e 2015. Adaptada pela autora.

A partir dessa tabela, um gráfico foi gerado para melhor visualização dos números apresentados. A exposição *Mostra de Arte Urbana no Brasil Central* apresentou maior público, enquanto a *6x Simultânea* apresentou menor público.

¹⁷ O museu não possui um controle preciso do público escolar em todas as exposições, é feito uma média a partir dos agendamentos.

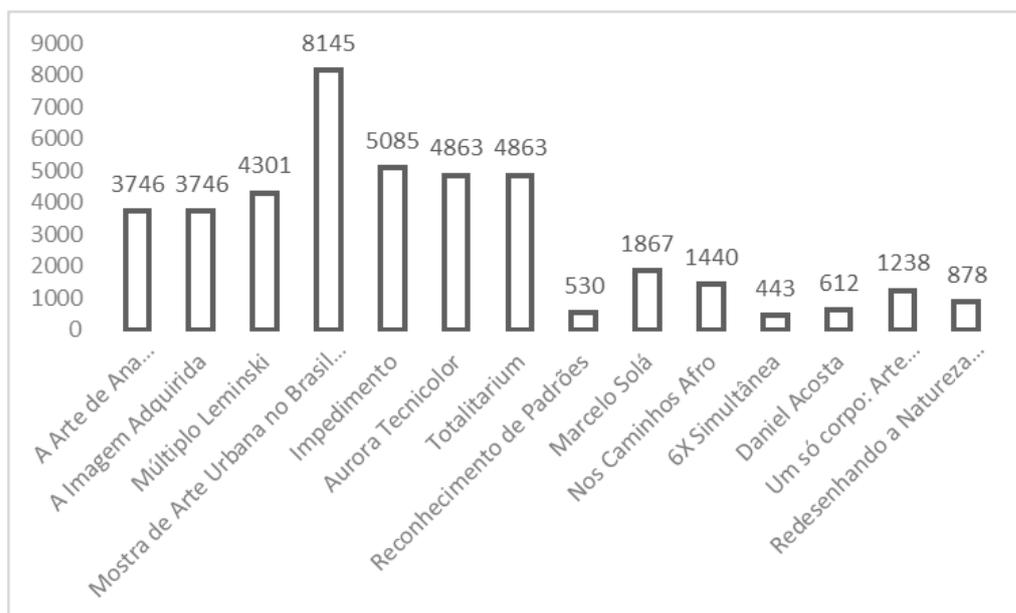


Gráfico 7. Exposições do MAC|GO 2013-2016.

A exposição *Múltiplo Leminski*, que esteve também em outras instituições, em capitais como Curitiba e Rio de Janeiro, foi composta pelo acervo pessoal do artista Paulo Leminski, envolvendo livros, fotos e cadernos. A proposta da exposição foi mostrar o quão múltiplo foi esse artista. Ter uma coordenação de Ação Educativa atenta à organização da equipe de mediadores, atendimento escolar e do público espontâneo contribuiu para um aprendizado constante e melhor atendimento. As reuniões com toda a equipe tendo pontos específicos a serem abordados e melhorados nos direcionava para um trabalho mais produtivo. A importância da elaboração do relatório diário foi fundamental, era nesse momento de construção que analisávamos nós enquanto mediadores as falhas e acertos com cada grupo.



Imagem 9. Mediação realizada pela autora na exposição *Múltiplo Leminski* no MAC|GO. Foto: Autor desconhecido.

A exposição *6X Simultânea* que ficou aberta ao público de setembro de 2014 a fevereiro de 2015, teve algumas obras do artista Helô Sanvoy que tinha como proposta jornais com o conteúdo textual cortados com estilete, essas obras ficaram expostas em diversas alturas ao alcance de crianças e adultos, sem moldura para proteção. Mesmo com a presença de um mediador, a exposição teve problemas de segurança, dentre os quais o fato de alguns alunos chegarem a rasgar a obra. Tais problemas eram potencializados com grande número de alunos em grupos.

Com essa mesma exposição aconteceu outro fato com a obra, da artista Ana Beatriz, que tinha uma colher, cabelos e agulhas em uma sala escura sem câmeras, na altura da visão dos visitantes¹⁸, sem proteção. Nem sempre o mediador estava perto, com isso, aconteceu o furto de uma agulha e a artista percebeu e cobrou um posicionamento do museu.

Esses dois casos poderiam ser evitados com uma expografia com foco no público, nas obras do Helô Sanvoy, por exemplo, molduras poderiam ajudar, mas como o artista não quis por achar esteticamente melhor, a altura poderia ter sido melhor pensada. Já nas obras da Ana Beatriz, poderia utilizar dos recursos de altura, espaço aberto com câmera para controle pelos mediadores e vigilantes.

¹⁸ Cerca de 90 cm.



Imagem 10. Exposição *6X Simultânea*, obra de Helô Sanvoy. Disponível em: <facebook.com/6xSimultanea>. Acesso em 2015.

Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu

No MAC, foram realizadas quatro entrevistas (anexos nº 1 e 2), sendo uma com a diretora e as outras três com os funcionários que realizam atendimento ao público. A partir dessas entrevistas, é possível perceber diferentes discursos. Muitos dos desencontros nas falas são gerados pelo desconhecimento dos termos e definições da Ação Educativa, o que mostra uma falta de relação entre a prática e a teoria. Os entrevistados C1 e C4 não consideram que o museu tem um Programa Educativo, sendo que o entrevistado C1 acredita que esse documento está em construção. Já o entrevistado C2 acredita que o museu tem um Programa Educativo na prática, só não existe o documento.

As formas de financiamento da instituição não são conhecidas por todos os funcionários da Ação Educativa, dois entrevistados não souberam responder quais são os financiamentos, somente o entrevistado C1 disse que são captados recursos através da Seduce, via CCON. O entrevistado C1 falou do planejamento das atividades, mas se concentrou nas formas de execução, já os entrevistados C2 e C4 explicaram que planejam as visitas de forma individual estudando a exposição, vídeos e pesquisa indicada pela curadoria. Os títulos das atividades também mostraram divergências sendo que só o entrevistado C1 citou os nomes 'Visita guiada sem marcação' e 'Ação educativa com grupos agendados', o que fez entender que para esse funcionário que as atividades educativas só são realizadas para públicos agendados, já o entrevistado C4 disse que os títulos das ações dependem das exposições. Para os entrevistados C2 e C4 o museu não tem público específico e para

o entrevistado C1 é público escolar, oriundos de instituições públicas e privadas. Para o entrevistado C2 não tem avaliação, para o entrevistado C1 tem avaliação formal com o professor, o que acha desgastante, falam também com os alunos sobre o que aprenderam, os profissionais conversam entre si e em reuniões com a curadoria para refletir sobre o processo. Diz ainda que não é documentado, tentam fazer a avaliação de maneira mais abrangente. O entrevistado C4 tem sua avaliação a partir da opinião do Coordenador de Ação Educativa, ou seja, o público acaba não sendo ouvido e a opinião relevante é de um profissional interno, que também não é documentada.

Os entrevistados C1 e C3, mostraram uma preocupação grande com os números. O entrevistado C1, destacou que cerca de 4.290 crianças de 105 escolas foram atendidas em cinco meses de exposição, o registro é feito a partir da agenda. Os profissionais reforçam a importância de se investir nesta área. Para o entrevistado C3 o retorno tem aparecido pelo grande número de escolas, cerca de 3000 crianças até então e previsão de quase 5000 até o fim do primeiro semestre de 2016. Disse também que a “grande visitação de escolas públicas e privadas, é um grande marco, são crianças que vão aprender sobre cultura, adoradores de arte. Uma formação diferente das pessoas de hoje que têm uma educação cultural que deixa a desejar”. O entrevistado C1 disse que o MAC é um dos museus com maior número de visitação da cidade, o que isso representa? Esse museu está avançando ou se mostra diferente por isso? Cabe destacar que o ponto mais importante aqui não são números, são pessoas. Como essas pessoas são atendidas nesses espaços, como elas se sentem nesses lugares que são delas, será que esses ‘números’ voltam, o que será que levam desse lugar. Essa é questão bastante problemática nos museus onde o quantitativo é considerado como variável de destaque na obtenção de financiamentos.

Uma reflexão sobre algumas ações da instituição

Para a pesquisa, observei algumas atividades oferecidas no museu durante a 14ª Semana Nacional de Museus promovida pelo IBRAM. A programação no ano de 2016 teve muitas atividades, painel bem diferente do observado nos anos anteriores. A Visita Guiada às exposições que seria a primeira atividade, não teve procura do público.

A Mesa de Abertura *Paisagens Culturais – O Museu a Cidade e o Homem* contou com cerca de 25 pessoas incluindo público espontâneo e principalmente funcionários do museu. Na apresentação da Mesa, o Superintendente de Cultura da Seduce (Nasr Fayad Nagib Chaul), falou sobre a formação de crianças proporcionada pelo museu e a importância da relação com o curso de Museologia. Os convidados da mesa foram: Tânia Mendonça – Superintendente do Patrimônio Histórico e Artístico da Seduce, Pablo Fabião Lisboa – professor de Museologia da UFG e parte do Conselho Consultivo do Museu, Fernando Costa Filho – artista plástico e também integrante do Conselho, Selma Parreira – professora da FAV|UFG e o mediador da mesa, o curador do museu Gilmar Camilo.

Selma Parreira reforçou como é imprescindível a realização de Ações Educativas eficientes nos museus, para que os alunos da UFG possam ser liberados para usufruir e também contribuir, elogiou a Ação Educativa do museu que está recebendo bem os alunos, julgou eficientes as exposições com o acervo do museu.

Gilmar Camilo destacou a funcionalidade das exposições se essas envolvem educação, Museologia e conservação. Sobre o último item, ele falou que o Museu tem trabalhado no inventário das obras, em que mapearam a produção artística goiana. Ele ainda observou a necessidade de mobilizar o público espontâneo, como também desmistificar a sacralização da visita às exposições.

Já Tânia Mendonça focou sua fala no projeto do Governo do Estado *Circuito Cultural: O Desafio da Musealização da Paisagem Cultural da Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira*, também falou no Núcleo de Ação Educativa da Seduce que está na sua quarta reunião, ainda que “mesmo não ultrapassando a linha da teoria, por nada ter sido colocado em prática, o que seriam as melhorias na área educativa dos museus que estão sob a tutela do estado” e vê uma importância na integração de alunos da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG.

Gilmar Camilo, começou a falar da intervenção do Grupo *Bicicleta sem Freio* feita para o *Festival Bananada* de 2015 no prédio da Biblioteca do CCON¹⁹. O curador definiu a intervenção como “temerosa, que não tinha a ver”. Destacou a sujeira que o

¹⁹ Ação batizada de Blackbook parte da programação especial de artes visuais do Festival, teve sua permanência ou retirada discutida em um debate promovido pela Seduce, onde foi decidido que o painel seria retirado e a pintura do local seria refeita.

Festival provoca no CCON todos os anos e disse ter ficado em dúvida se era uma felicidade ou infelicidade a proximidade nas datas dos eventos, a Semana de Museus e a edição 2016 do Festival²⁰, ainda afirmou que o acervo valioso do museu não tem a ver com esse tipo de evento, que por isso é necessária uma imposição por parte do museu. Disse reconhecer a importância do festival, mas que sempre saem “chamuscados”, como no episódio da intervenção que o curador lembrou que o museu saiu como “mal”.



Imagem 11. Painel feito pelo grupo *Bicicleta sem Freio*. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/painel-de-artistas-no-niemeyer-causa-pol%C3%AAmica-1.853301>>. Acesso em 21 mai. 2016.



Imagem 12. Remoção do painel do *Bicicleta Sem Freio*. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/remo%C3%A7%C3%A3o-do-painel-do-bicicleta-sem-freio-causa-indigna%C3%A7%C3%A3o-na-internet-1.879317>>. Acesso em 21 mai. 2016.

²⁰ A edição de 2016 do evento, foi de nove a 15 de maio, ou seja, um dia antes da Mesa Redonda.

Durante a Semana, o museu recebeu grupos agendados como a Escola de Arte Nuvem que levou cerca de 15 crianças. Logo na apresentação, os pequenos observaram e participaram quando o profissional que conduziu a visita falou sobre questões gerais como não tocar nas obras devido as nossas mãos terem 'bichinhos', que as crianças iam conhecer obras muito valiosas, se quisessem falar deveriam levantar o dedo, que "não pode falar durante a explicação, pois pode atrapalhar o colega". Uma das crianças disse que não pode correr, o outro disse que não pode gritar. O profissional falou que os artistas contam uma história com sua obra, perguntou do Rio Vermelho na cidade de Goiás, do carro de boi, que não tinha caminhão na época, então como transportar? As crianças responderam que o transporte era feito do boi. Todos levantavam a mão para perguntar, pareciam muito curiosos querendo falar. Perguntaram o porquê das cores diferentes dos bois, outra criança, ficou com o dedo levantado para questionar por muito tempo sem resposta, até que foi atendido perguntando se quem puxava o carro de boi no quadro eram escravos, o profissional respondeu que poderia ser pela cor da pele e por ser período de escravidão, eram quadros de Octo Marques. Perguntaram por que a moldura era diferente e a resposta foi que provavelmente era pela diferença na data da pintura, que antes o artista usava molduras mais bonitas. O profissional falou da Serra Dourada que quando bate o sol lembra ouro, a maioria sabia o nome do lugar. Uma das alunas observou que todos os três quadros desse artista tinham dois pássaros. Outra criança disse que foi em um museu na cidade de Goiás e estava cheio de teia de aranha. Nos quadros do Frei Confaloni, o profissional disse que o artista gostava de pessoas com a pele negra em seus quadros. Nas obras do DJ Oliveira a professora lembrou que na entrada do subsolo do CCON tem uma obra do artista. No quadro Arqueologia Goiana do Antônio Poteiro, o profissional não mencionou a Arqueologia em nenhum momento, uma criança perguntou por que o quadro eram 'dois' e ele respondeu que era porque o artista estava contando uma história, sendo que na verdade a parte de cima é a população e na parte inferior é uma estratigrafia do solo, representando objetos deixados por povos anteriores. Foi mencionado o racismo na obra de Omar Souto, onde uma empregada doméstica negra foi acusada de roubo pelos patrões, foi presa e depois liberta, após o culpado ser descoberto, o profissional contou isso para as crianças. No quadro do Pitágoras e de outros artistas, passou algumas informações suscitando reflexões das crianças.

As crianças estavam muito cansadas, diziam ter fome e não queriam ver a segunda galeria. Tinham outros profissionais no museu acompanhando a visita, mas o mesmo profissional fez as duas galerias. Todos voltaram a falar da cidade de Goiás e as crianças disseram que está tudo abandonado. Nesse segundo momento, o profissional passou bem mais rápido. Falou das gravuras, como são feitas e uma criança disse que já fez. Fez algumas perguntas sobre as gravuras que levaram as crianças a olharem as obras com mais atenção, como qual tinha cinco pessoas e qual tinha quatro patas, nesta parte alguns deixaram o cansaço e participaram, outros deitaram ou sentaram.

A última atividade observada foi a *Ação Educativa com o artista Bulacha e suas casas de passarinho...*, essa ação não contou com público espontâneo, somente funcionários do museu acompanharam a atividade, cerca de 10 pessoas. Logo no começo o artista percebeu que sua caixa de passarinho estava sem fone, com um áudio urbano para contrastar a ideia da caixa e luz interna e que assim não deixaria no museu para apreciação, já que os itens eram importantes por ter sido idealizada com eles. A diretora, então, pediu que chamassem um dos eletricitistas para colocar uma lâmpada na caixa e deixá-la para os visitantes do museu mesmo sem o fone. A lâmpada foi colocada durante a atividade. A ação começou por volta das 15h e estava marcada para as 14h, consistiu em uma conversa com o artista enquanto ele construía um suporte para a caixa e depois gravou no stencill uma chamada *Imobiliária Revoada*. A maioria das perguntas para o artista partiram de um dos funcionários do museu que realiza atendimento ao público, que gerou uma explicação de como o artista iniciou esse trabalho com caixas de madeira e pássaros. Ele contou que quando era criança vivia numa 'invasão', e que foram convidados a se retirar para aumentar o valor das casas. A impressão que ficou para ele foi "a gente era bicho do lugar". Quando ele se mudou para outro bairro acompanhou a especulação imobiliária por causa do shopping construído nas imediações. Por toda essa preocupação com o meio ambiente ele só utiliza materiais reciclados. Contou que nesses processos que acompanhou, as árvores começaram a desaparecer, a prefeitura atual cortou muitas árvores e disse que estavam doentes. O progresso chega e acaba com o verde, os pássaros têm que improvisar suas casas. Durante a atividade alguns profissionais terceirizados do CCON acompanharam a ação por algum tempo como o eletricitista e uma copeira, chegaram a sentar para olhar o que tinha dentro da caixa.

Práticas e reflexões: *MAC|GO, Esplanada e Público*

No desenvolvimento e aplicação de um Projeto Educativo-Cultural, ações foram executadas no museu, como a atividade *MAC|GO, Esplanada e Público* formulada pela coordenação da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás) para o I Encontro dessa gestão²¹. Um questionário preliminar foi elaborado para o público frequentador da Esplanada, antes do evento, que foi aplicado no dia 13 de junho de 2015, com o objetivo de identificar o perfil desse público, se frequenta ou não o museu, partindo da questão em que a Esplanada e o museu ficam no CCON e que esse público potencial – segundo categoria abordada por Köptcke (2012), não frequenta o museu. Uma ferramenta de percepção foi aplicada após a realização do I Encontro, em quatro de julho de 2016. Nesse momento, vou comparar os dois questionários, a pesquisa preliminar (anexo nº 3) e a pesquisa na data do Encontro (anexo nº 4), sintetizando como foi preparada e executada a atividade²².



Imagem 13. Aplicação do questionário preliminar. Foto: Maria Angelina de Sá C. Donda.

A pesquisa preliminar teve os seguintes resultados: Das 45 pessoas entrevistadas, 51% são do sexo feminino e 38% do sexo masculino, no questionário aplicado já no I Encontro, o público maior também foi feminino, 59%.

²¹ A Gestão da REM-Goiás 2015/2016 foi composta por Aluane de Sá – Coordenadora Geral; Simone Rosa – Coordenadora de Estudos e Articulação; Lucas de Souza – Coordenador de comunicação; Karilla Kamylla – Secretária Geral.

²² Descrito de forma detalhada no trabalho 'Reflexões acerca do Estatuto de Museus e as ações realizadas pela REM-Goiás no Museu de Arte Contemporânea de Goiás – Centro Cultural Oscar Niemeyer' de Aluane de Sá da Silva (2015).

Entre os entrevistados, 40% das pessoas tem idade entre 11 a 20 anos, no I Encontro essa maioria permaneceu, sendo 37%. A maior parte das pessoas entrevistadas são estudantes, representando 67%, no I Encontro os estudantes foram representados por 59% dos participantes. O Ensino Fundamental Incompleto foi representado por 56% das pessoas na pesquisa preliminar, no I Encontro a maioria foram pessoas com Ensino Superior incompleto, 28%.

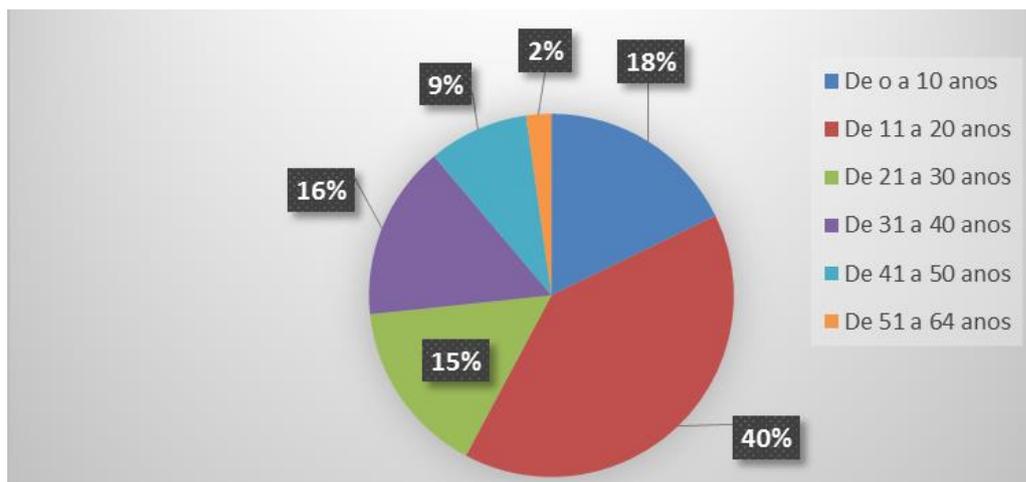


Gráfico 8. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Idade.

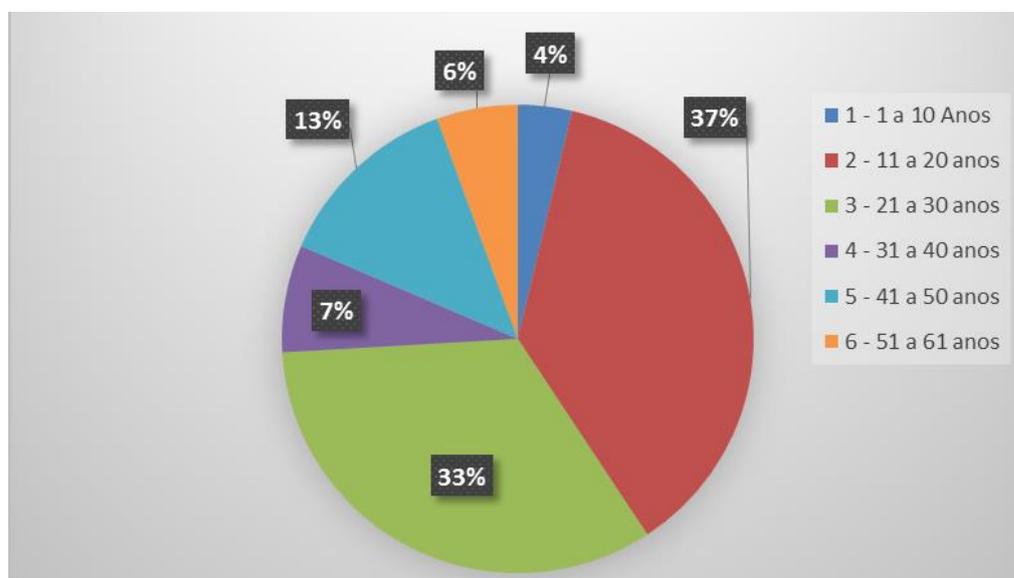


Gráfico 9. Pesquisa com o público do I Encontro: Idade.

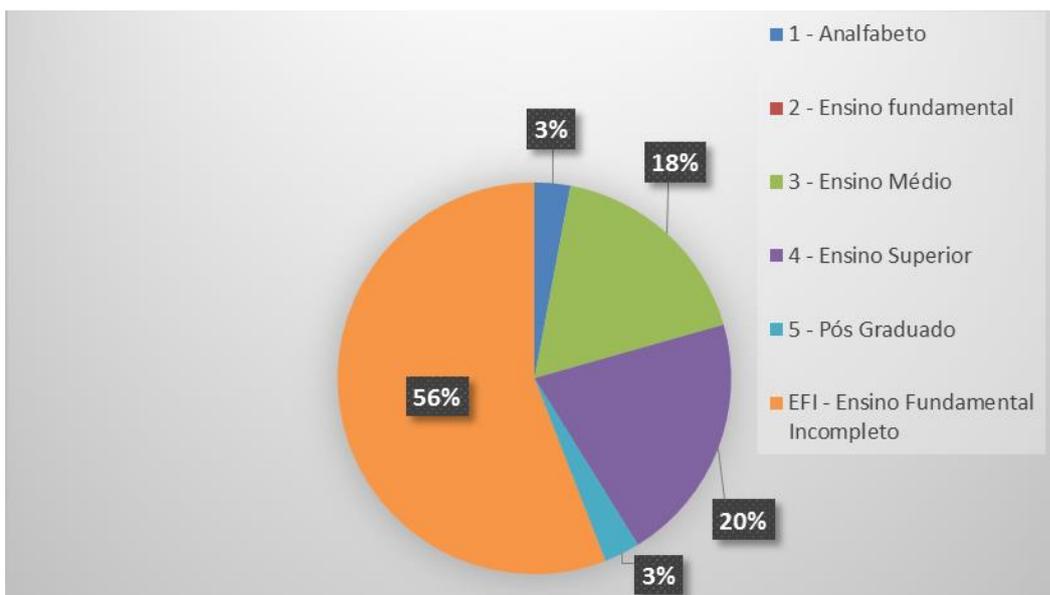


Gráfico 10. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Escolaridade.

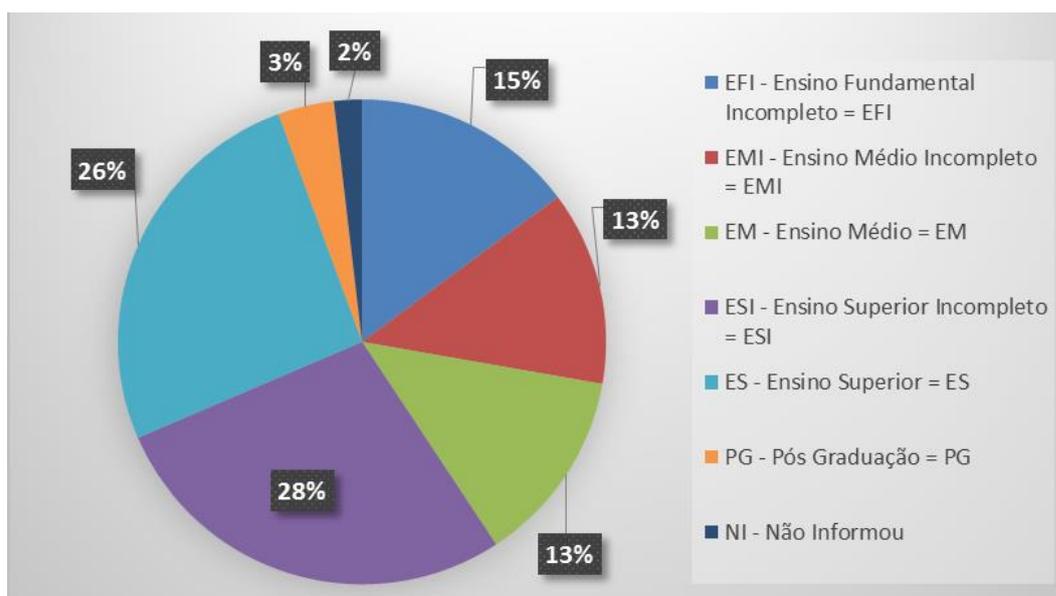


Gráfico 11. Pesquisa com o público do I Encontro: Escolaridade.

Algumas pessoas abordadas pela pesquisa alegaram não frequentarem o museu pela dificuldade de acesso, sendo que 84% das pessoas costumam ir à Esplanada de carro ou moto. A dificuldade de acesso ao CCON é clara para todos da cidade por seu isolamento. Como mostra a imagem, a instituição é afastada de todo restante da cidade, que até o acesso por veículo próprio é dificultado e a chegada por meio de transporte público, muitas vezes, inviável por ter somente uma linha de ônibus

que passa pelo local, alguns se arriscam a pé enfrentando as rodovias estadual e federal.



Imagem 14. Vista aérea do Centro Cultural Oscar Niemeyer. Crédito: Joventino Neto / Postada por: Leo Jr GYN 29/11/2009. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1034767>>. Acesso em 25 set. 2016.

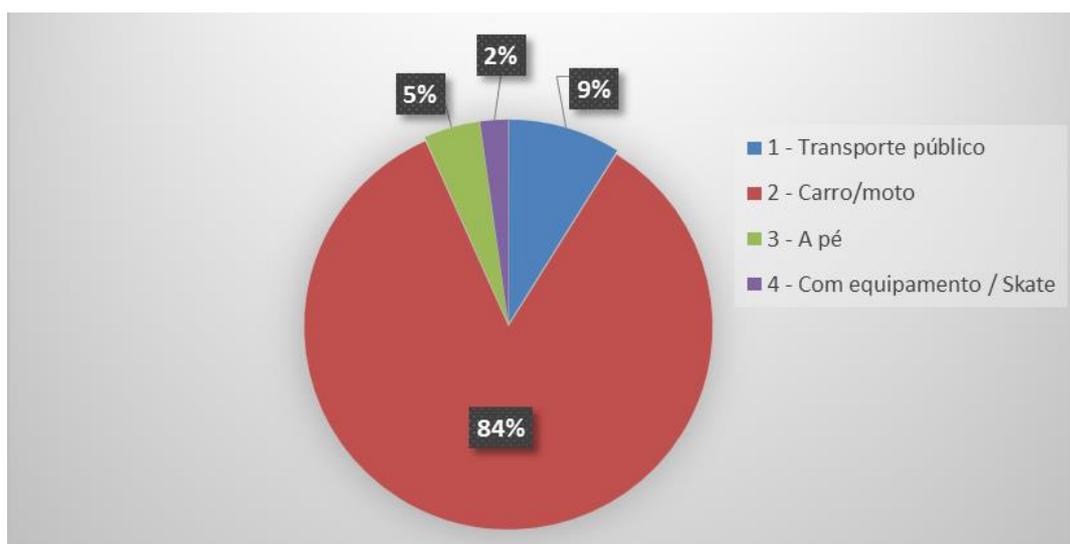


Gráfico 12. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Costuma ir no CCON.

Das pessoas entrevistadas, a maioria de 62% se motiva a ir na Esplanada por lazer, o que destaca a falta de comunicação por parte do museu que pode ser um lugar de lazer, aprendizado e convivência com a família, podemos ver várias pessoas acompanhadas de seus familiares durante as duas pesquisas. No I Encontro puderam perceber que a visita no museu pode ser uma boa experiência, como responderam em uma das perguntas do questionário do I Encontro, se gostou de ter visitado, a maioria de 93% disse sim e 91% participaria novamente.

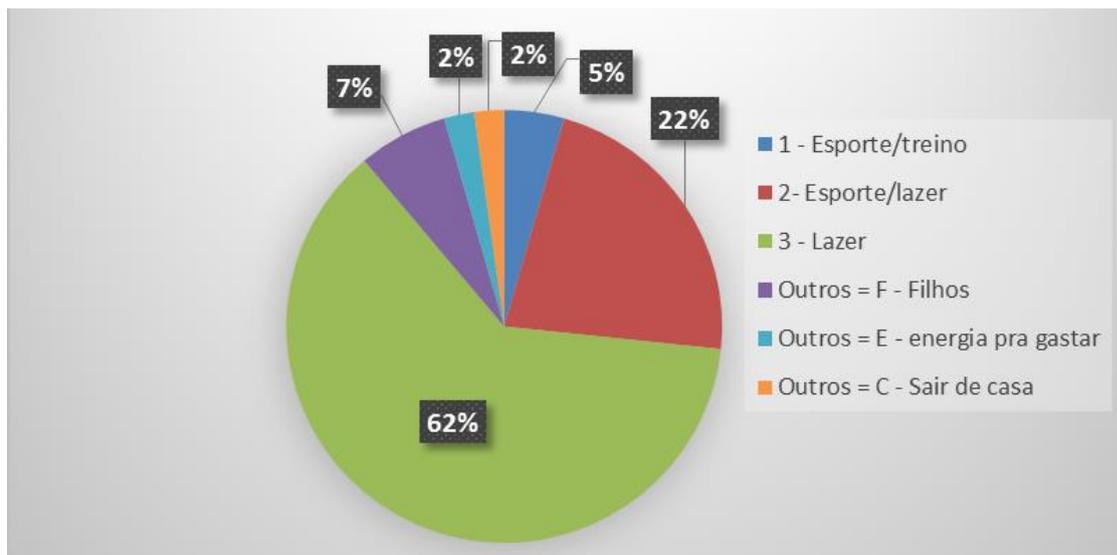


Gráfico 13. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Motivação para ir à explanada.

A maior parte das pessoas entrevistadas sabe da existência do museu no CCON, sendo que 51%, e 79% das pessoas não visitaram o museu. No I Encontro a maioria não sabia do museu, 57% e 83% não tinha visitado. A incompatibilidade de horário foi o principal motivo que fazem as pessoas não frequentarem o museu, sendo 32%. Muitas pessoas representando 32% alegaram que o museu precisa ter mais divulgação para frequentá-lo.

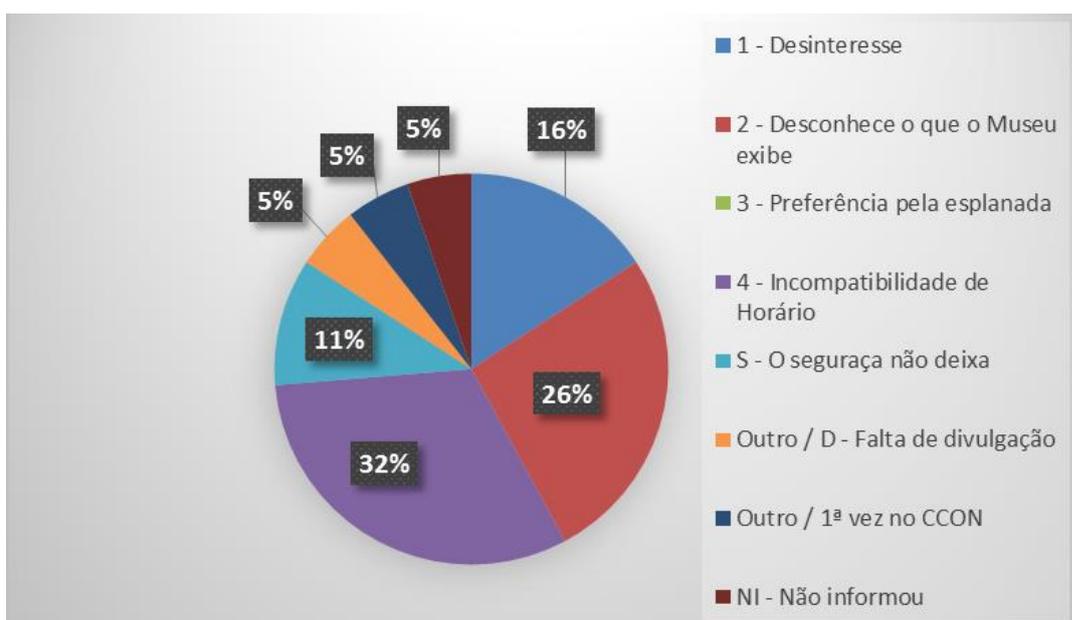


Gráfico 14. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: Por que não frequenta o museu?.

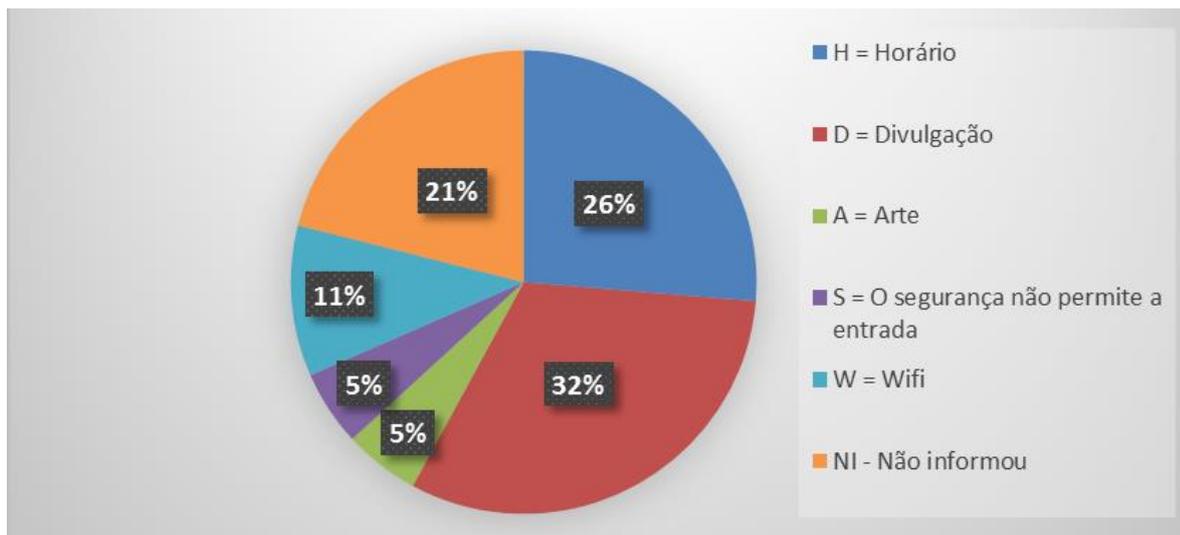


Gráfico 15. Pesquisa preliminar acerca do perfil do público potencial: O que precisa ter para frequentar o museu.

Antes da Pesquisa aplicada na Esplanada, já tínhamos hipóteses acerca do perfil do público e que a maior parte das pessoas não frequentavam o museu. A pesquisa, mesmo não tendo sido aplicada com a maioria das pessoas, confirmou as questões levantadas pela equipe. A pesquisa preliminar influenciou diretamente na atividade realizada no I Encontro da REM-Goiás. Estávamos mais cientes de que a maior parte do público não era frequentador desse museu, mesmo sendo um público em sua maioria, elitizado, com condução própria, com diversos aparelhos de lazer e escolaridade superior completa, os pais e ensino fundamental incompleto, os filhos.

O I Encontro foi programado de forma detalhada por toda a equipe tendo metodologia (anexo nº 5) a ser aplicada durante a atividade. Iniciamos com uma intervenção na Esplanada por meio de cartazes²³. Já no museu falamos sobre a REM-Goiás, a proposta do I Encontro e abordamos também a pesquisa preliminar. Muitas pessoas falaram o que os levavam a não frequentar o museu, questões apontadas nos dois questionários.

²³ Quatro pessoas da equipe passaram pela Esplanada com cartazes com os seguintes dizeres: “Oieeê!”, “Vamos ao museu?”, “Agora!” e “Vem com a REM”. O foco principal era motivar as pessoas da Esplanada para participarem do I Encontro no museu.



Imagem 15. Elaboração do I Encontro. Foto Aluane de Sá.



Imagem 16. I Encontro. Foto Maria Angelina de Sá C. Donda.

No início da ação, com a intervenção na esplanada, percebemos que não estávamos mobilizando as pessoas para entrar no museu. Tivemos que percorrer mais de uma vez para as pessoas se interessarem a entrar. Já dentro da exposição, as pessoas tiveram a oportunidade de falar sobre várias questões relacionadas a museus e suas ausências de público. Terminando a atividade, reunimos em equipe para falar sobre nossas falhas e acertos percorrendo todo o caminho da atividade.

Algumas considerações acerca das ações educativas no MAC|GO

Ao analisar a relação entre exposição e ação educativa, percebo um desencontro e um distanciamento entre as duas áreas dentro do museu. A *Mostra de Arte Urbana no Brasil Central* obteve o maior público dentre 2013 e 2015, como mostra

o gráfico 7. Essa exposição contava com caderno de comentários e uma agenda de atividades frequente, com apresentações ligadas ao tema da exposição. Boa parte das 8145 pessoas estiveram na mostra durante esses eventos extras, esse é um exemplo de como uma exposição aliada a ações educativas pode ser mais fértil.

Como já dito, vários foram os desencontros entre as falas dos entrevistados, sendo possível perceber dois lados – gestão do museu e coordenação da ação educativa, funcionários que estão na linha de frente do atendimento ao público. O que mais chamou a atenção foi a preocupação de um desses lados com um número elevado de público. Ação Educativa não é local de promoção, nem de destaque para os profissionais, mas sim lugar de todos, onde trabalhos bem executados vão gerar um maior acesso e aproveitamento do espaço público do museu, assim, quantidades expressivas de público vão ser consequência. Sobre esse ponto, Mario Chagas aponta no texto *Museu do Índio: uma instituição singular e um problema universal* que “a relação dos Museus com seus diferentes públicos continua propondo desafios. A compreensão do seu alcance sócio-cultural é tarefa que vai além da quantificação dos visitantes.” (2007, p.194, grifo meu). O autor menciona quais são os fatores verdadeiramente relevantes: “Seu caráter de excelência e de referência museológica para outras instituições, a sua produção científica e o impacto sobre os que dela se beneficiam, bem como seu papel político e a sua ação de parceria com as populações” (p.194, 2007) que usufruem do museu.

Durante a Mesa de abertura da Semana de Museus, um evento de grande importância para o campo, que eleva o número de público, foi constatada a ausência dos educadores da instituição na composição da mesa. A ação educativa foi mencionada várias vezes e tem uma importância muito clara no que diz respeito à comunicação da instituição, mas não favoreceu a visibilidade dos educadores e suas ações. Na fala do mediador da mesa, foi colocada a importância do “papel do museu de trazer o público, função educacional e também a presença de profissionais da UFG na área educativa”. Destaco que no momento, o museu conta com somente uma graduanda de Ciências Sociais no quadro de funcionários da instituição. Existe uma ausência de alunos da Universidade e principalmente do curso de Museologia, na atual Gestão o museu tem realizado contratações e nenhuma contempla museólogos ou ainda estudantes da área.

Não foram registradas, em nenhuma das pesquisas, parcerias com escolas públicas, nem mesmo escolas estaduais que estão sob a mesma tutela que o museu. A parceria com a escola Arte Nuvem tem um grande destaque, com uma placa com seu nome na entrada no CCON, lugar de extrema visibilidade na GO-060, pelo grande número de carros que passam no local, o que gera indagação pelo motivo que a parceria com essa escola foi fechada e não com outras instituições, visto que os alunos de escolas públicas têm frequentado o museu em gestões anteriores e, principalmente, na atual gestão. Ainda assim, as crianças da escola, foram chamadas de burgueses pelos funcionários, a instituição gera um discurso 'positivo' em relação ao grande número de visitas agendadas, mas nos bastidores os funcionários demonstram preconceito com determinados públicos. Outro ponto relevante das observações foi a questão da grande carga de trabalho em um profissional que fez atendimento a escola nas duas galerias, que gerou um cansaço por parte dele e do grupo, e uma perda na visita da turma.

Como reflexo de exposições realizadas sem relação com a Ação Educativa, foi possível detectar eventos centrados no público especializado, atendimentos realizados sem treinamento e ações focadas somente no público escolar.

Outro público pouco visto pelo museu é o potencial, pessoas que frequentam a Esplanada e não entram no MAC, as pesquisas do I Encontro da REM-Goiás, abordadas nesse trabalho, apontam o interesse por parte desse público. A pesquisa ainda destacou barreiras como horário de funcionamento, ausência de divulgação e informação no próprio espaço entre outros. As pessoas querem participar, querem ter acesso, como foi reforçado pelos resultados do I Encontro, principalmente nas respostas do instrumento final de avaliação. Como já sinalizado quando falei do *Múltiplo Leminski*, a importância de uma equipe organizada que realiza avaliações das atividades e principalmente da execução por parte dos profissionais envolvidos, pautadas no planejamento museológico e nas ações educativas museais.

Capítulo 3 – Museu Antropológico

Caracterização da Instituição

O Museu Antropológico, como descreve seu site oficial²⁴, é uma instituição que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação do acervo arqueológico e etnográfico. Vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), o MA é um órgão suplementar da UFG. Foi criado em junho de 1969 e inaugurado em cinco de setembro de 1970, por iniciativa de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS), a partir da realização de uma pesquisa no Parque Indígena do Xingu. O acervo da primeira coleção etnográfica do museu decorre dessa viagem. Destarte, o espaço foi proposto para salvaguardar a cultura material indígena da região Centro-Oeste do Brasil. A entrada no MA|UFG é gratuita e o horário de funcionamento é das 9 às 17 horas, de terça a sexta-feira.

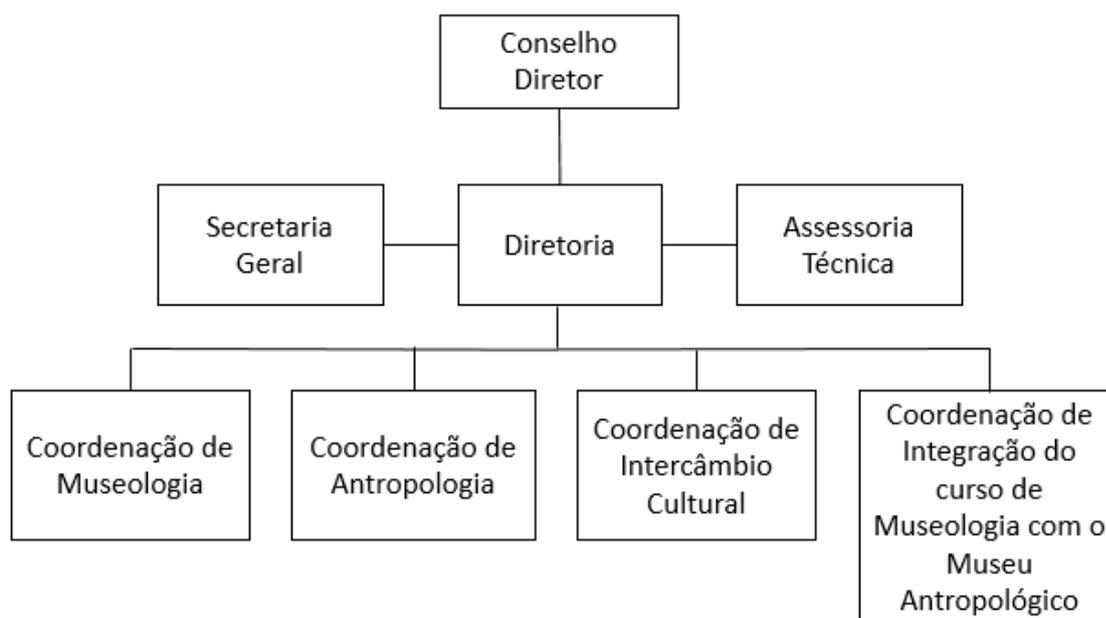


Imagem 17. Equipe do MA|UFG, com base nas informações do Regimento Interno do museu, 2016.

O MA|UFG tem uma relação direta com o curso de Museologia, tornando-se espaço para aulas práticas e estágios. No MA a ação educativa é realizada a partir de uma Coordenação denominada Intercâmbio Cultural, assim caracterizada em seu novo Regimento Interno “Art. 51. A Coordenação de Intercâmbio Cultural (CIC)

²⁴ Site <<https://museu.ufg.br/>>.

abrange os setores Educativo-Cultural, Estágio, Biblioteca, Publicação e Divulgação e Desenvolvimento de Recursos Humanos” (MUSEU ANTROPOLÓGICO, 2016).



Imagem 18. Museu Antropológico. Disponível em: <<https://www.ufg.br/p/6418-campus-colemar-natal-e-silva-campus-i>>. Acesso em mar. 2016.

Em outubro de 2014, o museu criou uma consulta pública *Que museu queremos?*, o formulário (anexo nº 6) ficou disponível no site da instituição e em outros canais de comunicação²⁵ da UFG. Uma das questões abordadas foi a futura localização do museu, se permaneceria na Praça Universitária ou passaria para o Campus II da UFG, a votação decidiu pela permanência. No instrumento tem outras perguntas que propõem reflexões que permeiam essa pesquisa como “Qual o papel de um museu universitário hoje?” e “Um Museu para quê? Para quem? Onde? Como?” (MUSEU ANTROPOLÓGICO, 2014). Essas atividades são importantes para uma maior aproximação do público, contribuindo para um pertencimento em relação aquele espaço, uma vez que àqueles que participam de atividades como essas e respondem ao questionário se sentem contemplados nas decisões do museu. Essa experiência acabou ficando mais em torno dos servidores do órgão, professores e estudantes do curso de Museologia da UFG (Consulta pública sobre o Museu Antropológico está disponível, 2014)²⁶, mas mesmo ainda restrita, a atividade já abre novas possibilidades de uma relação mais próxima com o público externo.

²⁵ O Regimento Interno também ficou disponível para debate no site da instituição durante 30 dias no ano de 2016.

²⁶ Formulário *Que museu queremos?* e a matéria *Consulta pública sobre o Museu Antropológico está disponível* estão disponíveis: <<https://www.ufg.br/n/75639-consulta-publica-sobre-o-museu-antropologico-esta-disponivel>>. Acesso em 20 set. 2016.

Para alguns autores, a função do museu universitário é “atuar como auxiliar na pesquisa e na instrução de alunos de uma matéria específica, ser um dos laboratórios para pesquisadores de campo, e um substituto para o trabalho de campo” (ROLFE, 1969. Apud ALMEIDA, 2001, p. 21). O MA cumpre essa função, no caso do curso de Museologia da UFG, que tenho mais conhecimento, tem parte de suas aulas em uma sala da instituição, contudo, a estrutura do prédio poderia ser melhor aproveitada nas aulas práticas do curso. Algumas atividades acerca das temáticas do curso também acontecem na exposição ou no auditório²⁷.

De acordo com o *Diagnóstico Museológico - Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás*, o MA “possui caráter dinâmico e pedagógico e busca estimular principalmente sua Ação Educativa” (MARTINS; SILVA; VIAL, 2014, p.19), sendo que os funcionários que respondem pela Ação Educativa, têm se esforçado para melhoria do setor. A instituição não tem profissional responsável pela acessibilidade, mas ações pontuais já foram realizadas. A instituição afirma que tem um espaço para Ação Educativa, as atividades educativas tendem a acontecer no auditório e depois nas exposições, passando algumas vezes pela área externa que conta com mesas e bancos. Segundo o diagnóstico já mencionado o museu “tem equipe e infraestrutura adequadas para a realização de ações sistemáticas de educação” (MARTINS; SILVA; VIAL, 2014, p.19). Na época desse diagnóstico, o museu contava com dois funcionários e três estagiários, o que já era uma quantidade relativamente pequena para uma equipe educativa, mas o Intercâmbio Cultural ficou sem estagiários por pelo menos um ano, até a chegada de dois, em outubro de 2016. Na ausência de estagiários e contando somente com dois funcionários, número insuficiente para atividades educativas já existentes, tornou-se inviável a realização e ampliação de atividades desse setor.

²⁷ A professora Camila Moraes propôs e realizou com seus alunos atividades práticas na disciplina Comunicação Patrimonial III, em que as alunas fizeram atividades com os colegas de curso no próprio MA, no caso da atividade proposta pelas alunas que consistiu em falar da exposição *Lavras e Louvores* em uma perspectiva de gênero e da representação das mulheres. Essa proposta também foi executada em outros espaços da UFG, como o Centro Cultural e o Planetário UFG, a partir de outras temáticas. Também a atividade *Pergunte ao autor* do professor Mario Chagas no dia 29 de fevereiro de 2016 no auditório do MA.

Público da instituição em números

Para apontamentos de público no museu de 2013 a 2015, utilizei o relatório anual CIC / MA que documenta as visitas em números, apresentadas nas tabelas 3, 4, 5 e 6. Os dados presentes nos relatórios utilizados, redigidos pela coordenação do Intercâmbio Cultural, são compostos a partir do livro de registro que tem os seguintes campos para público espontâneo: nome, origem, bairro, nível e ensino, profissão e data. A equipe utiliza também a ficha preenchida pelo funcionário que realizou o atendimento e o responsável pelo grupo, como professores em grupos de escolas, por exemplo.

Tipo de Público			Número de visitantes	
Público Escolar	Educação Infantil (CEMEI)	Professores	104	
		Alunos	831	
	Ensino Fundamental (19 Instituições)	Professores	05	
		Alunos	138	
	Ensino Médio (05 Instituições)	Professores	24	
		Alunos	465	
	TOTAL DE PÚBLICO ESCOLAR			1.567
	Grupos Organizados de Visitantes (08 grupos)			187
Público em Geral (espontâneo)			952	
TOTAL GERAL DO PÚBLICO			2.706	

Tabela 3. Geral de visitantes em 2013. Relatório de Atividades de 2013.

Tipo de Público			Número de visitantes	
Público Escolar	Educação Infantil (CEMEI)	Professores	79	
		Alunos	828	
	Ensino Médio (19 Instituições)	Professores	09	
		Alunos	214	
	Ensino Superior (05 Instituições)	Professores	08	
		Alunos	141	
	TOTAL DE PÚBLICO ESCOLAR			1.279
	Grupos Organizados de Visitantes (03 grupos)			76
Público em Geral (espontâneo)			289	
TOTAL GERAL DO PÚBLICO			1.801	

Tabela 4. Geral de visitantes em 2014. Relatório de Atividades de 2014.

Tipo de Público			Número de visitantes	
Público Escolar	Educação Infantil (CEMEI)	Professores	48	
		Alunos	522	
	Ensino Fundamental (9 Instituições)	Professores	07	
		Alunos	54	
	Ensino Médio (02 Instituições)	Professores	14	
		Alunos	206	
	TOTAL DE PÚBLICO ESCOLAR			927
	Grupos Organizados de Visitantes (09 grupos)			180
Público em Geral (espontâneo)			342	
Público da Exposição 45 anos do Museu			390	
TOTAL GERAL DO PÚBLICO			1.606	

Tabela 5. Geral de visitantes em 2015. Relatório de Atividades de 2015.

De acordo com os números apresentados pelos relatórios produzidos, o museu vem apresentando um decréscimo no seu número de público, principalmente de 2013 para 2014 que caiu quase pela metade. A quantidade de público é uma consequência de atividades dinâmicas e de uma comunicação eficiente. Durante uma das entrevistas, foi mencionado por uma profissional "que a instituição perdeu uma funcionária da 'Coordenação de Comunicação'", o que pode ser uma das questões que geraram esses números cada vez menores. Pode ser avaliada também a questão das várias greves de escolas e universidades públicas que acabam impactando o número de público do museu, sendo esse seu público efetivo. Mas é possível sublinhar que muitos museus universitários no país, com uma localização desprivilegiada na cidade, como não é o caso do MA que é próximo do Centro da cidade de Goiânia, tem números de público bem mais expressivos e também passam por greves das universidades e de escolas, seria o caso de se fazer um comparativo entre os números do MA e de outros museus universitários pelo país em outras pesquisas.

Abaixo, segue uma tabela com os números apresentados pela Coordenação, de maneira sintetizada, onde pode ser visto de forma mais clara o decréscimo do público efetivo do museu.

Exposição	Exposição de Longa-Duração			Exposições de Curta-Duração		Cinema no Museu		
	Lavras e Louvores	Lavras e Louvores	Lavras e Louvores	Ilustrar o Cerrado	45 anos do Museu	Cinema no Museu (12 sessões)	Cinema no Museu (10 sessões)	Cinema no Museu (8 sessões)
Ano	2013	2014	2015	2014	2015	2013	2014	2015
Público Espontâneo	952	342	289	-	-	155	160	153
Público Agendado	1.754	1.279	927	-	-	-	-	-
 Geral	2.706	1.621	1.216	271	390	155	160	153

Tabela 6. Geral de visitantes, de 2013 a 2015. Feito pela autora a partir dos Relatórios de Atividades de 2013 a 2015.

Para melhor visualização desses números, acrescentei um gráfico com as informações da tabela geral.

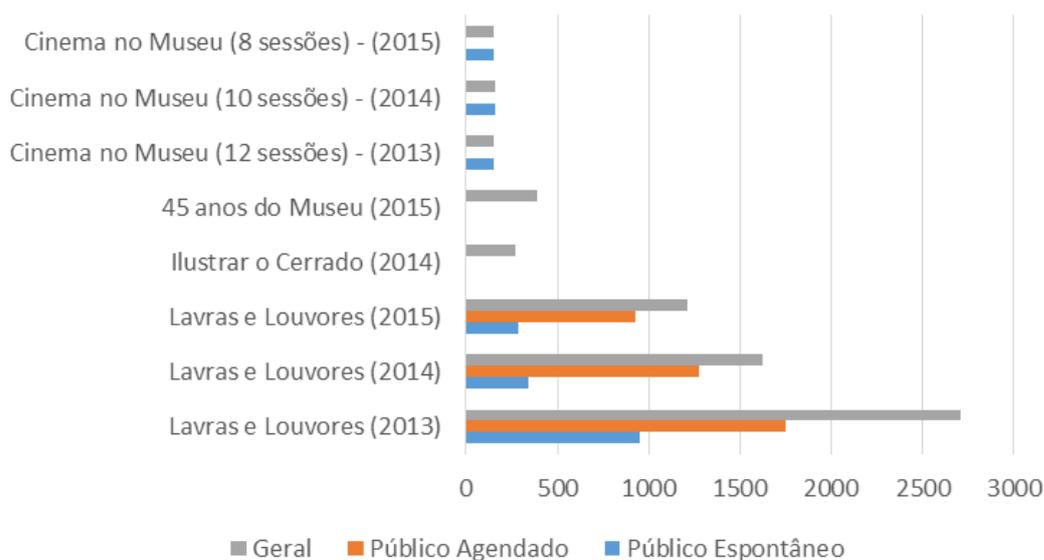


Gráfico 16: Público das atividades do MA 2013-2016.

Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu

Para essa análise, foram feitas três entrevistas (anexos nº 1 e 2), uma com a diretora da instituição e duas com os funcionários que atendem ao público do museu, atuando no Intercambio Cultural. Diferentemente dos outros museus aqui analisados, no MA foi possível notar uma maior semelhança nas respostas dadas por ambos os funcionários. Na questão do Programa Educativo da instituição, o entrevistado A1 disse que não tem, já o entrevistado A2 disse que tem no Regimento geral do museu, falou também que tinha um projeto de Ação Educativa antes da *Lavras e Louvores*, mas no tempo entre uma exposição e outra ficaram sem atender e desde então não tem um documento específico da ação educativa. Acerca do financiamento as respostas foram iguais, o museu não tem recurso para necessidades diárias dos funcionários, o entrevistado A2 disse que patrocina a pipoca do projeto *Cinema no museu*. No caso do planejamento das atividades, o entrevistado A1 disse atender conforme a demanda, o entrevistado A2 disse que planeja fazendo leituras de bibliografia acerca do tema. A avaliação não existe no museu para o entrevistado A1 devido aos equipamentos sucateados, alunos mal preparados e mais preocupados em fotografar. Já o entrevistado A2, acredita que a avaliação é feita a partir dos formulários preenchidos na visita, que são respondidos pelos professores. Já fizeram vários outros tipos de avaliação, mas ainda de acordo com o entrevistado “nunca fluiu muito, não tem muito tempo o professor e o museu”. Os dois entrevistados disseram que o principal público do museu é o ensino fundamental, completaram que em

reuniões internas muitos profissionais acreditam que o museu deve atender somente ao público universitário, como Adriana Mortara Almeida (2001) aborda com alguns autores citados nesse trabalho. Mas esse público não é o maior público do museu, o que faz com que os funcionários da Ação Educativa direcionem seus atendimentos para o público visitante que é o escolar, especialmente ensino fundamental e da grande Goiânia.

O entrevistado A3 acabou direcionando suas respostas mais para a parte técnica, enfatizada nas perguntas aos diretores e diretoras, acabou não abordando Ação Educativa, me orientando a procurar o Coordenador das atividades no museu. Colocou como responsável pelo Intercâmbio Cultural somente o coordenador, não mencionando a outra servidora. A instituição não possui Plano Museológico, o que acaba contribuindo para a não continuidade das atividades do museu, dentre elas as Ações Educativas. Durante a entrevista foram enfatizados os projetos de Arqueologia, que já envolveram programas de educação patrimonial desenvolvidos por outras equipes – ligadas ao Laboratório de Arqueologia. O entrevistado reconheceu que o Plano de retirada de pessoas²⁸ é falho, como as saídas de emergência, por exemplo, são as portas principais das exposições e os elevadores, como mencionou na entrevista, mas em momentos assim o uso do elevador não é aconselhado²⁹. O entrevistado A1 já tinha mencionado as avaliações realizadas pelo Intercâmbio, o A3 reforçou essa prática, somente o A2 que disse não ser possível.

Práticas e reflexões: MALA

Em uma disciplina de Comunicação Patrimonial I no segundo período da faculdade, fiz um projeto de ação educativa, denominado *Chamego: Um museu em todo lugar* e teve como tema central o desenvolvimento de uma ação educativa museal voltada ao não-público, pessoas que não frequentam espaços culturais, para aplicação com crianças no Hospital Araújo Jorge. Depois da apresentação desse projeto, Tony Boita, então aluno do curso de Museologia, iniciou o projeto MALA –

²⁸ Plano direcionado à retirada rápida de pessoas, com a previsão de rotas bem definidas de escape, se possível, conduzindo diretamente para o exterior (Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, 1995).

²⁹ Um dos alunos do curso de Museologia, sempre solicitava que nossas aulas fossem no primeiro andar onde é possível chegar ou sair pela rampa, os outros andares do museu não têm essa possibilidade, somente escada ou elevador, que por muitas vezes não funciona no dia a dia.

Maleta arqueológica do LabArq (Laboratório de Arqueologia), que hoje é a *MALA 1 – Arqueologia Entre Tempos e Espaços*, com a orientação da professora Camila Moraes. Pensávamos em usar a MALA 1 para o projeto, mas com a oportunidade do estágio obrigatório pensamos em não só aplicar a MALA 1, mas também elaborar a *MALA 3 – Arqueologia e Diversidade Cultural*, visto que alunas de Museologia já tinham iniciado a elaboração da *MALA 2 – Pedras para Todos os Usos*. Das etapas:

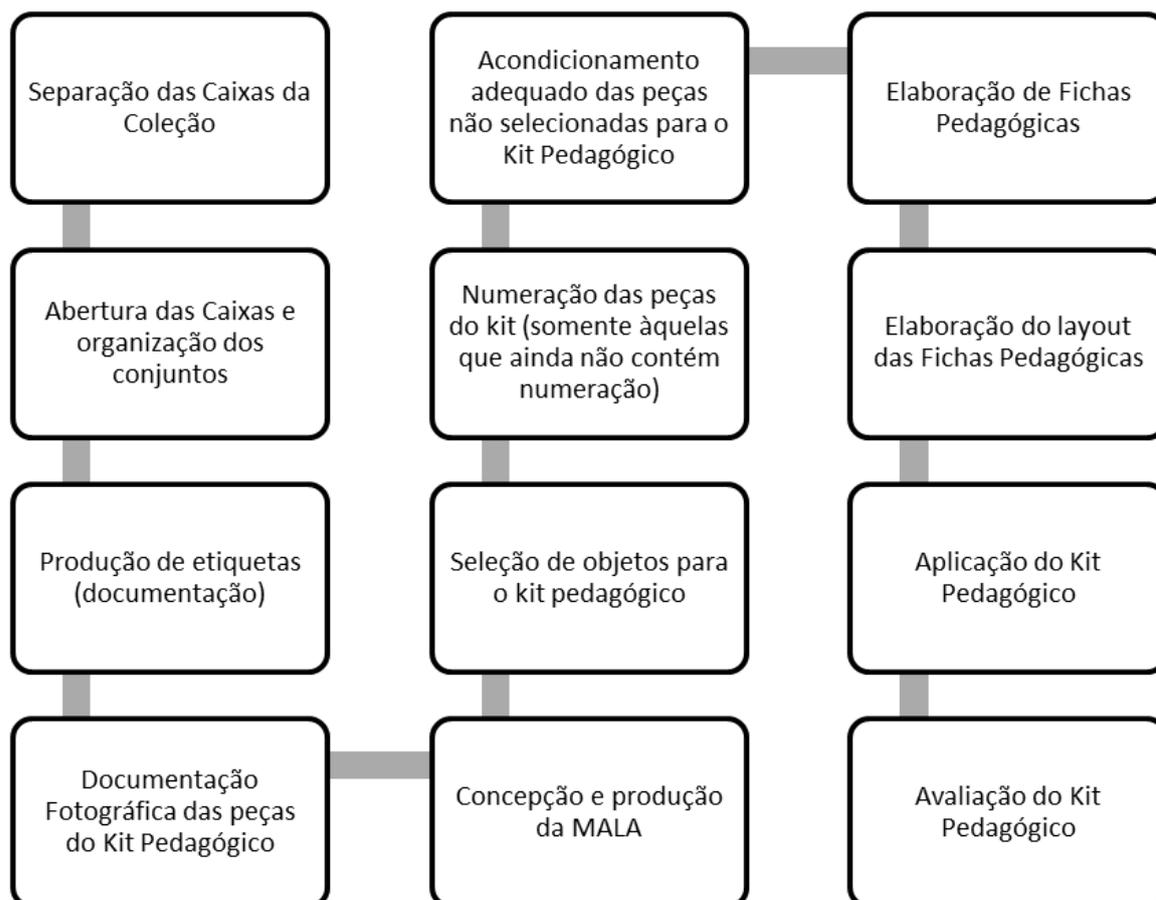


Imagem 19. Etapas do trabalho de produção das MALAs.

As MALAs são compostas de objetos arqueológicos das Coleções Iluska Simonsen e Acary de Passos Oliveira, as quais por não conter dados contextuais das coletas acabam perdendo sensivelmente sua função científica. Dessa feita, foi proposto que a função educativa fosse destacada a partir dessas coleções, por meio da manipulação das peças pelas pessoas que participam das atividades, dentro e fora do museu. Durante a elaboração, a professora Camila Moraes coordenou a equipe fazendo com que cada aluno estivesse mais próximo do que tem mais afinidade, ainda assim todos acompanharam o processo completo, envolvendo a seleção,

documentação e acondicionamento das peças, a criação do suporte para a MALA com a construção de moldes adequados a cada peça escolhida, e a idealização das fichas pedagógicas. Foram 23 fichas (anexo nº 7) com conteúdo acerca da Arqueologia, bem como atividades que tinham o objetivo de orientar o multiplicador em como aplicar a MALA, com os seguintes tópicos: Capa; Apresentação; Dados da Instituição; Diversidade – Pluralidade Cultural; Museu e Patrimônios; Atividade 1; Dados do LabArq e da MALA; Atividade 2; Coleções Iluska Simonsen e Acary de Passos Oliveira; O que tem na MALA 3?; O que é Arqueologia? E sítios arqueológicos; Atividade 3; Arqueologia, Cultural Material e Diversidade Cultural; Atividades 4 a 7; Despedida. Os objetos escolhidos pela equipe para compor a MALA fizeram com que a seleção fosse diversa levando em consideração o que cada um entendia por Arqueologia e acreditava ser relevante para os mais diversos públicos.

No que diz respeito à aplicação, no dia 19 de maio de 2015 o MA promoveu, na programação da Semana dos Museus, uma atividade em que os alunos que participaram da elaboração, ficaram responsáveis em falar da MALA 3. No dia 28 de maio de 2015, a professora Camila Moraes apresentou a MALA 3, com auxílio dos mesmos alunos, para os estudantes do Núcleo Livre Cidadania e Formação. No dia 27 de agosto de 2015, ocorreu a mediação a um grupo de 105 idosas e idosos da cidade de Anápolis. Nesta atividade o grupo foi separado em três, a professora Camila Moraes mostrou a MALA 3 e o professor Tony Boita a MALA 1 aos participantes com o auxílio de alunas e alunos do curso de Museologia, enquanto a outra parte conheceu a exposição do Museu.

Esse projeto potencializa a acessibilidade e a inclusão pelo contato próximo que o público pode ter com o objeto, uma vez que o toque é parte fundamental para compreensão da materialidade que nos cerca. Mais do que a aplicação – ainda em curso, o estágio obrigatório, proporcionado pelo curso de Museologia em parceria com o MA, dentre os museus que tem convênio, possibilitou essa colaboração para a elaboração do material. Um museu universitário, quando articulado aos cursos, e no caso a Museologia é o curso por excelência, pode aprimorar suas ações por meio das parcerias com alunos e professores.



Imagem 20. Parte da equipe da MALA 3.



Imagem 21. Uma das fichas da MALA 3 – Atividade 6.

Uma reflexão sobre algumas ações da instituição

Observei e executei³⁰ uma atividade com um grupo de cerca de 100 alunos nos dois turnos – matutino e vespertino – da Escola Municipal Serra das Areias, com idades entre 6 a 11 anos. Os professores solicitaram a abordagem da temática Quilombola com as crianças. Pela manhã foi apresentado, no auditório do museu, um

³⁰ Embora esse item se volte mais à observação participante da atividade, acabei me inserindo ativamente na mediação.

vídeo com teatro de fantoches falando do Dia da Consciência Negra, após a projeção, o material não foi discutido com as crianças. Uma professora da UFG perguntou qual deles tinha visitado algum museu, um número grande já tinha visitado, mas não souberam dizer qual, somente uma criança disse “Zoológico” e uma das professoras lembrou que dentro do Zoológico tem um museu. Após esse momento o grupo foi dividido em dois.

Após a divisão, fomos com um grupo para falar sobre a MALA 3. As crianças se apresentaram muito informadas acerca da temática que foi solicitada e mais sobre os índios que foram “explorados pelos portugueses”, que “perderam sua terra para eles” e o sistema escravocrata do Brasil, falando que os Quilombos eram “lugares para se proteger dos brancos” e que os quilombolas “são descendentes de escravos”. Participaram vendo e tocando nas peças arqueológicas que foram passadas por três profissionais. O outro grupo estava subdividido entre outros dois profissionais, o que não estava previsto, veio o primeiro e explicamos sobre como é a atividade da MALA, logo depois chegou o outro e passamos as peças para que todos pudessem tocar, se tornou, então, um único grupo. Como eles já tinham vindo da exposição, entendi que passaram pela *Lavras e Louvores* e a exposição temporária, então disse a eles que iriam desenhar sobre o que mais gostaram na visita, como um todo. Mas uma profissional veio dizer que eles ainda não tinham visitado a exposição temporária e que estavam muito ansiosos para verem os dinossauros, por isso não teria como as crianças desenharem, disse também que desenhos são “só se sobrar tempo”. Falei com uma das professoras sobre o tempo do grupo e a mesma disse que eles iriam embora em no máximo 15 minutos, então achei que não daria mesmo das crianças verem a exposição temporária e ainda desenharem.

Os pequenos subiram novamente e guardei a MALA e o material de desenho. Fui acompanhar as crianças na exposição temporária, alguns ficaram muito atentos à fala do profissional e outros extremamente preocupados em tirar fotos, comportamento que não foi identificado durante a atividade com a MALA, eles estavam mais atentos ao toque e buscando entender que peças eram aquelas. Então depois voltaram e fizeram os desenhos - o outro funcionário que estava acompanhando as crianças na exposição direcionou para a produção dos desenhos.

Todas as crianças participaram desse momento confeccionando seus desenhos. Tiveram nos desenhos muitas ‘carinhas’ se referindo a um dos objetos

arqueológicos da MALA³¹, canoas como referência a parte da *Lavras* da exposição de longa duração e também 'princesas' relacionada a indumentária de Oxúm na parte de *Louvres* da exposição. Inclusive essa ideia de 'princesa' foi reforçada por uma das funcionárias do museu que chegou a dizer perto das crianças, sobre um desenho da indumentária "que lindo, desenhou a princesa".

Uma funcionária participou de toda a atividade como se fosse professora sem se apresentar como funcionária do Museu Antropológico, só soube depois do acontecido. A mesma tirou fotos da atividade da MALA, sem autorização, e desenhou para uma aluna que estava envergonhada.

O grupo do turno vespertino se apresentou bem mais agitado, assim que as crianças chegaram, foram até o auditório e o profissional passou um documentário sobre o Quilombo Frechal no Maranhão. O vídeo foi trocado, devido ao material da manhã estar com o áudio ruim, com as falas dos personagens estridentes não permitindo a compreensão total. O documentário tem duração de cerca de 13 minutos, tempo longo considerado inadequado para crianças das idades atendidas, entre 8 e 12 anos. Todos estavam muito dispersos, sem atenção ao que estava sendo falado no vídeo, com muita conversa paralela. Esse material também não foi trabalhado após a exibição. Entre as poucas coisas faladas sobre Quilombos, um professor, bastante participativo, pediu para que as crianças quilombolas se levantassem, quatro meninas, envergonhadas, levantaram, a diretora da escola disse que é a escola quilombola mais próxima do Quilombo de Aparecida de Goiânia, e tem outras escolas quilombolas municipais e estaduais na cidade.

O primeiro grupo foi para a atividade da MALA, um grupo atento, apesar de agitado. Alguns davam respostas sem sentido ao que era perguntado acerca das peças abordadas, perguntamos quem produziu a peça de barro que foi passada, a resposta de um dos meninos "gente à toa", outros já tentavam compreender a novidade que era a Arqueologia e participavam.

O outro grupo já tinha ido nas exposições todas, alguns deles prestaram bastante atenção ao que foi falado durante a mediação, em particular uma criança que respondia a todas as perguntas como a matéria prima e funcionalidade de cada objeto. Outra criança também chamou atenção quando falamos da UFG, disse que a

³¹ Um fragmento cerâmico com representação antropomorfa.

faculdade tem um canal 14 que ele assiste, cabe destacar que o canal não é muito conhecido, em especial entre crianças.

Esse último grupo apresentou um desafio. Uma das crianças chorava muito e todos disseram que ela estava com medo e que era normal chorar tanto. Não soube o que dizer para ela, me senti despreparada naquele momento. Enquanto passamos as peças, ela passou a mão e eu tentei conversar e não tive resposta, a colega do lado pareceu ter paciência, não se afastaram, disse que ela é especial e uma das professoras veio para perto e também repetiu que ela é especial. Continuei a atividade e no momento dos desenhos, observei que estava desenhando flores. Senti uma barreira entre os mediadores e essa criança.

Essa última turma também trouxe uma grande satisfação, uma das crianças tinha baixa visão. Já tinha observado isso quando eles chegaram. No momento de tocar nas peças ela pode participar de maneira completa da atividade, diferente da visita na exposição que todos veem com mais facilidade e ela se esforça para ver com muita dificuldade. Com as peças arqueológicas da MALA, ela pode ver, dentro das limitações dela, mas também cheirar, tocar e sentir o peso. Foi gratificante. Além do contato de todos os alunos, esse contato reforça ainda mais a importância da MALA. Nesse grupo os desenhos também foram realizados com a participação da maioria das crianças.

Após a mediação, fizemos uma análise dos desenhos, mais de 100 produções envolvendo linguagem visual e escrita, classificados por temáticas representadas. A canoa estava na maioria dos desenhos, seguida por dinossauros, indumentária de Oxum e indígena, ferramentas, tartarugas entre outros. A análise se pautou nos Resultados Genéricos de Aprendizado³², assim, iniciamos a classificação identificando quais os temas das exposições estavam presentes nos desenhos, listando todos e colocando a quantidade, em caso de repetição, fizemos esse processo cerca de três vezes, mas a quantidade de desenhos não sincronizava com a quantidade descrita na lista, repetimos a análise por mais algumas vezes até que as informações estivessem em concomitância. Acabamos identificando cerca de 17

³² Método apresentado pelo projeto do Conselho de Museus, Arquivos e Bibliotecas da Grã-Bretanha, denominado *Learning Impact Research Project* disponível na internet. Ferramenta que busca avaliar o aprendizado de forma mais ampla, para além dos “conteúdos”, para isso o projeto sugere a abordagem *Generic Learning Outcomes* (GLO), ou Resultado Genéricos de Aprendizado, propondo cinco resultados para processos de aprendizagem (WICHERS, 2011).

temas nas composições. Para a confecção dos gráficos, reduzi para 10 colocando os que foram representados por um só desenho, juntos, descritos no gráfico como outros³³. Todo o processo foi a partir da interpretação de duas profissionais, envolvendo, obviamente, a subjetividades de ambas³⁴. Abaixo, seguem os gráficos acerca da tabulação dos desenhos.

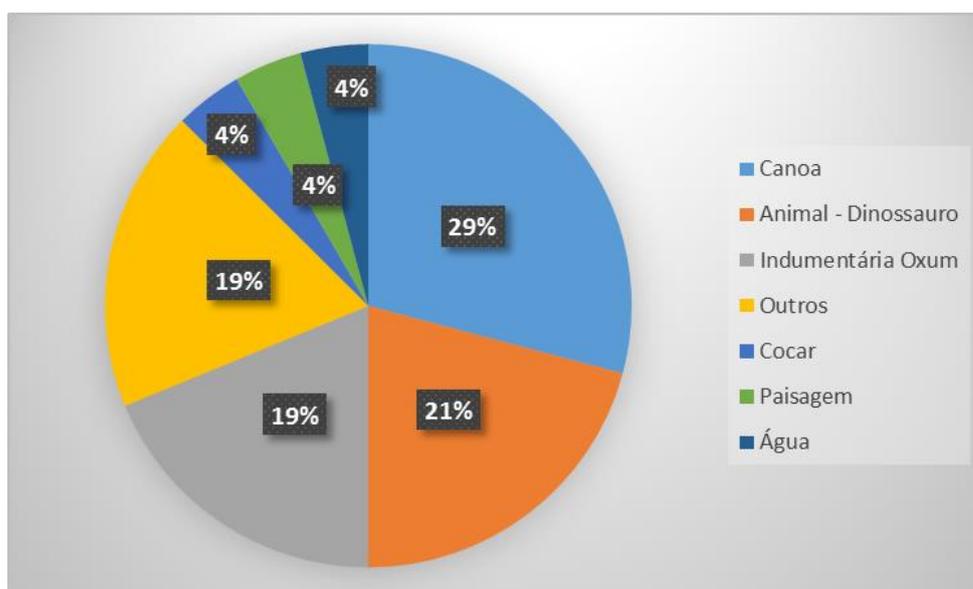


Gráfico 17. Desenhos mais recorrentes no turno matutino.

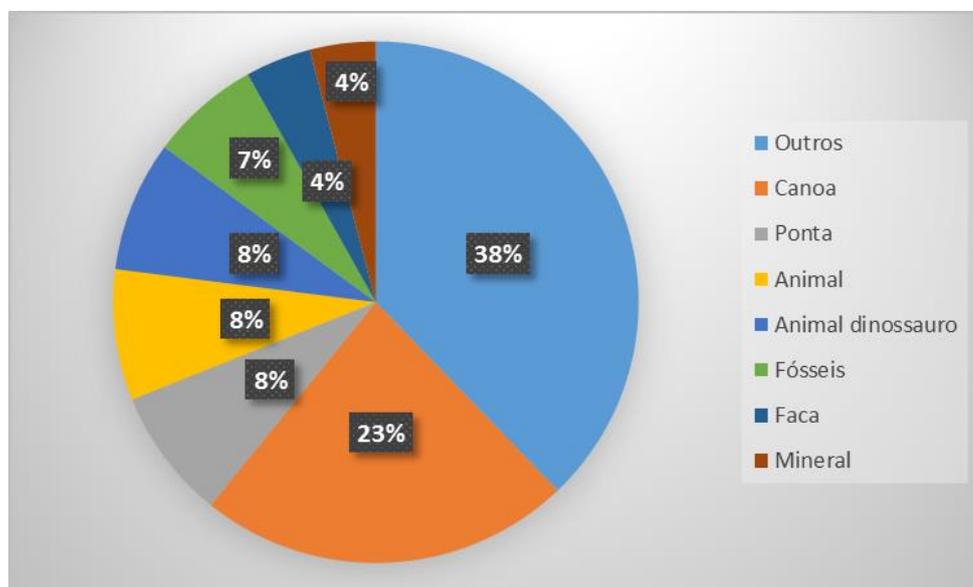


Gráfico 18. Desenhos mais recorrentes no turno vespertino.

³³ Outros: Estrela, Lítico, Faca, Pessoa, Talheres, Índio - Caça, Canoa - Lítico - Cerâmica, Machado - Cerâmica - Unha - Lesma, no período matutino. Animal Tartaruga, Esqueleto - caveira, Indumentária Indígena, Canoa e pessoa, Vulcão, Lítico, Escumadeira, Casa, Instrumento Musical, Cozinha, Flor, Canoa - tartaruga, Fóssil - Faca; Ponta - pessoa, no período vespertino.

³⁴ A análise foi feita por mim e por uma, então, estagiária do Intercâmbio Cultural, que também participou da atividade, aluna de Museologia Karolyn Soledad.

Embora a MALA tenha sido importante na experiência sensorial e comunicacional com os alunos, a exposição *Lavras e Louvores* recebeu bastante destaque nos desenhos, fruto de uma expografia bastante atrativa. Os dinossauros, presentes na exposição de curta duração *Dinossauros do Brasil Central* também chamaram atenção, mas em um Museu Antropológico aparecem deslocados, uma vez que esse museu está voltado ao estudo das sociedades humanas, mulheres, crianças e homens, que não conviveram com esses animais, o que poderia ter sido contornado na expografia dessa exposição e com as ações educativas, contudo, não observamos um esforço em deixar evidente essa questão, o que pode ter resultado em interpretações errôneas acerca da convivência entre seres humanos e esses animais.

Práticas e reflexões *Lavras e Louvores*: Curadoria, Montagem e Público

A REM-Goiás realizou no dia 10 de novembro de 2015, o IV Encontro da Gestão 2015/2016 *Lavras e Louvores: Curadoria, Montagem e Público* no MA com as falas da professora Nei Clara de Lima, curadora da exposição e ex diretora da instituição e a museóloga e a Coordenadora Geral da gestão 2015/2016 da REM-Goiás, Aluane de Sá, que participou de todo o processo de montagem. A curadoria da exposição surgiu de um diagnóstico feito da exposição anterior a *Lavras e Louvores* que se chamava *Museu Expressão de Vida* que foi de 1982 a 2002, aproximadamente. O encontro teve uma conversa inicial com as duas convidadas, passagem pela exposição e algumas perguntas ao final.



Imagem 22. IV Encontro da Rem-Goiás. Foto: Lucas de Souza Nonato.

Como em todos os quatro primeiros encontros da REM-Goiás nesta Gestão, o IV também teve instrumento de percepção (anexo nº 8) que confirmou a importância da mediação na exposição. A maior parte das pessoas que preencheram o instrumento são do curso de Museologia, sendo que 80% das pessoas já tinham visitado a exposição. A maior parte das pessoas, 83%, acha necessária a mediação assinalando que essa é a melhor forma de entender o discurso ali presente. Isso porque embora a exposição seja atrativa do ponto de vista estético, resultando em um ambiente agradável, as escolhas e mensagens da curadoria são por vezes de difícil acesso, demandando uma mediação provocadora, para que possam ser construídas pontes entre as mensagens da exposição e os públicos - quer dizer, pontes para a compreensão e ressignificação dessas mensagens pelo público, no caso a mediação cria essas pontes.

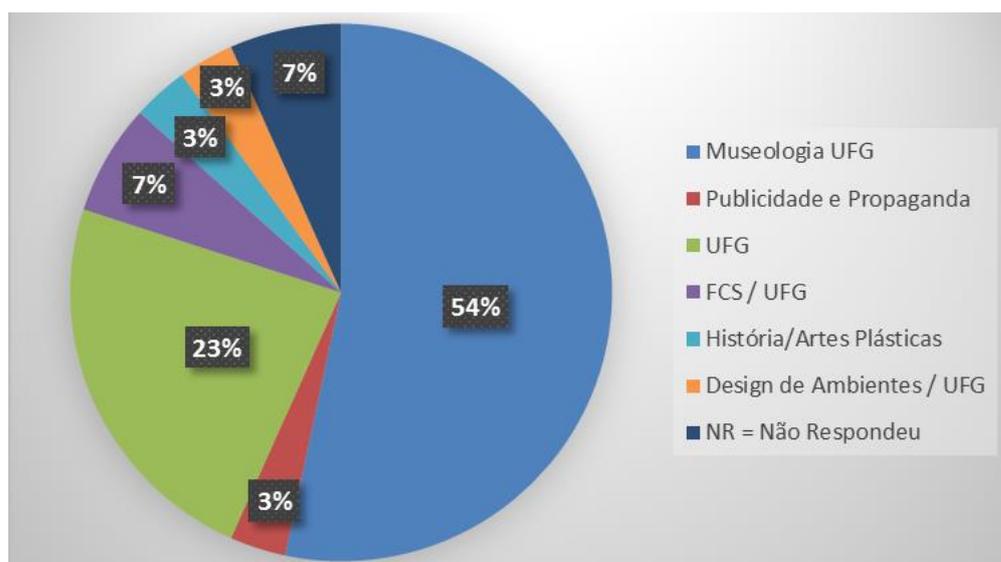


Gráfico 19. Qual curso e instituição. Pesquisa com o público do IV Encontro.

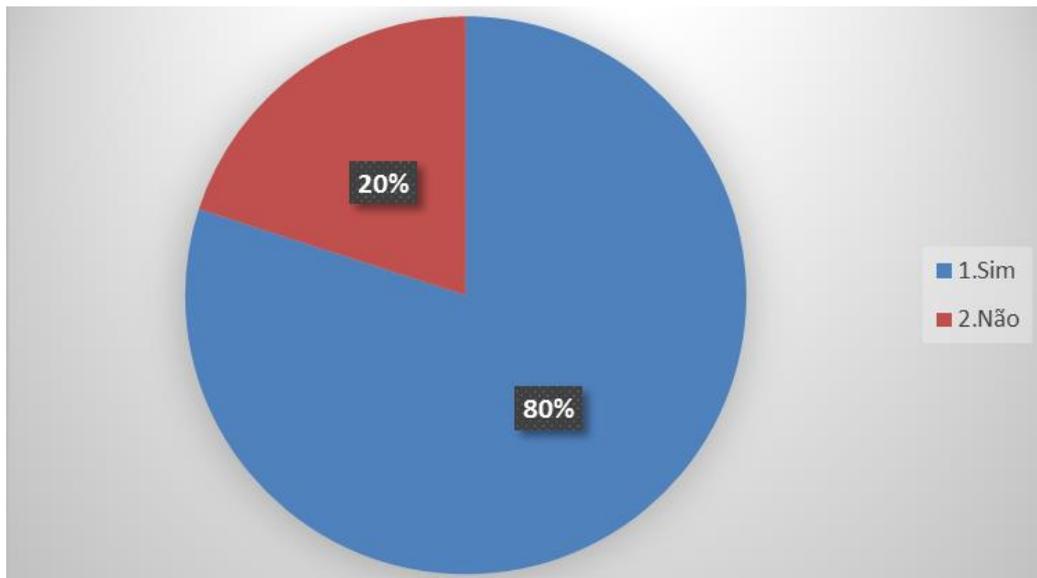


Gráfico 20. Já tinha visitado a exposição. Pesquisa com o público do IV Encontro.

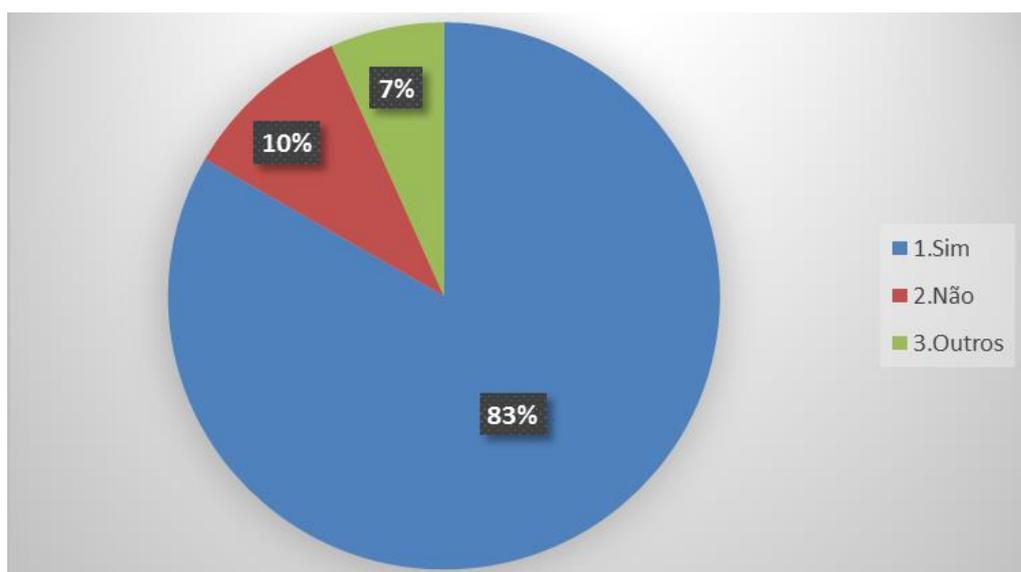


Gráfico 21. Acha mediação necessária?. Pesquisa com o público do IV Encontro.

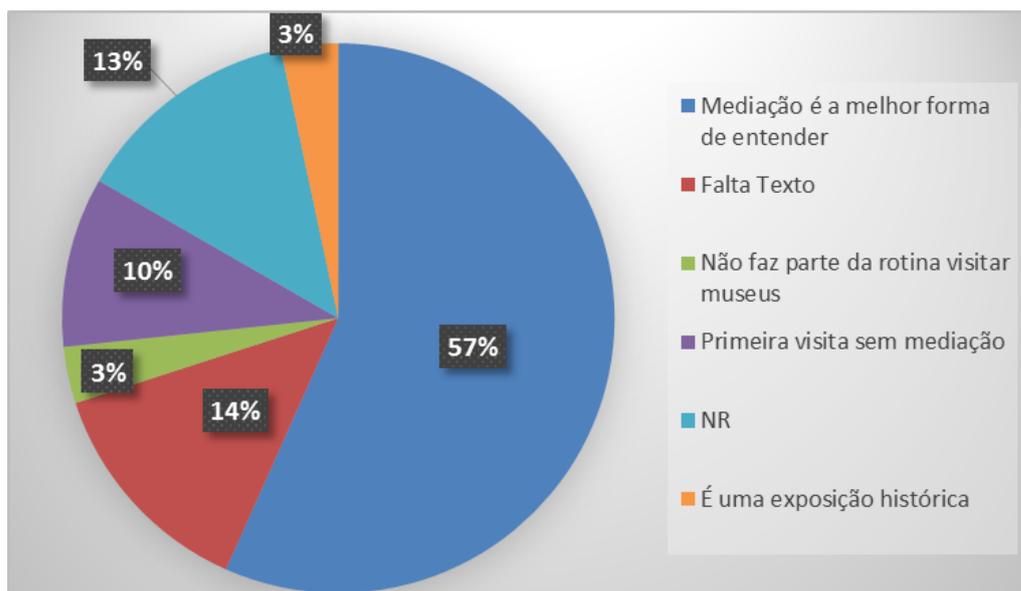


Gráfico 22. Por que a mediação é necessária?. Pesquisa com o público do IV Encontro.

Algumas conclusões acerca das formas de análise

Como já dito, os números têm demonstrado uma queda no público visitante no MA, que já era relativamente baixo em 2013, mesmo com todo esforço apresentado pelos profissionais. Como pude observar em algumas atividades de atendimento ao público no museu, o que fica mais evidente é como esse atendimento está estagnado, não se mostra aberto a mudanças. O auditório representa um espaço formal, ao que os alunos, maioria do público, já estão fadigados por terem como rotina da escola ou faculdade, o ideal são salas amplas com espaço para trocas não formais. E os números evidenciam que a instituição não tem formado público, o que permanece é o já efetivo, e o número de público espontâneo não apresenta aumento, ou seja, os alunos que vão com grupos agendados não se tornam visitantes. Retomando a ideia de público potencial e não-público, a instituição não tem atingido o primeiro e bem menos chegado ao não-público.

Nas entrevistas, pude perceber três linhas, a técnica por parte da gestão da instituição, uma linha consolidada, de difícil permeabilidade às mudanças, e outra ainda começando a se inteirar do processo realizado com o público no museu. Apesar de pensarem de forma distinta por terem um tempo de trabalho completamente diferente, as falas dos dois funcionários do Intercâmbio não se distanciaram tanto como nos outros dois museus, principalmente o MAC.

As MALAs compõem um projeto de extensão que envolve Salvaguarda - na conservação e documentação das peças, e Comunicação - na exposição e ação educativa, e mesmo assim, por algumas vezes, o projeto se depara com empecilhos, uma vez que alguns funcionários do museu questionam a manipulação dessas peças, que não é feita só por profissionais, mas por todos os públicos trabalhados no projeto. Ainda está em andamento a análise do projeto pela Comissão de Acervo do MA, assim como das fichas de empréstimo, para que a MALA passe a ser utilizada por educadores do ensino formal e não-formal. Os resultados das ações realizadas, até o momento, circunscritas ao espaço do museu a partir da mediação de funcionários e estagiários, são claros quanto à satisfação de todos que já tiveram a oportunidade de participar da atividade da MALA.

A exposição é esteticamente agradável, o que acabou influenciando o resultado das ações da MALA, e também das mediações (objetos como a Canoa Karajá e a Indumentária de Oxum se destacaram nas produções dos alunos, descritas - anteriormente), mas o discurso é por vezes hermético, sendo possível acessar e compreender algumas propostas apenas com a mediação de uma das curadoras, que é parceira frequente do museu, assim como da antropóloga da instituição. Não houve ainda um programa de formação que buscasse integrar tanto a funcionária mais experiente, quanto o funcionário que chegou mais recentemente na instituição. Para ambos a mediação de *Lavras e Louvores* ainda é um desafio, assim como para estagiários e outros colaboradores.

Mesmo com a necessidade de mediação apontada por muitos visitantes, inclusive na pesquisa realizada no IV Encontro, o entrevistado A2 acredita que as visitas, mesmo com público agendado podem ser livres, que somente uma introdução na chegada é suficiente, visto que a exposição tem legendas e alguns textos.

Capítulo 4 – Museu de Morfologia

Caracterização da Instituição

O Museu de Morfologia surgiu, de acordo com o site do Instituto de Ciências Biológicas da UFG (ICB)³⁵, como uma iniciativa do Departamento de Morfologia (DMORF), do instituto e está em funcionamento desde 1975. Inicialmente o museu serviu como local de preservação de coleções compostas por esqueletos, peças anatômicas humanas e de animais que figuravam mais como material de estudo, para o atendimento dos cursos de graduação da área biológica. Também foram incluídos exemplares anatômicos que apresentavam alguma variação ou anomalia. Como muitos museus universitários, o MM tem coleções que são frutos de pesquisa e ensino. A universidade como centro dessas atividades, acaba, em suas práticas gerando materiais passíveis de musealização.

O atendimento no museu é realizado as sextas feiras, no período matutino, de março a novembro, atendendo os projetos *A comunidade vai à UFG, Ações Educativa no Museu de Morfologia da UFG e Conhecendo a UFG*.

O MM tem o nome de Museu Comunitário de Ciências Morfológicas Arlindo Coelho de Souza, o que gera uma série de questionamentos quando se tem contato com a instituição, visto que são várias as nomenclaturas utilizadas, inclusive em artigos acadêmicos dos professores do ICB que só usam Museu de Morfologia. Para discutir essa nomenclatura, uso o texto da autora Teresa Morales Lersch e do autor Cuauhtémoc Camarena Ocampo, *O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?*, no qual abordam que museu comunitário é ferramenta para construção de sujeitos coletivos, uma ferramenta para que a sociedade construa um autoconhecimento coletivo. Processo como museu da comunidade e não para a comunidade. Observo, principalmente a partir desse texto, que o MM não compõe um museu comunitário, o que acredito que tenha ocorrido, é uma incompreensão do conceito de museu comunitário uma vez que as pessoas envolvidas não possuem formação em Museologia, sendo recente o envolvimento de algumas alunas do curso com o MM, por meio de estágios³⁶. A reflexão da professora Manuelina Maria Duarte Cândido (2013), já abordada, acerca dos museus sem

³⁵ O site oficial da instituição é: <www.icb.ufg.br>.

³⁶ Um dos meus Estágios Obrigatórios, e uma aluna do ano seguinte realiza atividades no museu através do estágio não obrigatório ligado ao Museu de Ciências da UFG.

Museologia, sobre a falta de premissas museológicas que norteiam práticas e reflexões diárias a fim da melhoria de todos os serviços prestados a sociedade, torna-se mais uma vez relevante. Como uma proposta seria a mudança de nomenclatura para Museu de Morfologia Arlindo Coelho de Souza, devido à homenagem ao professor.

O Objetivo/missão do museu é:

Educação formal e informal em Biologia, especificamente no que se refere à morfologia, com as seguintes finalidades:

- Formação, manutenção e ampliação constante de coleções morfofisiológicas;
- Pesquisa morfofisiológica em qualquer dos seus campos;
- Formação técnica e científica de profissionais e técnicos em morfofisiologia;
- Apoiar disciplinas de graduação, pós-graduação e cursos de extensão em seus diferentes níveis;
- Orientação de estagiários e alunos de pós-graduação;
- Atendimento à comunidade científica, por meio do acesso de pesquisadores interessados ao material das coleções;
- Promover a divulgação da morfofisiologia junto à comunidade por meio de exposições e serviços educativos;
- Colaborar com as entidades científicas afins;
- Promover o atendimento à comunidade dentro do seu campo de especialização;
- Colaborar na proteção da fauna brasileira, especialmente do Bioma Cerrado. (MARTINS; SILVA; VIAL, 2014, p.65 e 66, grifo meu).

O museu é composto por cinco ambientes, localizados no pavimento superior do ICB 3, sendo quatro voltados para exposições de peças anatômicas (animais e humanas) e um utilizado como área técnica (apoio operacional). Ocupa área total de 203 m². (Diagnóstico – Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás, 2014). Existem alguns painéis ilustrativos e legendas de identificação de exemplares em exposição.

Almeida (2001) coloca uma citação que evidencia muito a dificuldade percebida no MM, por parte dos professores. “Ser ao mesmo tempo excelente professor universitário, pesquisador, e curador/educador do museu é um problema. O museu é o lado mais fraco. A carreira é mais beneficiada fazendo pesquisa do que exposição” (LAURITZEN, 1997, p.2. Apud ALMEIDA, 2001, p. 17).

De acordo com o *Diagnóstico – Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás*, o museu não tem especificidades importantes da acessibilidade, não

atendendo parâmetros para o amplo acesso pela falta de profissionais especializados e ausência de mobiliário específico. Sobre a Ação Educativa “Percebemos a necessidade de estruturação e consolidação de um setor educativo no Museu Comunitário de Ciências Morfológicas, atuando dentro dos parâmetros e práticas já existentes e consolidadas na área de educação em museus de ciências” (MARTINS; SILVA; VIAL, 2014, p. 89). Os apontamentos realizados no documento do Museu de Ciências ainda permanecem presentes no MM, apesar dos esforços dos professores do DMORF, poucos foram os avanços em relação a Ação Educativa.

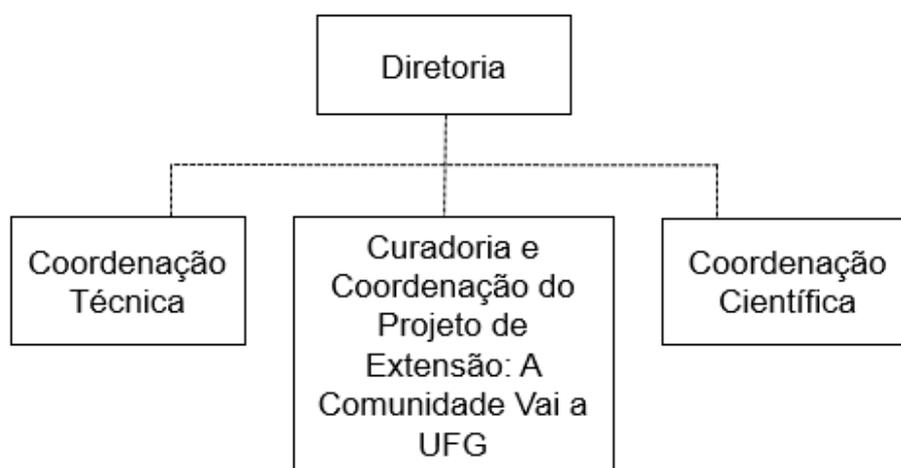


Imagem 23. Equipe do MM|UFG disponível em: <<https://www.icb.ufg.br/p/6604-museu-comunitario-de-ciencias-morfologicas-arlindo-coelho-de-souza>>, acesso em: 2015.

A equipe do MM é composta por oito professores do ICB que estão divididos entre Diretoria; Coordenação Técnica; Curadoria e Coordenação do Projeto de Extensão: A Comunidade vai a UFG; Coordenação Científica, sendo que a última é composta por todos os professores, tendo três que já ocupam os demais cargos descritos, tendo a função de realizar atendimentos e produções sobre a instituição como o *Histórico da Fundação e Consolidação do Museu de Morfologia da UFG e Potencial Educativo do Acervo do Museu de Morfologia da Universidade Federal de Goiás*³⁷.

³⁷ Disponível em: <<https://www.icb.ufg.br/p/6604-museu-comunitario-de-ciencias-morfologicas-arlindo-coelho-de-souza>>. Acesso em: 12 nov. 2016. Não foram encontradas informações das datas dessas produções.



Imagem 24. Museu de Morfologia. Foto da autora. 08 de novembro de 2015.

Dos três museus apresentados, esse é o que tem um espaço menor de exposição, não tendo nenhuma sala específica para administração e Ação Educativa. Uma das questões que impedem sua visitação, além de ser fechado na maior parte do tempo, é sua localização dentro do prédio do ICB III, no segundo andar, no fim do corredor, sendo que nesse percurso não existe nenhuma informação sobre o museu.

Um olhar de dentro para fora

Para maior aproximação, realizei um dos estágios obrigatórios do curso na instituição³⁸, o objetivo era a consulta dos livros, no período abordado na pesquisa a fim de traçar comparações com os outros museus analisados. Essa pesquisa foi inviabilizada, como já mencionei na introdução. Os livros do museu não são documentados, os visitantes só preenchem o nome. O professor Edson José Benetti³⁹, teve dificuldade de encontrar os cadernos de 2013 a 2015. Tive acesso a somente três referentes ao Espaço das Profissões de 2014, comecei a digitar os dados, 846 visitantes entre homens e mulheres, a partir da minha interpretação em relação ao nome, a maioria dessa amostragem foi de mulheres, totalizando 61%.

³⁸ O estágio foi realizado em 64 horas, de 25 de janeiro a 15 de fevereiro de 2016, todos os dias da semana das 13 às 18 horas.

³⁹ Sub-coordenador - Organização Administrativa do ETAEB: Programa de Especialização em Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Biologia e a pessoa que me ajudou diretamente em todo o percurso dessa pesquisa no MM.

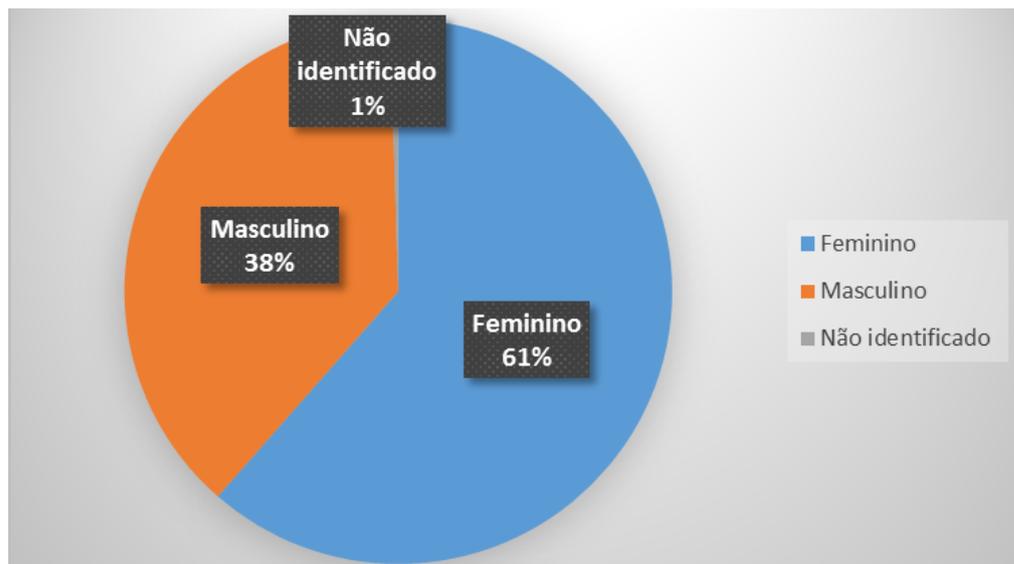


Gráfico 23. Visitantes do Espaço das Profissões de 2014.

Durante o estágio, o museu ficou aberto no período da tarde, nos dias que estava na instituição. Algumas pessoas se aproximavam, principalmente funcionários terceirizados do prédio, serviços gerais e portaria, e também alunos. Entravam muito preocupados se podia e ver o que tinha, muitos foram vencidos pela curiosidade de entrar pela primeira vez para olhar, quando me viam ficavam com vergonha e diziam que voltariam com mais tempo, acabaram entrando, ainda que rapidamente. Não dava tempo de conversar, todos entravam muito rápido, dando a impressão que só queriam mesmo ver o que tinha e já iam embora, não teve como propor um acompanhamento no museu, poucas pessoas assinaram o caderno. O que é importante frisar dessa experiência, é o interesse das pessoas em relação ao espaço, curiosidade de conhecê-lo, como no MAC que enquanto se mostrou aberto aos frequentadores da Esplanada na atividade da REM-Goiás teve a entrada do público potencial, esses que chegaram a ir no MM durante o período mencionado também compõem o público potencial.

Entrevistas: A análise da equipe educativa do museu

No MM|UFG foram realizadas quatro entrevistas (anexos nº 1 e 2), os entrevistados são doutores formados em Biologia ou na área odontológica e professores efetivos. O MM é o que tem maior número de profissionais que atendem

ao público, por isso optei por realizar somente quatro entrevistas devido ao tempo e quantidade de dados que foram gerados nesse processo.

O entrevistado M1 disse que dependendo da turma tem muitas perguntas, pois a maioria dos alunos está cursando o 8º ano e estão estudando Morfologia humana, para o entrevistado M2, o público alvo é a turma que procura o museu. O entrevistado M3 entende que o público alvo é Ensino Médio e 9º ano, pois prefere alunos maiores, por acreditar que os menores “não têm maturidade para a visita”, podendo olhar um cadáver, “não estão preparados”. São mais professores de Ciências/Biologia que acompanham os alunos, mas já teve professor da História, Matemática e Educação Física. Para o entrevistado M1, o objetivo é a difusão do conhecimento da área da Morfologia e desmistificar o uso do corpo em estudos. Para o entrevistado M1 o atendimento aos grupos visitantes, é diferente da prática dele em sala de aula com os graduandos, pois nas visitas no museu ele tem que ser mais dinâmico, prático, rápido, falar de toda a Morfologia no pouco tempo e convencer. O entrevistado M3 também acredita que a linguagem do museu é diferente da linguagem de sala de aula, é outra, sua intenção como educador no museu é esclarecer, que é “outro propósito diferente da graduação, função mais informativa no museu”.

O entrevistado M1 disse que o funcionamento das ações educativas é semanal, nas sextas com escolas atendidas num período de uma hora e 40 minutos a duas horas, às vezes são atendidas duas escolas, na maioria das vezes no período da manhã. Inicialmente acontece, no auditório do ICB, uma palestra sobre a UFG, o ICB, Morfologia, cursos de graduação, forma de ingresso na universidade, a diferença ente escola e universidade e obtenção de cadáver, antes da visita no espaço do museu. Todos os entrevistados citaram um roteiro parecido para as atividades agendadas.

O entrevistado M2 disse que os atendimentos não são só para alunos, mas também a comunidade. Já na descrição da atividade, disse que o museu é aberto para escolas, ensino técnico, médio e fundamental, no Espaço das Profissões a visita é livre. Disse que planejam as visitas através de reuniões e levantamento de dados. As atividades têm como objetivo “aproximar o meio acadêmico da sociedade, socialização”. Acredita que tem como resultados “a contribuição na escolha da profissão” pelos alunos que visitam e vê como “um momento em que a faculdade abre as portas para alunos do ciclo escolar, uma particularidade do museu”.

O entrevistado M3 lembrou em sua entrevista que o atendimento aos alunos no museu é um serviço voluntário que cada professor faz por interesse próprio, afirma que participa pois é um trabalho interessante. Gosta de receber “os meninos”, de conversar, mostrar o museu. Realiza os atendimentos há oito anos, desde que chegou no ICB. Vê como principal resultado a satisfação das crianças. Disse que realizam avaliação com conversas entre os professores que não são documentadas.

Para o entrevistado M4, que está na UFG e no museu há mais de 25 anos, existe um setor/divisão responsável pela educação na instituição, “pois o museu é responsável pela parte educativa, a educação não-formal, alunos que não pertencem a universidade, são da comunidade em geral, todos que vem com o intuito de melhorar seus conhecimentos”. É o curador do museu, onde exerce a função de auxiliar o departamento na melhoria das peças e do atendimento das pessoas que os procuram. O Programa Educativo da instituição é a partir de normas construídas com o tempo, como a maneira de receber os alunos na visita, exposição teórica e prática, e a possibilidade dos alunos tocarem as peças. Esse é o trabalho informal que também realizam no museu. Acredita que possuem avaliação e sua descrição são “vários trabalhos científicos que a gente pergunta esses alunos o que encontraram, gostaram, o que foi importante, o que falta, que significado teve essa visita para eles neste departamento.” Já os resultados são vistos a partir de “trabalho científico publicados e o retorno dos alunos que nos auxilia sempre a fazer com que tenhamos a oportunidade de melhorar esse atendimento ano após ano.”

No MM, percebi uma grande preocupação em todos os atendimentos serem feitos por professores doutores, deixando claro a presença auxiliar dos alunos monitores. Essa questão foi evidenciada, principalmente, pelo entrevistado M4 que disse:

Todos os professores, na sua grande maioria, 98%, somos doutores, existe alguns mestres, mas raros, e também contamos com a participação de alunos de graduação, de monitores que podem nos auxiliar, mas sempre há um professor responsável com a formação e escolaridade a nível de doutorado, na grande maioria dos momentos que há essa educação informal aqui e algumas vezes mestre. (Entrevista para esse trabalho, 2016)

Reflexões sobre algumas ações da instituição

Observei uma visita de grupo agendada ao MM. Alguns fatores impediram que a observação fosse realizada em mais visitas, sendo o único tipo de atividade realizada. O principal motivo de não ter realizado outros acompanhamentos, foi devido a quantidade de visitas, que só são realizadas em dia de sexta-feira no período da manhã, ademais, nem todas as semanas tem visita. Em um dia que fui ao museu para observar, por exemplo, a escola desmarcou, outros dias tive outros compromissos na faculdade no mesmo horário da visita. O museu também é aberto durante o Espaço das Profissões⁴⁰, mas não realiza atividade específica, somente a visita livre aos espaços da instituição com observação de profissionais do ICB e assinatura do livro de visitas, por vários anos são colocados mais de um caderno devido ao grande número de pessoas.

Acompanhei uma visita que foi realizada por duas professoras do ICB e uma estagiária. Os alunos e professores da escola são recepcionados no auditório do prédio, onde recebem orientações gerais de comportamento no museu e algumas informações sobre o conteúdo da exposição, Morfologia e o respeito as peças, como já detalhado pelos entrevistados. Após esse momento, seguem para o museu e entraram todos de uma vez, se dividindo livremente entre as duas salas maiores, tiveram interesse pela última sala, onde encontraram vários fetos com má formação. Durante a visita, uma das professoras do MM citou que no Espaço das Profissões de 2016, o museu recebeu cerca de 4000 pessoas, as professoras falaram somente quando perguntadas em pequenos grupos. Durante a visita livre dos alunos e professores da escola, pequenos ou grandes grupos foram formados em volta das professoras do ICB que explicam sobre alguma peça específica, contavam sobre o processo que envolvia as peças questionadas, como o corpo humano que tem o coração do lado direito do peito, fato que a professora justificou ser o motivo daquele corpo estar exposto no museu. Os alunos que demonstram interesse têm a oportunidade de tocar nas peças com uso de uma luva. Alguns vão assinando o livro de visitas por conta própria, demonstraram entender a importância de registrar seu nome no livro, e uma das professoras também reforçou a necessidade de assinar. Aos

⁴⁰ Evento anual promovido pela Universidade Federal de Goiás, onde acontecem atividades diversas relacionadas com os cursos da faculdade e escolhas profissionais. Em 2016, o evento ocorreu nos dias 20 e 21 de junho, na regional Goiânia.

poucos todos vão se dispersando até que a visita é encerrada e os alunos direcionados ao ônibus.

Práticas e reflexões: Questionário com o público próximo ao MM

Fiz um questionário (anexo nº 9) para aplicar nas proximidades do museu, com as pessoas que estavam nas mesas próximas, passando na passarela em frente ao prédio e no próprio prédio. O objetivo principal era confirmar a hipótese de que as pessoas que estão perto do museu não o frequentam, semelhante ao que foi feito em um dos encontros da REM-Goiás no MAC, mas o resultado, nesse caso, foi bem diferente do esperado. Esse público próximo que não entra nas instituições, é abordado por Sepúlveda (2012) que coloca o quadro de Octubre (2007), onde o autor chama essa categoria de público potencial. A seguir, apresento os resultados da pesquisa.

Entre os entrevistados, a maioria foi público masculino sendo 54% e feminino de 46%. As idades variaram entre 18 e 43 anos, sendo 51% com idades entre 18 e 28 anos.

A profissão mais recorrente foi estudante, com maioria de 24 pessoas. As outras 11 profissões foram representadas por uma pessoa, cada. O grau de escolaridade teve maioria de Superior Cursando, 80% seguido de 6% de Pós-graduandos.

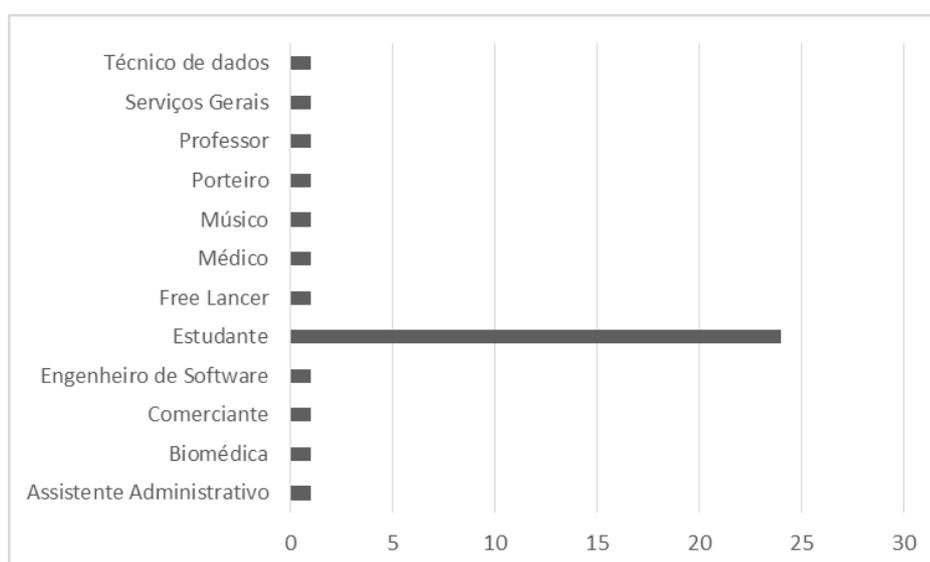


Gráfico 24. Profissão. Pesquisa com o público do entorno do MM.

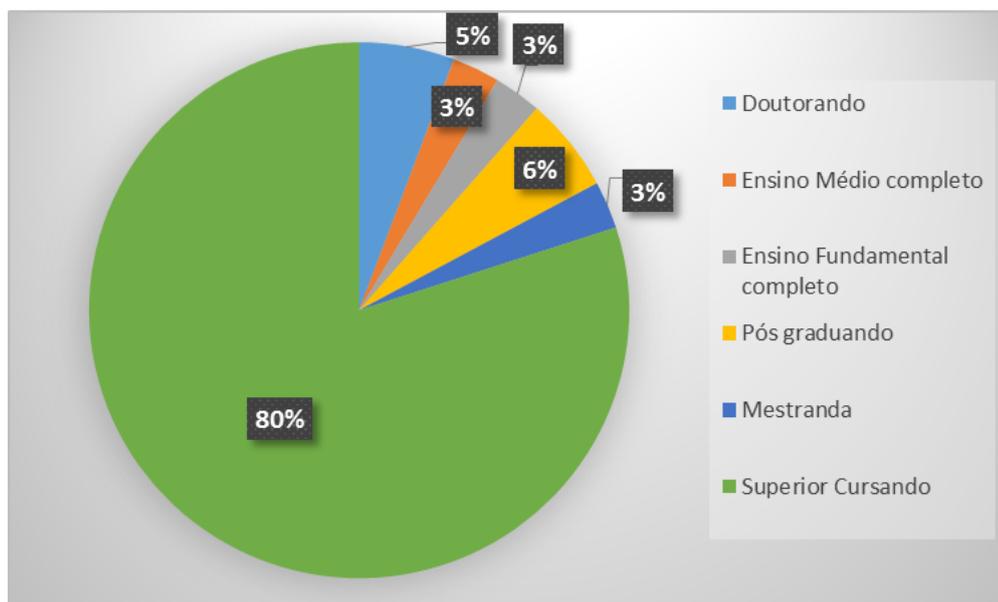


Gráfico 25. Grau de Escolaridade. Pesquisa com o público do entorno do MM.

Conforme já assinalado, 94%, essa porcentagem também foi das pessoas que estudam na UFG, 94%. Dessas pessoas, 12 estão no segundo período de seu curso, esse mesmo número também é de pessoas que cursam Biologia.

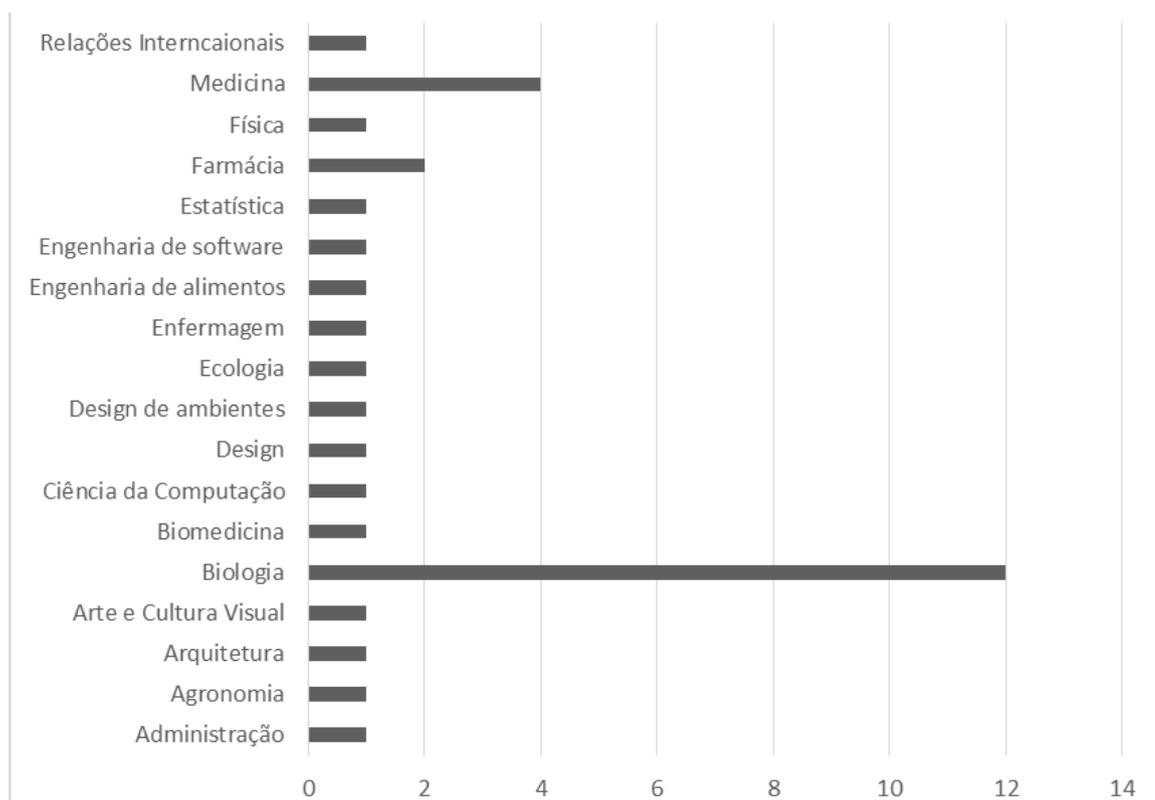


Gráfico 26. Qual o Curso. Pesquisa com o público do entorno do MM.

O que surpreendeu na pesquisa, foram as respostas em relação ao conhecimento das pessoas sobre o museu. A maioria de 71% disse saber da existência do museu no ICB, 43% das pessoas disseram já terem visitado a instituição, sendo que 20% respondeu ter visitado por duas vezes e 11% só uma vez. Dessas pessoas, 28% responderam que foram com a faculdade ou com a escola, na época do ensino fundamental e médio, 6% disseram que já foram com amigos e também com a faculdade.

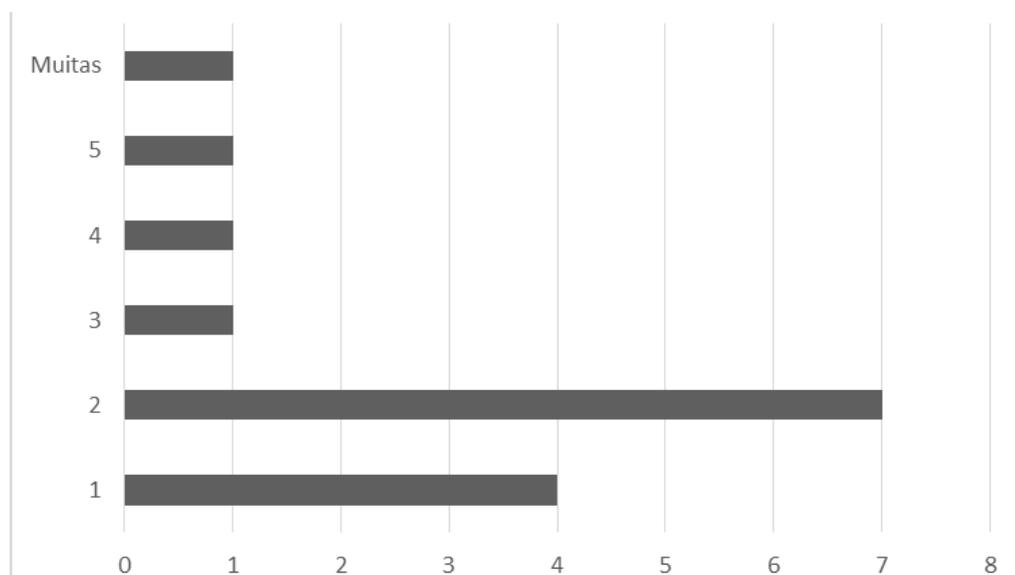


Gráfico 27. Quantas vezes? Pesquisa com o público do entorno do MM.

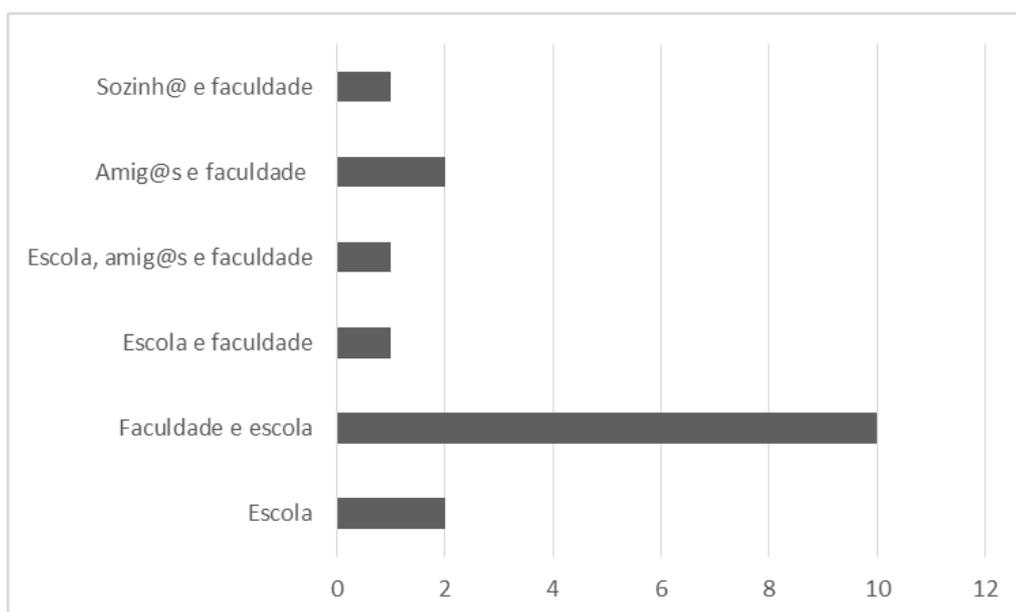


Gráfico 28. Com quem? Pesquisa com o público do entorno do MM.

Nas respostas sobre a satisfação em ter visitado o museu, todas as pessoas disseram que gostaram e consideraram interessante. Nas respostas em relação ao motivo de ainda não ter visitado, a maior parte das pessoas atribuiu à falta de tempo e de informação, questão recorrente nas três instituições analisadas no presente trabalho.

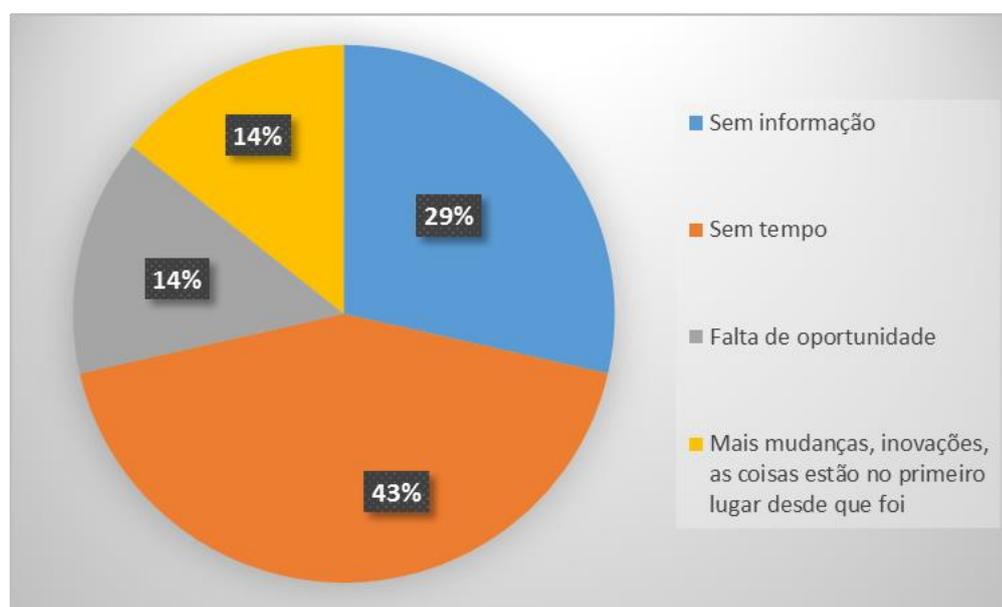


Gráfico 29. Por que ainda não visitou o museu? O que o museu precisa ter para frequentá-lo? Pesquisa com o público do entorno do MM.

Apesar do foco da pesquisa ter sido buscar o público potencial que está perto do ICB, na passarela em frente ao prédio ou nas mesas próximas, acabou que a maioria dos entrevistados são alunos de Biologia e visitam o museu, mas não por interesse pessoal, pelo que mostra a pesquisa onde a maioria que já visitou foi com faculdade ou escola. Essas pessoas são consideradas o público efetivo da instituição, corroborando a ideia de que os museus universitários são para atender às pessoas da universidade, como Almeida (2001) detecta em seu texto, já citado nesta pesquisa. Saliento que não concordo com essa premissa, esses museus não devem ter apenas um público especializado, podem apresentar um direcionamento para um público alvo, mas sem a exclusão dos demais públicos. Se a mesma pesquisa fosse realizada nas proximidades de um outro prédio, as respostas mostrariam um não-público, inclusive alunos de Museologia, onde não apliquei uma pesquisa formal, mas em conversas é

possível identificar que muitos não sabem da existência da instituição, o número dos que foram seria bem menor. Se for além, nas comunidades do entorno da UFG, o número de pessoas cientes da existência ou que tenham frequentado também seria extremamente reduzido. Não coloquei no instrumento uma forma de identificar se essas pessoas do ICB veem o museu como um local a serviço da sociedade, mas essa é uma questão a ser considerada e atendida por qualquer instituição museológica.

Algumas conclusões acerca das formas de análise

Na cadeia operatória museológica, é necessário um planejamento museológico que reveja questões pertinentes a uma instituição museológica, como por exemplo, a denominação da instituição, a missão, os objetivos, os esforços em minimizar a deficiência na salvaguarda dos itens em exposição - que são o único acervo do museu, as ações devotadas preservação da própria memória institucional, que é inviabilizada pela carência de documentação como os livros de registro do público. Todas essas ações perpassam as ações diretamente relacionadas a educação em museus. Importante ressaltar que se a cadeia operatória apresenta problemas, acaba acarretando deficiências na sua missão educacional. A seguir, coloco um esquema adaptado para que seja possível visualizar de forma mais clara a cadeia operatória.

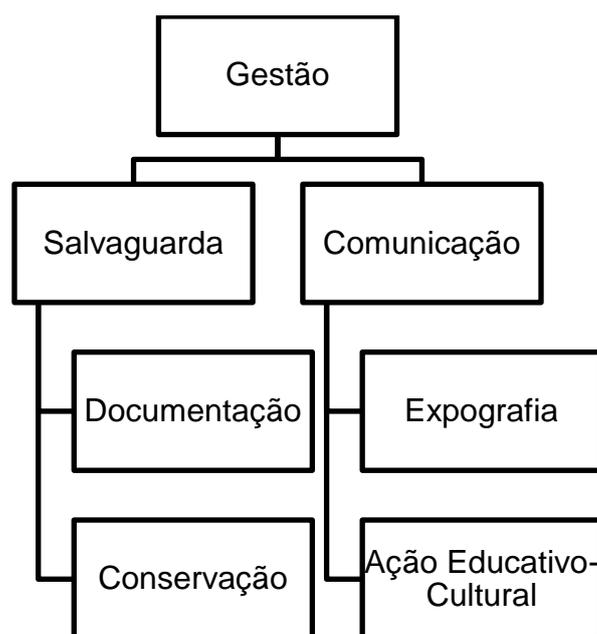


Imagem 25. Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013), adaptado pela autora.

Abaixo, apresento mais um esquema elaborado por Manuelina Maria Duarte Cândido (2013), para ressaltar como o processo museológico é circular, onde uma questão depende da outra como já referenciado.

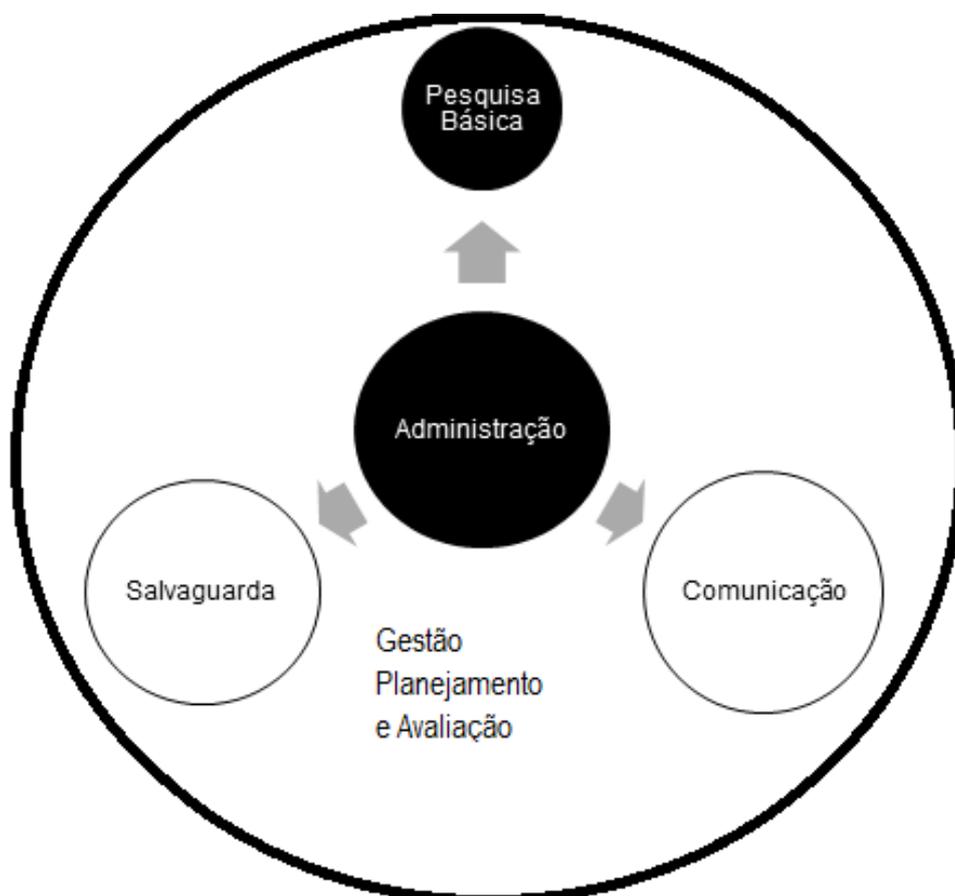


Imagem 26. Esquema apresentado por (DUARTE CÂNDIDO, 2013), adaptado pela autora.

Em relação à diferença entre sala de aula e atendimento ao público no museu, questionada aos entrevistados, Almeida cita no seu texto “As coleções universitárias desenvolvem o reconhecimento, a aceitação de que os objetos poderiam, de modo inigualável, soltar a língua dos professores e ampliar a compreensão dos alunos.” (Hamilton, 1995:73 Apud ALMEIDA, 2001, p. 19). Cabe questionar se essas experiências contribuem para uma melhor didática em sala de aula.

Como nos outros museus, foi demonstrada uma relevância em relação ao número, como nesse caso advindo do Espaço das Profissões, um evento de grande divulgação que envolve toda a Universidade. Mas como não são realizadas atividades específicas com esse público, as pessoas acabam indo e não tendo um total

aproveitamento, como já foi supracitado a importância de um cronograma com palestras, jogos e mediações ou monitorias para melhor integração entre público e instituição.

Outro ponto observado como importante, o atendimento ser realizado, em sua grande maioria por doutores. Os outros dois museus não têm doutores em seus atendimentos e nem por isso perdem qualidade. Visto que o importante para um atendimento, e principalmente para uma mediação é a relação estabelecida entre público – mediador – obra, como visto ao longo desse trabalho. Não estou excluindo a importância de títulos acadêmicos que garantem o aprofundamento de determinados temas, mas tais pesquisas devem estar relacionadas com a temática do museu, e ainda mais com educação em museus.

A documentação do MM apresenta falhas preocupantes que reafirmam ser fundamental que a cadeia operatória museológica funcione de maneira completa, visto que a ausência de documentação organizada na instituição, dificulta pesquisas relacionadas ao público efetivo do museu, inviabilizando a busca por público potencial e não-público, como já foi bastante comentado nesta monografia. Não foi observado sincronismo entre as informações, os professores ficam cada um com sua parte, não se sabe ao certo qual as datas dos livros de registro que estão espalhados no museu e também no armário de uma das salas dos professores, nem onde estão todos os outros já utilizados no museu. Por sua vez, os livros acessados evidenciam uma ausência de informações, uma a vez que os visitantes, geralmente, preenchem somente o nome.

Considerações Finais

Esse trabalho partiu de um interesse latente pela ação educativa, uma busca por uma maneira de estudar essa área nos museus de Goiânia. Como foi identificado na análise dos títulos de monografias da área da Museologia, relacionados no trabalho de Alves (2016), poucos são os trabalhos que se debruçam sobre a temática da ação educativa, mediação e público. Mas essa informação não era sabida quando iniciei essa pesquisa em 2014, em um primeiro momento pensando em abordar todos os museus do município, depois os três museus selecionados, após um recorte realizado a partir da orientação da pesquisa.

A hipótese inicial era de que esses museus, não só os três aqui apresentados, mas as demais instituições da cidade, não estão praticando uma ação educativa pertinente aos seus públicos. Ao longo de todo processo da pesquisa, isso tem se reafirmado, ainda que os profissionais estejam, cada vez mais, em busca de melhorias. A inclusão de imensas parcelas da população nesses espaços ainda tem um grande e árduo caminho a trilhar.

Como desafios para a pesquisa, foram alguns, principalmente o grande número de possibilidades de estudo seja por meio da extensa pesquisa bibliográfica, livros de visita e comentários, pesquisa com os funcionários do atendimento e gestores, pesquisa de público com público efetivo, potencial e não-público, intervenções educativas propostas e realizadas, e outras várias possibilidades de pesquisa. Alguns recursos ficaram pelo caminho, como o estudo da lista do Comitê Internacional de Educação e Ação Cultural (CECA – Brasil), estudo dos livros de comentários e a entrega de programas educativos para as instituições.

Afirmo aqui, a importância de trabalhos como esse para a memória institucional dos museus, uma vez que muitas ações observadas e executadas no decorrer dessa pesquisa não seriam documentadas, se não fosse essa monografia. Destaco também para as instituições e, principalmente, para os profissionais de Ação Educativa, a relevância do primeiro capítulo desse trabalho, dado que uma das questões evidenciadas ao longo desse processo foi o desconhecimento da área educativa museal. Dessa forma, no referido capítulo, procurei percorrer conceitos e ideias que considero essenciais para esses profissionais.

Um dos pontos que gostaria de destacar como desafio em todos os museus aqui tratados é a relação entre práticas curatoriais e ação educativa. Muitas exposições não são pensadas para os diversos públicos, pequenas questões não são levadas em consideração na idealização da exposição e o setor educativo não é inserido, embora o “processo de produção inclui desde a elaboração do produto [exposição] até a sua apropriação por aqueles que interagem com ele” (MARANDINO, 2001, p. 18. Apud MARTINS, 2011, p. 27). O processo educativo tem uma relação com todos os elementos da cadeia operatória da Museologia, já citada. Mas a Ação Educativa tem uma relação direta com a Expografia, devem andar juntas, com uma dependendo da outra já que, a Expografia exerce um poder muito direto na mensagem que é passada pela instituição em questão, podendo abrir discussões ou deixá-las ainda mais obscuras. O discurso expositivo pode informar, provocar, sensibilizar, emocionar e conquistar (MORAES WICHERS, 2013. Apud MASB, 2012, p.224). Assim o museu se faz conhecer pelo público que o frequenta, conquista o respeito e a consideração, podendo então lhe interessar, seduzir e fidelizar (DUCLOS, 2008. Apud MASB, 2012, p.224).

Segundo Almeida (2001): “Uma coleção ou museu universitário é caracterizado por estar parcial ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade – salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico” (ALMEIDA, 2001, p.10). Nesse sentido, os museus aqui abordados, MA e MM, explicitam enquadramentos diferenciados dessas instituições na universidade. Um museu consolidado, com cerca de 45 anos de existência, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, como órgão suplementar da UFG, o MA e um museu com cerca de 41 anos de funcionamento associado ao Departamento de Morfologia (DMORF), o MM. Dessa forma, ainda que o MA tenha desafios a serem superados, o MM apresenta uma acentuada fragilidade institucional. Esses museus estão inseridos no processo de criação e implantação do Museu de Ciências da UFG, que visa integrar os espaços museológicos e com vocação museal da universidade. É possível que a troca proporcionada por esse museu em rede, possibilite um maior equilíbrio entre as instituições no que concerne ao conhecimento e acesso aos procedimentos da Museologia. A existência do curso de graduação em Museologia é um ponto positivo para esse processo.

Destaco outro ponto observado durante a pesquisa, no que concerne às regras disciplinadoras nos atendimentos realizados nos museus observados, visto que dois

deles iniciam suas visitas em auditórios. Para tanto, uso a reflexão de Mário Chagas (2011) que aborda o poder disciplinador dos museus, em seu texto *Memória e Poder: dois movimentos*, “O poder disciplinar nos museus revela-se de maneira clara através de quatro aspectos ou de quatro ‘características básicas’” (Foucault, 1977, p.125-199 e Machado, 1999: p.VII-XXIII. Apud CHAGAS, 2011)”. São: A organização do espaço; Controle do tempo; A vigilância e a segurança do patrimônio; A produção de conhecimento. Ficou evidente na pesquisa que, ao invés de tornar-se um espaço lúdico e potencializador de experiências (RUBIALES, 2009, 2013), o museu se coloca como espaço disciplinar, uma extensão da escola, impondo regras e condutas na visitação, proibindo a livre expressão dos indivíduos.

As práticas e reflexões realizadas em cada museu, ganharam contornos diferentes por suas especificidades. No MAC a hipótese de que os frequentadores da Esplanada não vão no museu já era uma observação que pude levar para a Coordenação da REM-Goiás, vendo que também era uma questão observada por outras colegas. Todo o processo veio a reafirmar essa hipótese e principalmente mostrar o interesse por parte desse público potencial. Já o MA trouxe a possibilidade de duas práticas principais, a MALA e o IV Encontro da REM-Goiás, além de outras ações pontuais com atendimento a grupos agendados. A MALA, mesmo sendo um projeto pensado para o não-público, acaba sendo bastante utilizada com o público efetivo, os grupos agendados que visitam o museu como escolas e grupos de idosos e idosas. Mostra uma grande potencialidade ao ampliar as possibilidades de trabalho a partir do horizonte sensorial humano (MENESES, 2013), uma diferenciação das exposições que as pessoas só olham: e quem não pode ver? e quem pode ver, mas quer sentir? São kits pedagógicos que vão além do apresentado tradicionalmente de forma maçante e criticado, como na imagem 28, que não se pode tocar. O IV Encontro possibilitou uma visita a exposição de longa duração com duas profissionais diretamente ligadas ao processo curatorial e de montagem, o que contribui para uma melhor visualização da narrativa. Mas o ponto que destaco aqui, é o resultado do instrumento de percepção aplicado que reforça a importância da mediação e, principalmente da ação educativa pensada desde o início da elaboração da exposição. Finalizando as ações, no MM foi pensada uma atividade que pudesse, antes de tudo começar a entender o público, que para mim era potencial, e realmente a pesquisa foi reveladora, não é um público potencial e sim efetivo, mas talvez a criação de uma

nova categoria seria bem-vinda, público acadêmico, similar aos alunos de Museologia que frequentam quase que diariamente o MA. O instrumento contribui para um início, mas ainda existe muito o que ser pesquisado, observado e executado nesse último e mais peculiar museu.



Imagem 27. Propaganda em um shopping do Rio de Janeiro.⁴¹

A prática realizada com o público nos museus pesquisados varia muito de profissional para profissional, e esses também fazem visitas diferentes dependendo da exposição, do grupo e de outros fatores. Como Luciana Conrado Martins (2011) apontou algumas vezes em sua tese de doutorado, “no museu os espaços, os sujeitos e as tipologias de interações são múltiplas, tornando complexa a tentativa de unicidade” (p. 244). Para visualizar melhor a formação acadêmica dos profissionais que lidam com o público nos museus estudados, apresento a tabela a seguir.

41

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/toutsbrasil/photos/a.1540180526257381.1073741830.1500986760176758/1805249726417125/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Museu	Titulação dos educadores	Área de Formação	Tema de pesquisa	Idade	Gênero
MAC GO	C1 - Graduação	História	Sexualidade, Cinema, Fotografia e Etno fotografia	27	Masculino
	C2 – Graduanda	Ciências Sociais	RAP, problemas sociais	21	Feminino
	C4 - Graduação	História	Revolução Francesa	31	Masculino
MA UFG	A1 - Especialização	História	Educação	59	Feminino
	A2 - Mestrando	Letras – Espanhol e Português	Antropologia Social – Perfil do público do museu	49	Masculino
MM UFG	M1 - Doutorado	Biologia	Morfologia	46	Masculino
	M2 - Doutorado	Biologia	Estudo morfológico de animais silvestres	43	Feminino
	M3 – Doutorado	Cirurgião Dentista	Diagnóstico e laser	40	Masculino
	M4 - Doutorado	Odontologia/Biologia	Acupuntura, odontologia hospitalar	57	Masculino

Tabela 7. Titulação, área de formação e tema de pesquisa dos profissionais do MAC|GO, MA|UFG e MM|UFG. Com base na tabela de Luciana Conrado Martins (2011).

O MAC tem, na maioria das vezes, uma visita mais explicativa com detalhes da exposição e roteiro feito pelo profissional. No MA depende mais do profissional que realiza as atividades, e também da proposta do grupo que visita a instituição. No MM as visitas são realizadas de forma mais livre, tendo somente um início mais roteirizado no auditório, que também está presente nos atendimentos dos outros museus.

Funcionários do mesmo museu não chegam em um acordo quando diz respeito a avaliação, alguns dizem que existe outros que não, ocorrendo também um desencontro na descrição dessas avaliações, quando praticam avaliação, também não documentam. No MA um entrevistado disse que faz a partir do formulário preenchido com as escolas, para o outro não tem avaliação, sendo que na verdade o relatório anual realizado pelo Setor de Intercâmbio Cultural é uma forma de avaliação, inclusive alimentou a pesquisa apresentada aqui. No MAC dois entrevistados consideram que tem avaliação e os outros dois não, sendo que um dos entrevistados acredita na avaliação do coordenador da Ação Educativa, como já mencionado no capítulo dois. No MM somente o gestor não considera que eles realizam avaliação, um dos entrevistados considera como avaliação todos os trabalhos acadêmicos que já foram gerados sobre o museu. O tempo de atendimento de grupos agendados foi praticamente o mesmo em todos os museus, entre uma e duas horas, dependendo

da escola. Com relação aos recursos financeiros e informações concernentes a área educativa dos museus, alguns entrevistados ‘jogaram’ a pergunta para seus gestores, dizendo que eles é que possuem essa informação.

A avaliação não foi uma temática adotada como motor inicial dessa pesquisa, mas durante o processo, enxerguei a avaliação como essencial para planejamento, execução e, sobretudo, para um melhor conhecimento do público de cada instituição. São várias as formas de avaliação possíveis, algumas aqui aplicadas, como as realizadas com os públicos nas ações da REM-Goiás, os instrumentos utilizados para avaliar as produções do público infantil a partir da MALA e da visita às exposições do MA, o instrumento concebido e aplicado para avaliação do público potencial do MM. Destaco também a fonte de pesquisa infinita que são os livros de visita e comentários – quando existem – e muitas outras formas que não são conhecidas por muitos profissionais, como os mesmos responderam nas entrevistas realizadas.

Como parágrafo final, trago sugestões que são válidas para as três instituições, na tentativa de aproximar suas ações ao que melhor condiz com seus públicos:

- Capacitação para mediadores para visitas com o público agendado e público espontâneo;
- Livro de comentários para adultos e outro para crianças, acompanhado de lápis de cor;
- Acessibilidade no espaço físico e nas exposições para todos os públicos, independente de sua necessidade;
- Participação da equipe educativa na elaboração das exposições;
- Pesquisa de público e análise do caderno de comentários, caderno de assinatura e das produções dos visitantes como desenhos das crianças, que faz parte do diagnóstico;
- Comunicação: Contato com as escolas – sistema de cadastro e modernização do agendamento de escolas – vídeo sobre o museu, cartilha e jogos lúdicos para crianças e adolescentes, ampliação das redes sociais;
- Atividades antes e depois do atendimento realizado dentro do museu;
- Oficinas, palestras e cinema no museu para todos os públicos.

A conclusão desse processo é resultado de uma pesquisa de três anos, que naturalmente traz diversas ações e anseios, assim como mudanças de rotas devido

aos obstáculos encontrados, mas que também procurou traçar as diversas potencialidades de pesquisa no campo da Ação Educativa Museal e marcar a etapa de um caminho que continuarei a trilhar profissionalmente e academicamente.

Referências Bibliográficas

AIDAR, Gabriela. *Museu e inclusão social*. In: *Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Porto Alegre: Ciênc. Jet. 2002. n. 31 p. 53-62.

ALERE PSICOLOGIA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Alere-Psicologia-419586314864597/?fref=ts>>. Acesso em 29 nov. 2015.

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e Coleções universitários: Por Que Museus de Arte na Universidade de São Paulo*. São Paulo. 2001. Tese (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). São Paulo, 2011.

ALVES, Marcos Francisco. *Caminhos da Pesquisa Museológica no Brasil: Temas e Tendências nos Trabalho de Conclusão de Curso (2008-2014)*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ASSOCIAÇÃO ESPAÇO VIDA. *1ª Mostra de Talentos + que Especiais*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1594587654165999/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. *História do Movimento de Arte-Educação no Brasil*. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. (org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo. Ed. Cortez. 2015, p. 7-12.

BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte na Europa e seu público* / Pierre Bourdieu, Alain Darbel; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. – 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. *Estatuto de Museus*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 11 jul. 2015.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e Comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. 116 p.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CENTRO CULTURAL OSCAR NIEMEYER. Disponível em: <<http://www.ccon.gov.br/mac#>>. Acesso em 22 mar. 2016.

CHAGAS, Mario; STORINO, Cláudia. *O desafio da Acessibilidade aos Museus*. COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. *Acessibilidade a Museus* - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2012. 190 p. (Cadernos Museológicos Vol.2)

_____, Mario. *Museu do Índio: uma instituição singular e um problema universal*. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKER, Cornelia (orgs.). *Antropologia e Patrimônio Cultural – Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007.

_____, Mario. *Memória e Poder: dois movimentos*. In: CHAGAS, Mario. *Ensaios de Museologia*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Estudos Avançados de Museologia, 2011.

CONCEITOS CHAVE DA EDUCAÇÃO EM MUSEUS. Disponível em: <http://sisemsp.org.br/images/Vers%C3%A3o_final_Conceitos-chave_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_em_Museus_12-3.pdf>. Acesso em 29 nov. 2015.

COSTA, Eduardo. Apresentação na página da rede social *facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DrEduardoCosta/posts/827482770628090:0>>. Acesso em 21 jun. 2016.

COUTINHO, Rejane Galvão. *Questões sobre a formação de mediadores culturais*. Salvador: 2009.

FORMULÁRIO PARA ENVIO DE CONTRIBUIÇÕES EM CONSULTA PÚBLICA. Disponível em: Consulta pública sobre o Museu Antropológico está disponível. <<https://www.ufg.br/n/75639-consulta-publica-sobre-o-museu-antropologico-esta-disponivel>>. Acesso em. Museu Antropológico UFG, 2014.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. (1981). *A interdisciplinaridade em Museologia*. In BRUNO, M. C. O. (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Vol.1. p.123-126.

IBRAM. *Guia Dos Museus Brasileiros*. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_centrooeste.pdf>. 2011. Acesso em: 29 nov. 2015.

Imagem aérea do Centro Cultural Oscar Niemeyer. Crédito: Joventino Neto Postada por: Leo Jr GYN 29/11/2009. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1034767>>. Acesso em 25 set. 2016.

Imagem do Museu de Arte Contemporânea de Goiás. Disponível em: <<http://www.agetop.go.gov.br/post/ver/162779/obras-civis>>. Acesso mar. 2016.

Imagem do Museu Antropológico. Disponível em: <<https://www.ufg.br/p/6418-campus-colemar-natal-e-silva-campus-i>>. Acesso mar. 2016.

Imagem equipe do MM|UFG disponível em: <<https://www.icb.ufg.br/p/6604-museu-comunitario-de-ciencias-morfologicas-arlindo-coelho-de-souza>>. Acesso em 2015.

Imagem Propaganda em um shopping do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/toutsbrasil/photos/a.1540180526257381.1073741830.1500986760176758/1805249726417125/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

LEYTON, Daina. Entrevista - Rede do Saber. 2016. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/84/docs/daina_leyton_educacao_como_materia_prima.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. Resumo do texto *El concepto del museo comunitario: ¿historia viviente o memoria para transformar la historia?* Apresentada na mesa redonda "Museos: nuestra historia viviente", na Conferência Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri, 6-10 out, 2004.

MARANDINO, Martha (Org.). *Educação em Museus: a mediação em foco*. GEENF – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação da Ciência. São Paulo: FEUSP, 2008.

MARANDINO, Martha (Org.). *Museu como Lugar de Cidadania*. In: Ministério da Educação. *Museu e escola: educação formal e não-formal*. Brasília, maio de 2009.

MARTINS, Luciana Conrado. *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e tecnologia*. São Paulo: s.n., 2011. 360 p: il., tabs. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

_____, Luciana Conrado (Org.); NAVAS, Ana Maria; CONTIER, Djana; SOUZA, Maria Paula Correia de Souza. *Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais*. São Paulo: Percebe, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *O Museu e a condição humana: um horizonte sensorial*. Rio de Janeiro: ICOM, 16 ago. 2013. Disponível em <<http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=2626>>. Acesso em 18 mai. 2016.

MUSEU ANTROPOLÓGICO. *Relatório 2013, 2015 e 2016*. CIC/MA.

MUSEU ANTROPOLÓGICO. Disponível em: <<https://museu.ufg.br/p/1333-historia>>. Acesso em 22 mar. 2016.

MUSEU ANTROPOLÓGICO. *Regimento Interno do Museu Antropológico da UFG*. Universidade Federal de Goiás. 2016.

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. *Política de Preservação de Acervos Institucionais*. 1995.

Museu de Morfologia - Site. Disponível em: <www.icb.ufg.br>.

Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB). *Plano Museológico*. Bahia, 2012.

OCTOBRE, (2007). In. KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. *Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil*. Fundação Oswaldo Cruz. 2012. P. 09-10.

Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020 Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2010.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>. 2003. Acesso em 20 mar. 2016.

RUBIALES, Ricardo. *Educación en museos: notas sobre aprendizaje, interpretación y sociedade del conocimiento*. Catalizador de Futuro. México. 2013. Disponível em <http://www.ungs.edu.ar/ms_centro_cultural/wp-content/uploads/2013/12/Educaci%C3%B3n-e-interpretacion-en-museos.pdf >. Acesso em 23 mai. 2016.

_____, Ricardo. *Aprendizaje y Museos: breves notas sobre que hacer museístico*. 2009. Disponível em <http://www.sibcolombia.net/c/document_library/get_file?p_l_id=33134&folderId=58658&name=DLFE-2210.pdf >. Acesso em 23 mai. 2016.

SANTOS, Karlla Kamylla Passos dos; MOYANO, Natcha. *Desafios Contemporâneos da Formação e Atuação em Museologia: Exclusão, Inclusão e Acessibilidade*. VI Seminário da REM-Goiás. Goiás. 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B00BmRqV0eHCUDBabzVkZG9mSFE/view>>. Acesso em dez. 2016.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Um compromisso social com a museologia*. Cadernos do CEOM – Ano 27, n.41 – Museologia Social. 2014.

SARRAF, Vivine Panelli. *Reabilitação do museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade*. 2008. 181 f. Dissertação (Pós-Graduação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

SILVA, Aluane de Sá. *Reflexões acerca do Estatuto de Museus e as ações realizadas pela Rede de Educadores em Museus de Goiás no Museu de Arte Contemporânea de Goiás – Centro Cultural Oscar Niemeyer*. Goiás. 2015.

SISEM|SP – *Sistema Estadual de Museus de São Paulo*, sem data, 12 p.

TOJAL, Amanda (Org.). *Caderno de Acessibilidade: Reflexões e Experiências em Exposições e Museus*. Expomus. São Paulo: 2010.

VIAL, Andréa Dias; MARTINS, Luciana Conrado; SILVA, Maurício Candido da. *Museu de Ciências da Universidade Federal de Goiás – Diagnóstico*. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2014.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Patrimônio Arqueológico Paulista: proposições e provocações museológicas*. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Volume II.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2010). *Programa Guarani de Gestão dos Recursos Arqueológicos. Diagnóstico Arqueológico Não Interventivo. Áreas de Expansão de Plantio de Cana da Unidade Industrial Cruz Alta. Municípios de Altair, Bady Bassit, Barretos, Colina, Guapiaço, Guaraci, Olímpia, Onda Verde e São José do Rio Preto, Estado de São Paulo*. Relatório Final, junho de 2010.

Outras fontes citadas – Entrevistas

ANDRADE, Gilson de Sousa. (2016). Entrevista efetuada em 30 de março de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

BENETTI, Edson José. (2016). Entrevista efetuada em 15 de fevereiro de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

CARVALHO, Adelino Adilson de. (2016). Entrevista efetuada em 21 de julho de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

FARIAS, Társis Batista. (2016). Entrevista efetuada em 30 de março de 2016, com autorização da própria. Goiânia.

FIGUEIREDO, Augusto César Ribeiro. (2016). Entrevista efetuada em 06 de maio de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

FRANCO, Elza Mota. (2016). Entrevista efetuada em 21 de julho de 2016, com autorização da própria. Goiânia.

MACHADO, Pedro Henrique Silveira. (2016). Entrevista efetuada em 17 de maio de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

MARTINS, Dilamar Cândida. (2016). Entrevista efetuada em 14 de setembro de 2016, com autorização da própria. Goiânia.

MATA, João Roberto da. (2016). Entrevista efetuada em 10 de junho de 2016, com autorização do próprio. Goiânia.

PIRES, Marcia. (2016). Entrevista efetuada em 30 de março de 2016, com autorização da própria. Goiânia.

SIMÕES, Karina. (2016). Entrevista efetuada em 11 de fevereiro de 2016, com autorização da própria. Goiânia.

Anexos

Anexo nº 1. Ficha 1 - Instrumento de Coleta de Dados Diagnóstico Museológico Gestor

Ficha 1

Instrumento de Coleta de Dados Diagnóstico Museológico – Entrevista com o gestor

Nome: _____

Idade: _____

Cargo: _____

I – Dados Institucionais

1.Nome do museu

.....

2. Gestor da instituição

.....

3. Responsável pelas atividades educativas da instituição

.....

II – Características Gerais de Instituição

1. O museu possui regimento interno? () sim () não
2. O museu possui plano museológico? () sim () não

III – Características Físicas do Museu

A edificação principal do museu foi construída originalmente para:

() Função museológica () outra função

2. Indique as instalações destinadas as pessoas com necessidades especiais:

() vagas exclusivas em estacionamentos

() bebedouro

() elevador com cabine e porta de entrada acessíveis para pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida

() rampa de acesso

() sanitários adaptados com equipamentos e acessórios próprios

() sinalização em braile

() textos/ etiquetas em braile com informações sobre os objetos em exposição

() telefone público

() outros:

.....

IV - Segurança e Controle Patrimonial

O museu possui planos de segurança e de emergência que contemplem a acessibilidade?

() sim () não

() plano de segurança contra furto e roubo

() plano de combate a incêndio

() plano de retirada de pessoas

() plano contra pânico

() outros:

2. O museu possui saídas de emergência acessíveis? () sim () não

V – Avaliação

1. Realiza? () sim () não

Descrição:

.....

Resultados:

.....

II – Características do Setor Educativo

1. Existe um setor/ divisão responsável pela educação na instituição?

() sim () não

Observações:

2. Qual o perfil dos profissionais que atuam com educação na instituição?

Grau de escolaridade e formação:

.....

Vínculo empregatício:

.....

3. Existe um programa educativo na instituição? () sim () não

Obs.: Se sim, anexo o programa ao formulário.

4. Como é o financiamento do setor/ ações educativo (as)?

.....

5. Como é feito o planejamento do setor/ ações educativo (as)?

.....

III – Ações Educativas

1. Título da atividade

.....

2. Descrição

.....

3. Objetivos

.....

4. Público-alvo

.....

5. Tempo

.....

6. Espaço

.....

7. Pessoas, materiais e custos

.....

8. Realiza Avaliação? () sim () não

Descrição:

.....

Resultados:

.....

Data da coleta de dados:

Assinatura: _____

Local:

Duração:

Gravada.

Fotos

Anexo nº 2. Ficha 2 - Entrevista com o responsável pelo atendimento ao público

Ficha 2

Instrumento de Coleta de Dados Diagnóstico Museológico – Entrevista com o responsável pelo atendimento ao público

Nome: _____

Idade: _____

Cargo: _____

I – Dados Institucionais

1.Nome do museu

2. Gestor da instituição

3. Responsável pelas atividades educativas da instituição

II – Características do Setor Educativo

2. Existe um setor/ divisão responsável pela educação na instituição?

() sim () não

Observações:

2. Qual o perfil dos profissionais que atuam com educação na instituição?

Grau de escolaridade e formação:

Tema de pesquisa:

Há quanto tempo faz mediação?

Vínculo empregatício:

Há quanto tempo trabalha no museu e quais são suas funções?

3. Existe um programa educativo na instituição? () sim () não.

Obs.: Se sim, anexo o programa ao formulário.

4. Como é o financiamento do setor/ ações educativo (as)?

5. Como é feito o planejamento do setor/ ações educativo (as)?

III – Ações Educativas

2. Título da atividade

2. Descrição

3. Objetivos

4. Público-alvo

5. Tempo

6. Espaço

7. Pessoas, materiais e custos

8. Realiza Avaliação? () sim () não

Descrição:

Resultados:

Data da coleta de dados:

Assinatura: _____

Local:

Duração:

Gravada.

Fotos

Anexo nº 3. Percepção Esplanada no Centro Cultural Oscar Niemeyer



REM - Goiás
REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DE GOIÁS
Gestão 2015/2016

Pesquisa de público MAC, Esplanada e Público.

Solicitamos sua colaboração para conhecer melhor o público que frequenta a esplanada do Centro Cultural Oscar Niemeyer. Você concordaria em responder a doze perguntas objetivas?

P1. Sexo 1- masculino 2- feminino

P2. Qual a sua idade? _____

P3. É estudante?

1- sim Qual o ano/série? _____

Se sim A- privado B- público

2- não

P4. Grau de escolaridade

1- Analfabeto

2- ensino fundamental

3- ensino médio

4- ensino superior

5- pós graduado

P5. Como você costuma vir ao Centro Cultural Oscar Niemeyer?

1- transporte público

2- carro/moto

9- outros, qual? _____

P6. Qual a motivação que traz aqui?

1- esporte/treino

2- esporte/recreação

3-lazer

Outros, qual? _____

P7. Qual o equipamento você costuma utilizar aqui no CCON?

1- bicicleta

2- patins

3- skate

4- nenhum

Outros, qual? _____

P8. Com que frequência você faz uso do espaço?

1- primeira vez

2- mais de duas vezes por semana

3- uma vez na semana

4- uma vez a cada quinze dias

5- uma vez por mês

6- raramente

P9. Você sabe que existe um Museu no CCON?

1- sim

2- não (Encerre)

P10. Você já visitou esse museu?

1- sim (encerre na P12.)

2- não (PP P13.)

P11- Quantas vezes? _____

P12- Com quem?

1- Escola

2- Amigos/ companheir@

3- Família

4- Sozinha

P13. Por que ainda não visitou o Museu?

1- desinteresse pelos temas que o museu exhibe

2- desconhece o que o Museu exhibe

3- preferência pela esplanada

4- incompatibilidade de horário

outro, qual? _____

P14. O que o museu precisa ter para você frequentá-lo? _____

PS: divulgar o encontro do dia 04/07, às 18h30min

Anexo nº 4. Percepção do I encontro da rem goiás no Museu de Arte Contemporânea de Goiás

P1. Sexo
1- masculino 2- feminino

P2. Qual a sua idade? -

P.3 Qual seu grau de escolaridade?

P4. Qual sua profissão?

P5. Você já havia ouvido falar da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás)
1 – sim 2 – não

P6. Você compreendeu o que é a REM-Goiás?
1 – sim 2 – não

P7. Gostaria de tornar-se membro?
1 – sim, deixe seu e-mail:

2 – não

P8. Você vem a Esplanada, com que frequência?
1 – primeira vez
2 – mais de uma vez por semana
3 – mais de duas vezes na semana
4 – uma vez a cada quinze dias
5 – uma vez por mês
6 – mais de quatro vezes ao mês
6 – raramente

P9. Você sabia do Museu, aqui na Esplanada do CCON?
1 – sim 2 – não

P10. Você já havia visitado este Museu?
1 – sim 2 – não

P11. Você gostou de ter visitado hoje?

1 – sim 2 – não

P12. Como você avalia nossa atividade?
1 – ótimo
2 – bom
3 – regular
4 – ruim

P13. Gostaria de sugerir, fazer algum comentário sobre nossa atividade?
1 – sim 2 – não

P14. Gostaria que houvesse outras intervenções, como esta?
1 – sim 2 – não

P15. Você participaria novamente?
1 – sim 2 – não

P16. Qual frequência gostaria que houvesse?
1 – uma vez por semana
2 – a cada 15 dias
3 – uma vez por mês
4 – bimestral
5 – trimestral
6 – semestral

Gostaria de saber dos outros Encontros da REM-Goiás?
1 – sim 2 – não

Se desejar, deixe seu contato:
Nome: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Agradecemos imensamente sua participação

Anexo nº 5. Proposta de Metodologia para o I Encontro da Rede de Educadores em Museu de Goiás

Proposta de Metodologia para o I Encontro da REM|GO Gestão 2015/2016

Mobilizar as pessoas na Esplanada com quatro cartazes. As quatro pessoas vão andar formando uma fila com um espaçamento de cerca de 10 segundos, uma pessoa da outra. As frases nos cartazes seguirão uma sequência (10 min.)

Os que vão chamar com os cartazes e as frases:

1. **Aluane** - “Oieeê!”
2. **Julianna** - “Vamos ao museu?”
3. **Kamylla** - “Agora!”
4. **Maria Angelina (de patins)** – “Vem com a REM”

Guilherme (apoio) e professora **Camila** (registro fotográfico)

Obs.: Importante todos estarem de roupa preta e fácil acesso a hora para facilitar o controle.

A partir desse momento o grupo vai se reunir na parte de sombra debaixo do MAC|GO para uma introdução que irá abordar (20 min.):

- ❖ A REM|GO e o I Encontro (**Aluane e Camila**)
- ❖ O MAC|GO (**Kamylla e Julianna**)
- ❖ A exposição (Aluane e Kamylla)

Após esse momento as pessoas irão visitar a exposição de forma livre, para os que estiverem com o equipamento vão entrar segurando, cada um o seu (30 min). Durante todo o período que estivermos no museu o **Guilherme** ficará na porta responsável pelos questionários de avaliação pós atividade.

Após a finalização do tempo sugerido para visita à exposição, iremos nos reunir no chão do museu para abordar:

- I. Questionário de forma rápida e geral (**Julianna e Kamylla** – 15 a 20 min.)
- II. Lançar algumas perguntas para debate, são elas: (**Mediação de Aluane e Camila** - 40 min.)
 - Alguma coisa mudou em vocês com essa exposição?
 - O que vocês esperavam encontrar?
 - O que vocês aprenderam?
 - O que a exposição trouxe de mensagem para vocês?
 - Vocês se emocionaram em algum momento?

Finalizar com uma salva de palmas e agradecimentos aos que ficaram conosco!

Tempo total do Encontro: Cerca de duas horas.

Anexo nº 6. Formulário Consulta Pública do Museu Antropológico

Formulário para envio de contribuições em Consulta Pública**FORMULÁRIO PARA ENVIO DE
CONTRIBUIÇÕES EM CONSULTA
PÚBLICA*****Apresentação e orientações***

Este Formulário, elaborado pelo Museu Antropológico da UFG, tem por finalidade receber contribuições da sociedade em geral, a fim de construir coletivamente um instrumento que reflita os anseios dos profissionais envolvidos com o Órgão, e que sirva de diretriz para a sua expansão e qualificação nos próximos anos.

Por favor, para o preenchimento do Formulário observe as instruções abaixo:

1. A participação no procedimento de Consulta Pública far-se-á mediante utilização de formulário próprio.
2. O formulário para envio de contribuições estará disponível no sítio eletrônico do Museu Antropológico da UFG no endereço www.museu.ufg.br.
3. Após o preenchimento, o formulário poderá ser enviado para o Museu Antropológico da UFG, no endereço indicado, por e-mail, fax ou correio, e entregues pessoalmente.
4. Os comentários e sugestões serão recebidos no período de 14 a 21/10/2014.
5. As contribuições recebidas fora do prazo, ou que não forem enviadas neste formulário, não serão consideradas na elaboração do instrumento final.
6. Ao término do prazo da Consulta Pública e após avaliação pelo Conselho Diretor do Museu Antropológico da UFG será disponibilizado relatório contendo a análise das contribuições e justificativa do posicionamento institucional.
7. Após deliberação do Conselho Diretor do Museu Antropológico, a versão consolidada das reflexões submetidas à Consulta Pública será disponibilizada ao público.
8. Esse processo contribuirá para a elaboração de diretrizes para a expansão do Órgão e sua qualificação nos próximos anos.

Contando com sua participação agradecemos!

	FORMULÁRIO PARA ENVIO DE CONTRIBUIÇÕES EM CONSULTA PÚBLICA	
---	---	---

Consulta Pública: nº 01/ ano 2014 – MA/UFG

I. Identificação do participante (Opcional)

Nome Completo:		
Endereço:		
Cidade:		UF:
Telefone: ()	Fax: ()	E-mail:

1. Por favor, aponte abaixo qual o seu segmento. (Marque apenas uma opção)

- Professor da UFG ou de outra Instituição
- Técnico-Administrativo da UFG
- Estudante de curso da graduação da UFG ou de outra Instituição
- Estagiário do Museu Antropológico (estágio obrigatório, não obrigatório, voluntário, bolsista, etc)
- Profissional da área da cultura ou de outros espaços museais
- Representante da sociedade
- Outro. Especifique:

2. Como você tomou conhecimento desta Consulta Pública? (Pode marcar mais de uma resposta)

- Sítio eletrônico da UFG
- Sítio eletrônico do Museu Antropológico
- Ofício, memorando ou convite do Museu Antropológico
- Outros sítios eletrônicos
- Amigos, colegas ou profissionais de trabalho
- Outro. Especifique:

3. De uma forma geral, qual sua opinião sobre a proposta em discussão? (Marque apenas uma opção)

- Fortemente favorável
- Favorável
- Parcialmente favorável
- Parcialmente desfavorável
- Desfavorável
- Fortemente desfavorável

II. Contribuições para a Consulta Pública**Reflexão 1**

Qual o papel de um museu universitário hoje? Dê sua sugestão. Justifique.

Reflexão 2

Um Museu para quê? Para quem? Onde? Como? Dê sua sugestão. Justifique.

Reflexão 3

O espaço onde queremos permanecer é o que hoje ocupamos? Dê sua sugestão. Justifique.

Reflexão 4

Quais as demandas espaciais que temos hoje para continuarmos desenvolvendo nossas atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão, com qualidade? Dê sua sugestão. Justifique.

Reflexão 5

Como devem ser as relações do Museu Antropológico com a comunidade externa? Dê sua sugestão. Justifique.

Anexo nº 7. Fichas de apoio elaboradas para a Maleta Arqueológica do Laboratório de Arqueologia (MALA 3 - *Arqueologia e Diversidade Cultural*) do Museu Antropológico



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Cara multiplicadora,
Caro multiplicador,

Esse material é um apoio didático para falar de Arqueologia, Patrimônio e Museus. Temas tão importantes para a sociedade, mas que são pouco abordados nas escolas, mídias e no nosso cotidiano como um todo.

Esperamos que essa iniciativa se multiplique estimulando discussões sobre o patrimônio arqueológico e cultura goiano.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

MUSEU ANTROPOLÓGICO

O Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás foi criado em junho de 1969 e inaugurado no ano seguinte. Teve como primeira coleção etnográfica uma pesquisa realizada no Parque Indígena do Xingu. O projeto MALA tem abordado duas coleções formadas durante esses primeiros anos de funcionamento do Museu: a Coleção Acary Passos e a Coleção Iluska Simonsen.

VISITE!

Horário de funcionamento das Exposições:
De terça-feira a sexta-feira das 09h às 17h
Av. Universitária nº 1166 – Setor Universitário,
Goiânia - Goiás
Para agendar visitas em grupos: Telefone: (62)
3209-6010

SAIBA MAIS:

Site: <https://museu.ufg.br/>





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Diversidade

O nosso Brasil é exemplo
Da grande diversidade
Tem uma cultura rica
Sinal de brasilidade
Com todas as diferenças



Terra dos muitos sotaques
Cores e manifestações
E com várias etnias
Preservando tradições
As diferenças existem
Entre as várias regiões.

Pluralidade cultural,
Juarês Alencar Pereira





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Museus e Patrimônios



Museus são espaços de estudo, preservação e divulgação dos patrimônios culturais. Lugares para aprender, se divertir e emocionar.

Mas o que são patrimônios culturais?

São aquelas coisas selecionadas para falar um pouco de quem somos, das comunidades às quais pertencemos. Podem ser divididos em materiais e imateriais:

O patrimônio material é formado por bens materiais: monumentos, edifícios ou sítios que tenham valor antropológico, arqueológico ou museológico.

O patrimônio imaterial é composto por bens imateriais: expressões, saberes, representações, práticas, conhecimentos e técnicas, aliados aos objetos, artefatos, instrumentos e lugares a eles associados.

Atividade 1

Propor a elaboração de um pequeno texto sobre expectativas para uma visita em um museu para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de ir. Para os que já foram, como foi e o que faltou na opinião de cada um.



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 1

Você já pensou em como é um museu? Imagina o que tem nas exposições?

Escreva aqui um pouco do que espera encontrar.

Caso você já tenha visitado algum museu, nos conte como foi.

A large, lined writing area with a brown border, intended for students to write their responses. The lines are horizontal and blue, and the area is otherwise blank.



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

O Laboratório de Arqueologia (LabArq) do Museu Antropológico

O LabArq foi inaugurado em 1985. O trabalho nele desenvolvido tem se destacado, contribuindo para o avanço do conhecimento arqueológico em espaços goianos e tocantinenses até então desconhecidos. Tem proporcionado o exercício teórico-metodológico na modalidade da arqueologia por contrato e consolidado a pesquisa arqueológica na Universidade Federal de Goiás (UFG). Outro aspecto relevante é a crescente produção de material de cunho educacional e a geração de trabalhos acadêmicos na área de Arqueologia.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

O que é a MALA?

É um kit pedagógico, composto por objetos arqueológicos e materiais de apoio que podem ser emprestados, possibilitando a realização de atividades educativas nos mais diversos espaços. Ao desenvolver esse projeto de kit pedagógico, o Laboratório de Arqueologia (LabArq) e o Setor de Intercâmbio Cultural pretendem ampliar a socialização dos acervos arqueológicos do Museu Antropológico, sendo um mecanismo de diálogo e construção entre o laboratório e a sociedade. Esse projeto é continuado e está em sua fase piloto, sendo que já foram finalizadas três MALAs, a saber:

MALA 1 - Arqueologia entre tempos e espaços;

MALA 2 - Pedras para todos os usos;

MALA 3 - Arqueologia e Diversidade Cultural.

Você está conhecendo a MALA 3, que tal explorá-la um pouco com o seu grupo?

Atividade 2

Proponha para os alunos uma reflexão sobre o que foi visto de artefatos nesse primeiro momento, uma resposta as questões colocadas a seguir:



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 2

Depois de ter visto as primeiras peças...

Que objetos são esses?

Que cor tem?

Que cheiro tem?

O objeto parece completo?

Você achou bonito?

Qual você mais gostou?

Tem objetos parecidos na sua casa?

A large, blank, lined notebook page with a brown cover, intended for writing answers to the questions above.



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Coleção Iluska Simonsen

Uma coleção é um conjunto de objetos. Nesse caso a Coleção Iluska Simonsen tem esse nome porque foi coletada durante os trabalhos realizados por Iluska, uma mulher que era apaixonada por Arqueologia, embora não tivesse formação na área. Esses estudos foram feitos no início da década de 1970, no município de Planaltina de Goiás, Estado de Goiás (MELO e BREDA, 1972; MARTINS et. al., 2009). Contudo, essas coletas não envolveram um registro detalhado dos locais onde foram realizadas as pesquisas, perdendo-se parte da informação científica. Como veremos nesse material, na Arqueologia a informação do contexto de cada objeto coletado é fundamental. Por outro lado essas peças são especialmente adequadas para a divulgação ou socialização da Arqueologia. Grande parte da coleção é formada por objetos de pedra lascada fabricados a partir de diversas matérias-primas, com predomínio em sílex, apresentando também exemplares de objetos cerâmicos, ósseo, louça, metal, entre outros.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Coleção Acary de Passos Oliveira

Essa coleção é fruto de coletas realizadas pelo sertanista Acary Passos de Oliveira. De formação militar, Acary se interessou pelo estudo dos povos indígenas e passou a pesquisá-los e a coletar objetos etnográficos nas aldeias por onde passava. Sua contribuição foi fundamental para a criação do Museu Antropológico, tendo sido seu primeiro diretor, atuando na instituição por mais de uma década. Além dos objetos etnográficos, também se interessou pelos objetos arqueológicos, reunindo numeroso acervo, formado, sobretudo, por fragmentos de potes de barro, alguns que compõem essa MALA. A principal diferença entre objetos arqueológicos e etnográficos é que os primeiros são coletados após o seu descarte pelas populações humanas, por isso grande parte dos objetos arqueológicos está fragmentada. Os objetos etnográficos, por sua vez, são coletados quando ainda estão em uso pelas comunidades.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

O que tem na MALA 3?

- I) Uma exposição itinerante, com 27 objetos arqueológicos, sendo 16 artefatos em pedra e 11 fragmentos de cerâmicas (objetos em barro);
- II) Um caderno de apoio ao professor intitulado "Educação Patrimonial e Arqueologia: atravessando tempos e fronteiras espaciais"
- III) Um caderno de atividades para o público infanto-juvenil;
- IV) Três jogos educativos para estimular a criatividade;
- V) Uma lupa para estimular o exame das peças.



Objetos em pedra



Objetos em barro





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

O que é Arqueologia?

Arqueologia estuda o ser humano a partir dos artefatos produzidos, utilizados e descartados no passado e no presente.

Ao ler esses artefatos, as arqueólogas e arqueólogos procuram compreender a transformação das sociedades através do tempo.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

O que é a MALA?

Sítio arqueológico é o local onde populações humanas habitaram. É nos sítios arqueológicos que são realizadas as pesquisas e coletas.

Um sítio pode ser um lugar em que foram construídos muros, ruas, caminhos, moradias ou pode ser um espaço a céu-aberto. Em lugares protegidos como gruta, caverna, fuma, buraco de bugre, aldeia de índio.

Nas proximidades de córrego, rio, mata; de lugares com fatura de rocha – pedra -, de sedimentos – argila. Podendo estar localizado em áreas planas, em topo de colina, nos terraços, nas cascalheiras, nas roças, no quintal da casa onde moramos e, em muitos outros lugares.

Atividade 2

Proponha para os alunos uma reflexão sobre o que foi visto de artefatos nesse primeiro momento, uma resposta as questões colocadas a seguir:



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 3

Você já pensou como é um sítio arqueológico? Imagine uma visita a um desses locais, desenha aqui o que você espera encontrar lá!





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

ALGUNS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Arqueologia, Cultura Material e Diversidade Cultural

“Ler o mundo é dominar processos de trabalho, criar sentidos, acessar relações de poder e exercer cidadania. Cada um de nós faz uma leitura única do mundo: nós trabalhamos, criamos e damos sentido às coisas. Essa leitura e ação no mundo se fazem por meio dos objetos” (Zanettini e Wichers, 2013)

A Arqueologia ao ler o mundo, o faz por meio de objetos. Podemos chamar de Cultura material o conjunto de objetos, coisas e trechos de uma determinada sociedade, do passado ou do presente. Mulheres, homens e crianças usam objetos em todas as atividades cotidianas, quando trabalham, comem, dormem e brincam, entre outras atividades.

Às vezes um mesmo objeto é utilizado por diferentes sociedades. Outras vezes, as sociedades usam objetos diferentes para a mesma função. Pense em uma tesoura, faca ou canivete: todos tem a função de cortar ou perfurar na nossa sociedade. Há milhares de anos essas atividades eram realizadas com instrumentos de pedra.

Os objetos demonstram diferentes escolhas e culturas, por isso, os objetos também estão relacionados ao conceito de Diversidade Cultural.





MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Arqueologia, Cultura Material e Diversidade Cultural

1. Objetos em pedra e as primeiras ocupações do atual território de Goiás

Segue abaixo um pequeno texto que busca caracterizar as primeiras ocupações do atual território goiano, que remonta há 10 mil anos, cujo evidência mais recorrente é a pedra lascada. Trabalhe essas informações com os alunos enfatizando o conceito de diversidade cultural.



Esse cenário é caracterizado por sociedades que se organizavam em grupos menores, compostos por mulheres, homens e crianças, cada qual com papéis específicos na organização das atividades cotidianas, sendo de especial relevância o conhecimento do território, visto se movimentarem em uma ampla área de acordo com seu planejamento e com as épocas do ano. A caça e a coleta têm um papel de destaque na obtenção de recursos, embora também desenvolvessem a pesca e o manejo de espécies vegetais. Os objetos produzidos em pedra são os vestígios mais abundantes desse cenário, uma vez que grande parte da cultura material desses indivíduos não se preservou (fibras, madeiras, ossos, entre outros). Os instrumentos líticos, sobretudo lascados, são caracterizados por uma diversidade de matérias primas, técnicas e gestos, os quais evidenciam o domínio técnico desses grupos, assim como a diversidade cultural em tela. Por ser um cenário mais recuado, não podemos traçar paralelos com as etnias indígenas atuais, embora saibamos que complexos processos de diversificação e mudança, ao longo de milênios, sejam a "ponte" entre esses grupos humanos mais recuados e as populações indígenas conhecidas historicamente (Moraes, 2015)



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Arqueologia, Cultura Material e Diversidade Cultural 2. Objetos em cerâmica e as ocupações de grupos indígenas

Segue abaixo um pequeno texto que busca caracterizar algumas ocupações indígenas do atual território goiano, que remontam há cerca de 1500 anos atrás. Trabalhe essas informações com os alunos enfatizando o conceito de diversidade cultural.



Esse cenário é caracterizado por sociedades que se organizavam em aldeias e acampamentos de atividades específicas, abrangendo um território amplo e diversificado, destinado ao trabalho na roça (agricultura), à caça, pesca e coleta. Algumas aldeias chegavam a congregar centenas de pessoas, cujas evidências mais recorrentes são os fragmentos de vasilhas de barro (cerâmicas) e os objetos fabricados de pedra. Nesse caso temos mais uma vez, a preservação, ao longo do tempo, de uma pequena parcela da cultura material utilizada por mulheres, homens e crianças no seu cotidiano. Mais recorrente, a cerâmica é objeto de estudos detalhados pela Arqueologia, sendo utilizada para traçar "pontes" entre os grupos que produziram esses objetos e as populações indígenas conhecidas historicamente. Nesse sentido, a cerâmica, de produção estritamente feminina no âmbito dessas sociedades, nos auxilia a construir narrativas a partir da maestria dessas artesãs. A região Centro-Oeste é marcada por muitos povos indígenas, sendo que dois troncos linguísticos se destacam: o Tupi e o Macro-Jê. Esses troncos são extremamente diversificados, os objetos desse kit apresentam características de ambos, revelando distintas culturas e sociedades.

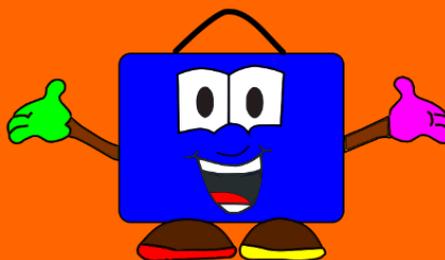


MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 4

Agora vamos observar e brincar com os objetos em pedra?

Separe
por cor!



Agora por
forma!



Quais são
instrumentos?



Quais ferramentas servem
para cortar?
E para furar?
E para raspar?



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 5

Chegou o momento de brincarmos com os objetos em cerâmica. Vamos lá?

Procure a
carinha!

Procure o objeto
com furos

Procure o
prato

Separe por
cor...

Separe por
forma!



MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 6

Usando as massinhas de modelar, vamos representar os objetos arqueológicos vistos durante a atividade.

Prontos?



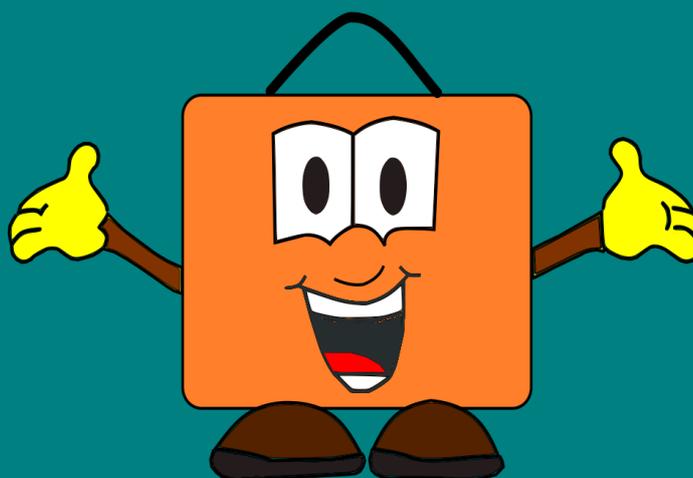


MALA Maleta Arqueológica do LabArq

Atividade 7

Elabore um texto ou desenho bem criativo abordando tudo que você mais curtiu nessa experiência.

Espero que vocês
tenham gostado da
nossa MALA.
Até a próxima!



Anexo nº 8. Instrumento percepção IV Encontro REM-Goiás



IV Encontro da REM-Goiás
 "Lavras e Louvores: Curadoria,
 Montagem e Público"
 10 de novembro de 2015, às 19 h.
 Museu Antropológico da UFG

P1. Sexo: () 1.Feminino () 2.Masculino

P2. Qual a sua idade? _____

P3. Grau de escolaridade? _____

P4. Qual curso e instituição de ensino você estuda?

P5. Qual sua profissão? _____

P6. Você já tinha visitado esta exposição anteriormente?

() 1.Sim () 2.Não

P7. Você acha necessária a mediação para a compreensão da exposição?

() 1.Sim () 2.Não

Por quê?

P8. Aponte pontos positivos e negativos da exposição, que no seu olhar precisam ser (re) considerados:

Positivos: _____

Negativos: _____

P9. O que você achou deste IV Encontro?

() 1.Ótimo () 2.Bom () 3.Regular () Ruim

P10. Você participou de algum Encontro este ano, realizado na Gestão 2015/2016, quais?

P11. Pretendemos realizar o V e último Encontro desta Gestão, em fevereiro, na Cidade de Goiás. Você tem interesse em ir?

() 1. Sim () 2. Não

P12. Deixe alguma sugestão e/ou comentário:

Anexo nº 9. Percepção do Museu de Morfologia nas proximidades da instituição.

P1. Sexo/ Gênero

- 1- masculino 2- feminino
3- não binário

P2. Idade _____

P3. Qual profissão

P4. Grau de escolaridade _____

P5. É estudante?

- 1 - sim 2 – não (não pule para p.9)

P6. Qual o ano/período? _____

P7. Estuda da UFG?

- 1 – sim 2 – não (pule para p.9)

P8. Qual curso?

P9. Você sabe que existe um Museu no ICB?

- 1- sim 2- não (Encerre)

P10. Você já visitou o Museu de Morfologia?

- 1 – sim 2 – não (Pule para 13)

P11. Quantas vezes? _____

P12. Com quem?

- 1- Escola
2- Amig@s/ companheir@
3- Família
4- Sozinh@

P13. Por que ainda não visitou o Museu?

- 1- Não sabia da existência do museu
2- Desinteresse pelos temas que o museu exhibe
3- Desconhece o que o Museu exhibe
4- Preferência por outro lazer
5- Incompatibilidade de horário
6- Outro, qual? _____

P14. O que o museu precisa ter para você frequentá-lo?

